

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Cristiane Garcia Teixeira

Um projeto de revista n' *O Espelho*: literatura, modas,  
indústria e artes (1859-1860)

Florianópolis, 2016

Cristiane Garcia Teixeira

Um projeto de revista n' *O Espelho*: literatura, modas,  
indústria e artes (1859-1860)

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria de Fátima Fontes Piazza. Coorientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Rúbia Sant'Anna.

Florianópolis, 2016



Para Janine, Jorge e André,

com amor.



## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que foram importantes ao longo desta caminhada que foi o mestrado. Uma caminhada árdua, porém prazerosa. Muitas vezes dolorosa, mas enriquecedora. Minha querida orientadora Maria de Fátima Fontes Piazza, com certeza, fez com que esta caminhada se tornasse mais exultante. O caminho mestrado jamais seria o mesmo se a senhora não estivesse caminhando ao meu lado. Em tempo algum esquecerei o carinho, a seriedade, paciência e gentileza com que compartilhou o seu conhecimento comigo. Foi um grande privilégio contar com sua orientação. Para mim, Maria de Fátima Fontes Piazza é um exemplo de pessoa e profissional que irei sempre carregar comigo, na memória e no coração. Obrigada por tornar possível a conclusão desta grande etapa na minha formação acadêmica. Agradeço também a minha coorientadora Mara Rúbia Sant'Anna que apontou importantes caminhos e leituras. Agradeço pelo carinho e a generosidade com que coorientou meu trabalho. Gostaria de agradecer o financiamento da CAPES que tornou possível esta pesquisa, bem como o Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina.

É motivo de grande satisfação poder contar com a banca examinadora da dissertação composta por Raquel Machado Gonçalves Campos, historiadora cujos trabalhos estou sempre buscando, pois tenho uma profunda admiração por suas pesquisas. Maria Teresa Santos Cunha, cuja leitura criteriosa e estimulante tenho tido o privilégio de contar desde a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, passando pelo trabalho de qualificação e agora, finalmente, a banca examinadora da dissertação. Fico imensamente agradecida e lisonjeada por terem aceitado compor a banca examinadora da dissertação. Agradeço também aos professores Mario César Coelho e Adriano Duarte

pela gentileza em aceitar o convite. Ao Adriano que foi meu professor durante o mestrado e por quem guardo admiração e carinho. Tenho muitas saudades de suas aulas e discussões instigantes.

Meus pais e irmão, um simples obrigada não mensura o sentimento que guardo por eles. Janine Cristiane Garcia, minha mãe, que com suas costuras permitiu que eu pudesse sair da pequena cidade de pouco mais de 20.000 habitantes, para me aventurar na ilha mágica que é Florianópolis. Ensinou-me a ler, a ter força e coragem. É a maior incentivadora em minhas ambições intelectuais. Jorge Luiz de Sousa Teixeira, meu pai, me ensinou sobre generosidade, humildade e a trabalhar duro. André Luiz de Sousa Teixeira, meu irmão, o meu melhor amigo. Ensinou-me o que é a dedicação e o que é profissionalismo. Obrigada por todos os momentos que precisei e vocês me atenderam. Agora o apelido de *dissertação*, que me deram, não caberá mais. Eu pesquisei, escrevi, estudei, caminhei neste mestrado com vocês e para vocês.

Gostaria de agradecer aos Moreira Espíndola, minha família “manezinha”. Tio Denir, tia Cida (*in memoriam*), Ariana, Tamires, Lucas e Juninho. Muito obrigada pelo carinho que me receberam na casa de vocês. Gostaria de agradecer aos meus amigos queridos; Ariana Moreira Espíndola, Daniel da Rocha e, agora, ao iluminado Benjamin. Fiquei mais de um ano indo e vindo de Sombrio a Florianópolis e a casa deles foi sempre a minha segunda casa. Obrigada pela amizade! E por estarem junto comigo nesta caminhada. Ari, minha amiga querida, obrigada pelas diversas sugestões, descobertas e por tantas conversas boas sobre nossas pesquisas. Você foi imprescindível para este trabalho. Obrigada pela amizade verdadeira, pelo ombro amigo e pelo carinho que sempre tens comigo.

Não posso esquecer-me daquela que não nasceu da mesma barriga que eu, mas nasceu de uma quase gêmea; Fernanda Garcia Barbosa, minha irmã querida. Que me recebe sempre com tanto carinho e amor em sua casa, em Florianópolis, juntamente com seu marido Everton Batista que generosamente me ajudou com os gráficos. Obrigada pelo carinho, pelas conversas e risadas boas, pela preocupação. Obrigada minha pei, por existir na minha vida. Obrigada pela leitura e sugestões da dissertação.

Quando vim para Florianópolis não sabia que teria a sorte de encontrar em meu caminho uma pessoa tão especial como a Gilmara de Campos Ferreira. Minha querida amiga, você é um presente que a vida e a história me deram. Obrigada sem fim por sua amizade tão valiosa. Quero agradecer também às historinetes, Day, Lizi, Vivi e Alice. Minhas amigas historiadoras e não historiadoras, vocês fazem parte da minha história e desta história. Obrigada pelo companheirismo e carinho.





## RESUMO

Esta dissertação investigou o impresso *O Espelho*: revista de literatura, moda, indústria e artes, que circulou no Rio de Janeiro entre setembro de 1859 e janeiro de 1860, totalizando 19 números. Uma revista ainda pouco estudada, que teve como colaborador mais assíduo a pena desabusada de um prosador novato que, aos vinte anos de idade, assinou como *Machado de Assis*. O objetivo da pesquisa foi investigar a revista e o projeto de moderno em que a mesma foi pautada, bem como aquele disseminado por ela.

Palavras-Chave: História dos impressos, Machado de Assis, processo modernizador, Segundo Reinado.

## ABSTRACT

This thesis investigated the printed *The Mirror*: literary magazine, fashion industry and arts, which circulated in Rio de Janeiro between September 1859 and January 1860, totaling 19 numbers. A still understudied magazine, which had the most frequent contributor to petulant penalty of a novice prose writer who, at twenty years of age, signed as Machado de Assis. The objective of the research was to investigate the magazine and the modern project on which it based, as well as that disseminated by it.

Keywords : History of print , Machado de Assis, modernizing process , Second Empire.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Capa e cabeçalho d'O Espelho, edição, n. 1.....	47
Figura 2 A Marmota, n.º 1087.....	48
Figura 3 Imagem de capa. O Espelho n.º 1 .....	49
Figura 4 . Periódico A Abelha.....	50
Figura 5 Periódico O Crítico .....	50
Figura 6 Revista Brasileira .....	51
Figura 7 Imagem de Moda oferecida pelo Espelho, n.º3.....	55
Figura 8 Polka Fascinante. O Espelho, n.º 8 .....	59
Figura 11 O Grátis da Marmota n.º 1,01/11/1859.....	112
Figura 12 Correio Mercantil n.º 255, 18/09/1859 .....	112
Figura 13 Correio da Tarde, n.º 243, 24/10/1859.....	112
Figura 14 Revista Popular 1859 .....	115
Figura 15 A Marmota Fluminense, n.º 1106, 08/11/1859.....	226



## LISTA DE TABELAS

Tabela 2 Número de artigos por colaborador/Assinatura/rubricas/pseudônimos.....	251
Tabela 3 Tipografias onde O Espelho foi impresso .....	257

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Linha evolutiva dos textos de Machado de Assis escritos para a imprensa carioca entre os anos de 1854 e 1860. ....165



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>19</b>
<i>Une tête de vingt ans</i> .....	24
O moderno como <i>Espelho</i> : .....	25
A Fonte revista n' <i>O Espelho</i> .....	28
<b>CAPÍTULO I ASPECTOS TIPOGRÁFICOS E EDITORIAIS – A VIDA MATERIAL DA REVISTA .....</b>	<b>39</b>
1.1 Estampas, partituras e retratos .....	52
1.2 “Componentes aparentemente Corriqueiros” .....	60
1.3 Possibilidades acerca do título .....	74
1.4 Instruir, moralizar e deleitar: o projeto modernizador d' <i>O Espelho</i> .....	80
<b>CAPÍTULO II LUGAR DE DESTINOS CRUZADOS – A REVISTA COMO UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE.....</b>	<b>95</b>
2.1 Os Homens de Letras n' <i>O Espelho</i> .....	97
2.2 <i>O Espelho</i> e <i>A Marmota</i> .....	110
2.2.1 Francisco Eleutério de Sousa.....	118
2.3 <i>A Tipografia de F. de Paula Brito</i> .....	141
2.3.1 Francisco de Paula Brito.....	145
2.4 A Sociedade Petalogica do Rossio Grande .....	150
2.4.1 Joaquim Maria Machado de Assis.....	154
<b>CAPÍTULO III PASSANDO EM REVISTA: O MODERNO EM LITERATURA, MODAS, INDÚSTRIA E ARTES .....</b>	<b>171</b>
3.1 O Moderno n' <i>O Espelho</i> .....	172

3.1	Revista Hoffmanniana .....	177
3.3.	O moderno em literatura .....	193
3.3.1	O fanqueiro literário .....	202
3.4.	O moderno na moda .....	203
3.4.1	O <i>dândi</i> .....	210
3.5	O moderno na indústria .....	213
3.5.1.	Os fumistas .....	214
3.6	O moderno na arte .....	216
3.6.1	João Caetano.....	220
3.7.	Uma revista bajuladora? .....	221
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>		<b>227</b>
<b>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....</b>		<b>230</b>

[...]

Meu Deus, eu peço pouco, sim, concede

Um estro de poeta... um pensamento

Com que possa arrancar o meu destino

Desse livro fatal do esquecimento

[...]

*(Lembrança de Morrer, Francisco  
Eleutério de Sousa)*

Só torço para quando me olhar no espelho,  
ainda me reconhecer. Quem vamos  
encontrar? Teremos mudado o mundo ou  
mudado a gente?

(Felipe Bechara)



## INTRODUÇÃO

Em um determinado periódico, que circulou na corte imperial, figurou um *Ginja*,<sup>1</sup> que sentado no banco de uma praça da cidade do Rio de Janeiro, vociferou indignação: “Tudo está perdido! Tudo está perdido!”<sup>2</sup>. Descobriu-se a causa da revolta quando o “velhote”, levantando-se do banco, deixou cair no chão o papel que estava lendo. Tratava-se do prospecto do jornal *O Espelho Diamantino*. Ora! Que loucura pretendiam estes moços da imprensa; “invenções, melhoras modernas [...] liberdade do comércio e da imprensa, barcos de vapor e educação das senhoras [...] passeios, companhias, teatros.”<sup>3</sup> O desprezo pelas modernidades prospectadas pelo periódico incutiu no *Ginja* lembranças saudosas do tempo em que não existiam diários; “Ah feliz tempo!”, lembrou-se ele.

Este personagem povoou o conto que tinha como título o próprio *Ginja*. Foi publicado em 1827 no jornal *O Espelho Diamantino*, mas poderia retratar também algum ginja de meados do mesmo século, quando ao abrir um determinado periódico, que não era *Diamantino*, mas também era *Espelho*, deparava-se com o projeto de revista que pretendeu seu proprietário Francisco Eleutério de Sousa:

[...] temos em vista a publicação dos romances originais ou traduzidos, que nos parecem mais dignos de ser publicados, artigos sobre literatura, indústria e artes,

---

<sup>1</sup> “homem velho, que segue as máximas e usos antigos”. Cf. BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio de Moraes. Dicionario da língua portuguesa. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789 (2 vol.).

<sup>2</sup>*O Espelho Diamantino*, 01/11/1827. p. 55-58. O conto *O Ginja* foi publicado entre novembro e dezembro de 1827.

<sup>3</sup>*Idem, Ibidem.*

poesias, e tudo quanto possa interessar ao nosso público e especialmente ao belo sexo. Também publicaremos o que de novo aparecer sobre modas e oportunamente daremos os mais modernos figurinos, que de Paris mandaremos vir, e bem assim retratos e gravuras. [...] Pugnamos pelo progresso ao mesmo tempo que tentamos satisfazer a nossa missão.<sup>4</sup>

Este excerto foi retirado do editorial que pertenceu ao semanário *O Espelho*: revista de literatura, modas, indústria e artes, que por sua vez foi objeto de pesquisa desta dissertação. Esta revista circulou no Rio de Janeiro entre os anos de 1859 e 1860, publicando um total de dezenove números, onde foram também apresentados alguns tipos curiosos que em muito lembraram a personagem *Ginja* de 1827. O possível *Ginja* de 1859 foi descrito por José Joaquim Candido de Macedo Junior, o cronista elegante d'*O Espelho*, como um tipo social que podia ser identificado por sua algibeira. Este, por sua vez, amaldiçoava os chapéus de palha e seda lindamente enfeitados que costumavam estampar, como chamariz, as vitrines das lojas das modistas “francesinhas” da Rua do Ouvidor. Sobre este *ginja*, avesso às modernidades, Macedinho escreveu:

Os velhos não compreendem sequer o sentido da palavra moda, para eles a moda é o cômodo no sentido absoluto da palavra e esse cômodo não exprime mais do que a simplicidade e a barateza. [...] Deixamos os

---

<sup>4</sup> Prospecto. *O Espelho*, n. 1 04/09/1859. As transcrições foram trazidas para a ortografia atual, mediadas por um cotejo cuidadoso com o texto escrito e impresso na revista.

velhos, com as suas extravagantes ideias de outras eras; Hoje a época é do progresso.<sup>5</sup>

O ginja d'*O Espelho* não compreendia o processo modernizador que estava vivendo a cidade do Rio de Janeiro. Era aquele que não queria, nas palavras de Machado de Assis, converter-se às máximas dos novos huguenotes brasileiros (ligados a literatura e ao teatro, principalmente) que muitos, tantas vezes, desejaram levar a fogueira da expiação. Estes ginja preferiam ainda, segundo o literato e nas palavras dele, o caminho de uma escola com criações fastidiosas, embalado nas emoções fulminantes de uma peripécia de punhal. “Deus os tenha por lá”, escreveu ao criticar as peças teatrais que estavam sendo encenadas no teatro de *São Pedro*.

A revista *O Espelho* teve como proprietário um jovem vate, estudante de medicina, chamado Francisco Eleutério de Sousa. Como a maior parte das revistas e jornais da época, comprometeu-se em preencher as lacunas literárias e culturais da cidade do Rio de Janeiro: “É sabido quanto são escassos os meios entre nós de desenvolver-se a inteligência, que também necessita de um sopro vivificador que a anime”.<sup>6</sup> Pois, “jornais literários pode-se dizer que não os há nesta vasta capital; e, pois será esse um duplo merecimento que teremos.”<sup>7</sup> Portanto, *O Espelho* apresentou-se como a esperança de concretização de uma causa, que tinha como missão o progresso. A revista

---

<sup>5</sup> MACEDO, Joaquim Cândido de Macedo Jr. Crônica elegante. *O Espelho*, n.º 1, 18/09/1859.

<sup>6</sup> Editorial de *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.

<sup>7</sup> Idem, *Ibidem*.

desejou ser um “reverbero de uma parte desses raios com que a inteligência procura[va] iluminar o mundo.”<sup>8</sup>

A escolha pela revista tangenciou diversas razões, como o fato de ser *O Espelho* uma revista pouco estudada e abranger uma diversidade de nomes da esfera literária da época – Bruno Henrique de Almeida Seabra, Casimiro José Marques de Abreu, Ernesto de Kruger Cibrão, Francisco de Paula Brito, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, Joaquim Maria Machado de Assis, Joaquim de Oliveira Catunda, José Joaquim Cândido de Macedo Junior, Justiniano José da Rocha, Ladislau de Souza Mello e Netto, Laurindo José da Silva Rabello (o poeta Lagartixa), Manoel Duarte Moreira de Azevedo, entre outros. Esta diversidade de colaboradores – os fixos e eventuais – refletiu na revista uma pluralidade de assuntos, opiniões e posicionamentos literários.

Foi importante para esta investigação traçar um perfil dos colaboradores d’*O Espelho*. Buscou-se mapear a data/local de nascimento e morte, formação e profissão, mas principalmente o espaço que cada um deles possuiu na revista, dando um enfoque maior àqueles colaboradores mais assíduos. Fez-se isso na tentativa de buscar explorar uma possível rede de sociabilidade da qual *O Espelho* poderia ter sido consequência. Foi preciso conhecer quem escreveu para a revista para poder compreender o impresso em sua totalidade.

Neste sentido, refletiu-se sobre a revista como um lugar de relações afetivas e um espaço de sociabilidade. Visto que “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma

---

<sup>8</sup> Idem, *Ibidem*.



vontade e um gosto de conviver”.<sup>9</sup> São relações difíceis de apreender, mas que o historiador não pode ignorar.

Para angariar o máximo possível de informações sobre o quadro de colaboradores fez-se necessária a pesquisa em Dicionários de autores, pseudônimos, abreviaturas da época e em outras bibliografias, mas principalmente nos arquivos da Biblioteca e Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, bem como na Biblioteca Brasileira, Guita e José Mindlin e no Arquivo do Exército da Bahia. A procura por informações nestes arquivos, sobre os colaboradores d’*O Espelho*, deu-se, principalmente, através da pesquisa em diversos periódicos da época, como: *A Marmota* (em suas três versões); *O Correio da Tarde*; *Correio Mercantil*; *Diário do Rio de Janeiro*; *Revista Brasileira*; *Revista Popular*; *O Anunciador*; *O Acadêmico*; *Courrier du Brésil*; *A Pátria*; *Diário de São Paulo*; *A Paraíba*; *Echo na Nação*; *Periódicos dos Pobres*; *Brasil Comercial*; *Novo Correio de Modas*; *O Globo*; *Jornal das Senhoras*; *O Republico*; *A Abelha*. Além de pastas que guardam documentos referentes ao *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*; *Boletim do Expediente do Governo*; *Brasil Ministério do Império*; *Almanak do Ministério da Guerra*.

Ainda assim não foi possível encontrar, com precisão, informações sobre todos os membros do quadro editorial da revista, um número que se aproximou de quarenta colaboradores.<sup>10</sup> Não houve uma apresentação destes membros, no entanto alguns deles foram mencionados em rubricas no corpo textual da revista, como Casimiro de Abreu, Machado de

---

<sup>9</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, Réne. *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2003. p. 248.

<sup>10</sup> Este valor é aproximado, pois há, na revista, muitos pseudônimos e abreviaturas que ainda não se sabe com certeza de quem são. Além de muitos artigos sem assinatura e alguns em anonimato.

Assis, Bruno Seabra, José Joaquim Candido de Macedo Junior (Macedinho). Pôde-se considerar que grande parte dos colaboradores não foram membros fixos, pois suas participações eram episódicas, aparecendo entre uma e oito vezes na revista.

### *Une tête de vingt ans*

Outra questão que motivou a escolha por esta revista foi o fato de ter em seu quadro editorial, e como principal redator, a pena desabusada de um “prosador novato” – como ele mesmo apresentou-se – Joaquim Maria Machado de Assis. Com então vinte anos de idade, o Machadinho que colaborou para a revista *O Espelho* não era ainda tão conhecido pelos jornais e leitores da época, embora possam ser encontrados textos de sua autoria na Marmota de Paula Brito desde 1855. A revista surgiu para o literato iniciante como sua primeira oportunidade de trabalho. Anterior à sua fundação Machado de Assis já havia aparecido de forma episódica em outros impressos. Segundo Magalhães Junior, *O Espelho* seria seu oitavo aparecimento em periódicos. Segundo Jean-Michel Massa, “Ele já assinara algumas traduções e quebrara algumas lanças [...], mas sua pena não havia ainda achado emprego”.<sup>11</sup> Desta maneira, se dedicou com impetuosidade ao empreendimento, escrevendo até o último número da revista. Pela primeira vez escreveu diversos textos seguidos. Para *O Espelho* não escreveu contos e romances em folhetins, e sim artigos, crônicas (críticas teatrais e literárias) e poesias.

A hipótese que se levantou foi a de que Machado de Assis foi mais que apenas um colaborador d’*O Espelho*. Acredita-se que o mesmo esteve diretamente envolvido no processo de construção da revista. Alguns aspectos, tanto de posicionamento em seus artigos, quanto do espaço ocupado por

---

<sup>11</sup> MASSA, Jean – Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839 – 1870)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A. 1971. p. 235

ele na revista, destoavam dos demais colaboradores. Ao mapear os 19 números d'*O Espelho* constatou-se que o *prosador novato* assinou, pelo menos, 38 artigos.<sup>12</sup> O colaborador que teve uma participação mais próxima foi Manuel Duarte Moreira de Azevedo, que assinou 21 artigos.<sup>13</sup> O restante publicou entre oito e um artigos. Ademais, os artigos de Machado de Assis abriram a revista, pelo menos, 12 vezes.<sup>14</sup>

### O moderno como *Espelho*:

Em uma leitura preliminar da revista foi possível perceber que a palavra *moderno* foi utilizada constantemente. O desejo e o projeto de ser moderno puderam ser identificados no corpo textual d'*O Espelho* através de passagens como; “o que de mais moderno se usa”, “escritor moderno”, “espírito moderno”, “bíblia da arte moderna”, “drama moderno”, “hino moderno”, “os nossos relógios modernos”, “o grande veículo moderno”, “moderna literatura”, “tempos modernos”, “civilizações modernas”, entre outras. Ficou claro que o projeto principal da revista não foi, em certa medida, a promoção e a reflexão sobre a modernidade, mas sim um combate no campo das letras. No entanto, este combate literário, ou seja, a batalha para a promoção das letras, pelo incentivo do governo à literatura, aos homens de letras e a arte de cunho nacional se valeu, muitas vezes, da promoção e reflexão de um projeto de *moderno*. Em uma outra perspectiva, o moderno presente na revista serviu, nesta pesquisa, como uma estratégia para poder explorar o

---

<sup>12</sup> Há ainda alguns textos de autoria duvidosa, pois não trazem assinatura, apenas abreviaturas que podem ser atribuídas ao autor.

<sup>13</sup> Com relação à Moreira de Azevedo há também alguns textos de autoria duvidosa, onde as abreviaturas podem ser atribuídas ao autor.

<sup>14</sup> Edições número 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 14, 16, 17. Nesta contagem não foi levado em consideração aqueles assinados por possíveis pseudônimos e abreviaturas do autor.

máximo possível dos elementos d'*O Espelho*. Existiu um projeto de moderno na revista, mesmo que o embate literário tenha sido o “carro chefe” de seus objetivos. Este projeto de moderno pôde ser percebido desde sua materialidade até os temas centrais da revista, como a moda e a indústria, por exemplo.

A escolha pelo moderno, então, justificou-se na medida em que o conceito serviu também como estratégia para abarcar a pluralidade dos assuntos abordados pelo *Espelho*, que é o objeto de investigação desta dissertação de mestrado. O moderno tangenciou todos os principais temas trazidos pela revista, como o *moderno* na literatura, na moda, na indústria e na arte. Portanto, o combate no campo das letras também foi problematizado neste trabalho. Deste modo, o primeiro questionamento que surgiu, durante esta leitura, referiu-se a entender o que caracterizou este moderno disseminado pela revista. Foi deste questionamento que a investigação partiu.

Doravante, passou-se a refletir sobre este processo modernizador no e d'*O Espelho*, levando em conta o que escreveu Marshall Berman sobre a ideia de modernismo e modernização;

[...] o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a ideia de modernismo e modernização.<sup>15</sup>

---

<sup>15</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Deste modo, poder-se-ia dizer que o *Ginja* do *Diamantino*, de 1827, posto no início desta introdução, transfigurou-se, n' *O Espelho* de 1859, em um cavalo da *Fábula de Lachambeaudie*, traduzida, possivelmente, por Francisco de Paula Brito.<sup>16</sup> Publicada na edição número três da revista, a fábula narrou uma disputa entre *A locomotiva e o cavalo*, que teve como objetivo decidir qual dos dois era o mais rápido e como consequência, qual deles teria o seu nome cravado na história:

Rival da Locomotiva/Um Cavallo buscou ser, / Supondo que mais do que ela/ Ele podia correr

N'um caminho em que tomavam/Ambos igual direção, / Disse ao Vapor o Cavallo/ Brioso escavando o chão:

Por mais que queiras não podes/ A palma ter da vitória, /Nem fazer com que o teu nome/ Como o meu brilhe na história.

Do fogo que te alimentas/ As línguas vejo sair:/. É nesse arsenal de guerra, / Que tens de consumir.

Deveras, tu te apresentas/Como meu competidor? / Pretendes lutar? – Lutemos, /Disse ao Cavalo o Vapor.

---

<sup>16</sup> Tanto na *Marmota* (n. 1091, de 16/09/1859), quanto no *Espelho*, as traduções das fábulas de *Pierre Lachambeaudie*, (às vezes com modificações do original e acrescidas de uma espécie de prosa em verso) foram assinadas por *Paula Brito*. É dele o artigo, na *Marmota*, que expõe a informação de que a tradução da fábula do francês *Lachambeaudie*, intitulada *Flor e a Nuvem* só ficaria *suportável* com algumas modificações e assim acrescentou a prosa em verso assinada por ele.

Mau grado a desproporção/ Entre um e  
outro querer/Junto da Locomotiva/ Põe-se o  
Cavallo a correr/ Um enche os ares de pó.

Outro de negra fumaça! /Não há triunfo  
entre os dois/ Pois um ao outro não passa.

Exausto, porém, de forças, / O Cavallo cai e  
morre;/O que faz a Locomotiva? /Com mais  
fogo ainda corre!<sup>17</sup>

Entendeu-se, através de sua leitura, que a locomotiva venceu o cavalo. Este último, que representava a tradição, cai e morre, enquanto a locomotiva, representando a modernização imbuída do sentido de modernidade, com ainda mais fogo na caldeira, corria aceleradamente. Ao pé de sua publicação conseguiu-se ler um pequeno verso em prosa, assinado por *Paula Brito*: Quando a proterva ignorância/Foge do século á luz, / No abismo se precipita/ A que seu erro a conduz. / Sempre que a velha rotina/ Ao *progresso* der conselho, / Será bom que não se esqueça/ De se mirar neste espelho.<sup>18</sup> A maior parte dos colaboradores desejava o progresso; “hoje a época é do progresso”, que estava, muitas vezes, figurado no projeto de moderno. Esta ideia de mirar-se neste *Espelho* que era a revista, ligada a ideia de um moderno, conduziu a investigação.

A Fonte revista n’*O Espelho*

---

<sup>17</sup> BRITO, Francisco de Paula. A Locomotiva e o Cavallo. *O Espelho*, nº 3. 18/09/1859.

<sup>18</sup> Idem, *Ibidem*.

Uma revista como fonte de pesquisa, tem como vestígio do passado um “corpo tipográfico”,<sup>19</sup> sobretudo, o “documenta” através de registro múltiplo: do textual ao iconográfico, do extra textual [...], do perfil de seus proprietários àquele de seus consumidores”.<sup>20</sup> Como afirma Mônica Pimenta Velloso, a revista, mais do que qualquer outro impresso, agrega e sintetiza formas mistas de comunicação; a oralidade, a escrita e o visual.<sup>21</sup> Tendências historiográficas atuais procuram reconhecer que a imprensa é mais do que um registro dos acontecimentos de época, através de sua análise é possível ir ao encontro de uma sociedade e também verificar como os impressos em geral interagem com a complexidade deste contexto, entendendo-os como “sujeito da sociedade e do processo histórico”,<sup>22</sup> partindo do princípio de que o historiador pode tratar o impresso não só como fonte, mas também como objeto de interrogação.<sup>23</sup> O trabalho com a revista exige cuidado por parte do historiador, é preciso inseri-la em seu tempo e entender que é impossível separar o seu conteúdo do lugar ocupado por sua publicação na sociedade e na história da imprensa, suas informações devem ser

---

<sup>19</sup> CHARTIER, Roger. *A mente do autor e a mão do editor*. São Paulo: UNESP, 2014.

<sup>20</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Fapesp, 2008. p. 21.

<sup>21</sup> VELLOSO. Mônica Pimenta. Um agitador Cultural na Corte: a trajetória de Paula Brito. KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011 p.75.

<sup>22</sup> KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p.8

<sup>23</sup> Idem, Ibidem.

analisadas como representação das questões acerca de seu tempo.<sup>24</sup>

Desta maneira, esta dissertação procurou apresentar, pensando em seu objetivo metodológico, a revista *O Espelho* sob uma dupla perspectiva: como *fonte de pesquisa* e como *objeto de análise*. Como “documento-revista” foi pensado em seus componentes “aparentemente corriqueiros” – expressão utilizada por Ana Luiza Martins – como; formato, papel, tiragem, imagens, que sugeriram uma série de questões que prenunciaram a carga de historicidade presente na revista.<sup>25</sup> Foram levadas em consideração as condições de sua produção, o campo tecnológico que fazia parte, o campo editorial, o objetivo a que a revista se propunha e o público alvo. Foi também levada em conta a relação material da revista com a modernidade, às escolhas por ilustrações, polcas, entre outras questões que simbolizaram o moderno em revista.

O surgimento d’*O Espelho* deu-se em um período de efervescentes mudanças na cidade do Rio de Janeiro, onde a imprensa carioca ganhava novos contornos com as primeiras flamas do processo de modernização da comunicação em massa e tornava-se um espaço fundamental para a manifestação de ideias e disseminação de gostos. Esta imprensa estava marcada, sobretudo, pela liberdade de expressão que se combinou a uma profusão de diversos tipos de impressos com formatos e temas variados. Com novos enfoques, não mais só o estritamente político caracterizado pelo periodismo de opinião do Primeiro Reinado. Tendeu também na busca por um público mais abrangente, com interesses diversificados. *O Espelho* presenciou

---

<sup>24</sup>LUCA, Tania Regina de. Periodismo Cultural: A trajetória da Revista do Brasil In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. São Paulo: Fapesp, 2005. p. 293-312.

<sup>25</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Op. Cit.*, p. 17.



o surgimento dos primeiros profissionais dedicados exclusivamente à imprensa: a criação da profissão de jornalista, com Justiniano José da Rocha<sup>26</sup> (também colaborador da revista *O Espelho*) e a afirmação da profissão de tipógrafo.<sup>27</sup>

Na história literária, poder-se-ia dizer que *O Espelho* surgiu na transição entre o Romantismo e o estilo Realista. Na arte dramática esta transição ficou bastante evidente. Principalmente porque o lugar de honra do teatro, na revista, foi ocupado pelo, até então, crítico teatral Machado de Assis que elegeu a escola realista como o modelo estético ideal na tarefa de conceber o teatro enquanto meio de civilizar a sociedade e os povos.<sup>28</sup> Na edição número dois da revista, ao fazer a crítica a

---

<sup>26</sup> FONSECA, Gondin. *Biografia do Jornalismo Carioca. (1808 – 1908)* Rio de Janeiro: Quaresma Editora, 1941.p. 167.

<sup>27</sup> Em meados de 1858, segundo Gondin da Fonseca, os “tipógrafos fizeram até uma greve!” Foi a primeira que há memória no Rio de Janeiro. Pediram um aumento de dez tostões no salário!” Ver em: Idem, p. 69. Nelson Schapochnik apontou que os tipógrafos do Rio de Janeiro não só organizaram esta greve em 1858, como também se envolveram na defesa da abolição gradual da escravidão. Ver em: SCHAPOCHNIK, Nelson. *Malditos Tipógrafos*. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO SOBRE LIVRO E HISTÓRIA EDITORIAL, 1., 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* . Rio de Janeiro: 2004. p. 1 - 25. Disponível em:

<<http://ww.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/nelsonschapochnik.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2014. Ana Luiza Martins afirmou que também em 1858 os tipógrafos, além do embate da greve, criaram seu próprio jornal, o *Jornal dos Tipógrafos*. Ver em MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em Tempos de Império*. In: MARTINS, Ana Luiza; MARTINS; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.p. 52.

<sup>28</sup> GODOI, Rodrigo Carmargo de. *Entre comédias e contos: A formação do ficcionista Machado de Assis (1856-1866)*. 2010. 412 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000477603>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

peça teatral o *asno morto*, tirada do romance de Jules Janin de mesmo título, Machado declarou: “*O asno morto* pertence à escola romântica e foi ousado pisando a cena em quem tem reinado a escola realista. Pertença a esta última, por mais sensata, mais natural e de mais iniciativa moralizadora e civilizadora.”<sup>29</sup> Outro exemplo foi quando escreveu, na edição número quatro, sobre os acontecimentos apazíveis e notáveis que as renovações estéticas promovidas pelo *Ginásio Dramático* havia dado a arte brasileira: “Iniciou ao público da capital, então sufocado na poeira do romantismo, a nova transformação da arte – que invadia então a esfera social.”<sup>30</sup>

A revista de Francisco Eleutério de Sousa pareceu ter sido moldada na mesma “fôrma” que o jornal de variedades *A Marmota* e na verdade foi, pois, os primeiros números da revista saíram do mesmo prelo de onde saiu o jornal. Os dois impressos ofereceram poesias, romances em folhetins, brindes que abrangiam figurinos de moda e partituras musicais. Tinham como pretensão atuar na formação cultural e moral do leitor. Poder-se-iam considerar, como o fizeram, revista e jornal literário. No entanto, foi preciso atentar-se para o fato de que o conceito de literatura estava ganhando autonomia durante o século XIX e que antes disto o termo era sinônimo de conhecimento, ou seja, ainda durante o oitocentos os jornais e revistas que se denominaram literários e o próprio cognome *literário* estava associado a outros termos como político, recreativo, científico, crítico. O próprio discurso de *deleite* e *instrução* englobava uma gama maior de assuntos.<sup>31</sup>

---

<sup>29</sup> ASSIS, Machado de. Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859.

<sup>30</sup> Idem. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

<sup>31</sup> SANTOS, Rinaldo Cavalcante. *A Marmota na Corte*. Recreação e vereda literária no cenário cultural do século XIX. (1849-1852). Dissertação (Mestrado em letras). Assis, Universidade Estadual Paulista – UNESP. 2009.

A *Marmota* foi fundada por Francisco de Paula Brito e circulou até 1861, embora tenha tido alguns números esparsos até 1864. Ostentou três títulos: *A Marmota na Corte* (1849 – 1852), *A Marmota Fluminense: jornal de modas e variedades* (1852 -1857) e *A Marmota: folha popular* (1857 – 1864). As três fases tiveram suas particularidades; na primeira registrou, através das crônicas, os inconvenientes da cidade do Rio de Janeiro “como a falta do pároco em determinado bairro, o atoleiro que se formou em certa rua, o estado de deterioração de alguns edifícios”.<sup>32</sup> Deu um pequeno espaço à seção de entretenimento e de versos. Já a segunda fase, com Paula Brito como o principal redator, o jornal deu ênfase ao espaço destinado à literatura. Foi neste período que apareceu o espaço destinado ao *Folhetim*. Na última fase conservou-se a ênfase literária.

Tanto o jornal, quanto a revista, se comparados à grande imprensa do período, podem ser considerados impressos “menores”.<sup>33</sup> Estas características aproximaram *A Marmota* do *Espelho*: conteúdos, propostas e objetivos similares, mesma tipografia (pelo menos os primeiros quatro números), mesmos colaboradores, diversas propagandas e anúncios d’*O Espelho* na *Marmota*, a prática de distribuir figurinos e partituras musicais, o fato de o lançamento de uma se dar no aniversário de dez anos da outra. Todas são informações que, de alguma maneira, entrelaçaram a vida da revista com a do jornal de variedades. Esta comparação entre os dois impressos se fez importante quando da insuficiência de documentos e informações sobre o

---

<sup>32</sup> SIMIONATO, Juliana. *A Marmota de Paula Brito*. In: RAMOS, José de Paula; DAECTO, Marisa Midori; Filho, Plínio Martins. *Paula Brito, editor poeta e artífice das letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com Arte, 2010. p. 106.

<sup>33</sup> Cf. MASCARENHAS, Nelson Lage. *Um jornalista do Império* (Firmino Rodrigues Silva). São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1961.

proprietário d’*O Espelho* – Francisco Eleutério de Sousa – e de suas motivações e objetivos para o planejamento e o lançamento da revista. Desta maneira, o estreitamento entre a revista e o jornal de variedades fez com que surgissem possibilidades de pensar uma ligação também entre seus proprietários; Francisco Eleutério de Sousa e Francisco de Paula Brito.

*O Espelho* teve uma vida efêmera, ao contrário da *Marmota*, mas à semelhança de muitos outros periódicos oitocentistas do Brasil. Na tipografia de Paula Brito, por exemplo, o número de edições dos periódicos variou entre um e trinta para os mais breves e entre cinquenta e cem números para os mais longevos. “A imprensa periódica era prejudicada pela falta de capitais e pela intermitência de muitas publicações”.<sup>34</sup> Seu conteúdo abrangia poesias, romances – traduzidos e originais –, contos, crônicas, críticas literárias e teatrais, fábulas, lendas, mosaicos, notícias á mão. Possuiu um programa bastante ambicioso e até mesmo utópico, ao pretender, por exemplo, chegar além dos salões dos ricos, no tugúrio do pobre. Algo impensável num país escravista com a maioria da população analfabeta.<sup>35</sup> Esta proposta editorial ligou a revista a um grupo

---

<sup>34</sup> FERREIRA, Tania Maria Bessone da. A Presença Francesa no Mundo dos impressos no Brasil. In: KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Op. Cit., p. 49.

<sup>35</sup> Segundo o censo de 1872 cerca de 80% da população da cidade do Rio de Janeiro era analfabeta. Sendo o hábito de mandar os filhos estudar no exterior, ou mesmo a alfabetização no próprio país uma prática da elite carioca. Aos menos favorecidos economicamente permanecia a sorte do apadrinhamento para o financiamento dos estudos ou mesmo a participação em leituras em grupo, prática comum na corte carioca. O que explica em grande medida as características de oralidade existentes na construção do leitorado brasileiro. Outra questão que afastou o pobre do círculo de leitores foi o preço das assinaturas e do número avulso dos periódicos. Para ter uma ideia, um par de sapatos, o mais simples deles, custava em torno de 1\$500, a metade do custo da assinatura de um pequeno jornal que circulou na Corte. Portanto, podia-se falar do pobre – como o artigo *A Miséria*, publicado n’o *Espelho* na edição número um, de 04/09/1859, mas dificilmente falava-se ao pobre. Cf. COSTA,

de periódicos que consideravam a disseminação da informação um meio para o desenvolvimento e progresso. Preocupação de caráter dispendioso ao século XIX, onde países como o Brasil ainda estavam criando suas bases nacionais.<sup>36</sup>

Como já argumentado, sabe-se pouco sobre o proprietário d'*O Espelho*. No entanto, esta ausência de informações permitiu alguns “talvez” e “pode ser” de que o historiador dispõe quando há lacunas documentais.<sup>37</sup> A estratégia adotada foi rastrear o nome Francisco Eleutério de Sousa (Souza)<sup>38</sup> e as assinaturas F. E. de Sousa (Souza); F. Eleutério de Sousa (Souza) em alguns periódicos que circularam na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1850 e 1868. Pesquisou-se também em bibliografia disponível sobre a revista *O Espelho*, sobre Francisco de Paula Brito e Machado de Assis, a fim de encontrar alguma informação que pudesse contribuir para esta pesquisa. Desta maneira foi possível refletir sobre algumas possibilidades.

Se por um lado sabia-se pouco de Francisco Eleutério de Souza, por outro se pôde explorar algumas possibilidades em torno de outra figura importante para a revista: Francisco de

---

Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012 e MEYER, Marlyse. *Folhetim. Uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>36</sup> MACHADO, Ligia Cristina. A Revista Popular (1859 – 1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz et al (Org.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013. Cap. 2. p. 119-142.

<sup>37</sup> GINZBURG, Carlo. *O Fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 312.

<sup>38</sup> Em algumas vezes o próprio Eleutério assinou o sobrenome Sousa com a letra z, portanto fez-se uma busca por Sousa e Souza.

Paula Brito. Pensou-se neste último, no seu jornal de variedades *A Marmota*, bem como na sua Tipografia como um ponto de intersecção entre os colaboradores d'*O Espelho*. Apenas os quatro primeiros números da revista foram publicados na Tipografia de Paula Brito, sendo que esta prática de imprimir apenas alguns números de um periódico, geralmente os primeiros, não foi incomum nesta tipografia. Ainda assim Francisco de Paula Brito permaneceu como colaborador da revista e em sua *Marmota* pôde-se verificar diversos anúncios e propagandas d'*O Espelho*.

Francisco de Paula Brito – considerado por Machado de Assis o primeiro editor brasileiro digno deste nome,<sup>39</sup> até ele o campo editorial brasileiro fora dominado por portugueses e, sobretudo, franceses – ofereceu, com frequência, apoio financeiro aos jovens escritores sem recursos. Paula Brito os acolhia em sua casa e os empregava na sua tipografia onde movimentou uma rede de sociabilidade intelectual. Foi neste mesmo local que coexistiu, juntamente com a tipografia, uma espécie de ponto de encontro de intelectuais de onde emergiu a *Sociedade Petalógica*. Dentre os membros da *Sociedade* estavam também os colaboradores d'*O Espelho*.<sup>40</sup> É muito provável que Francisco Eleutério de Souza tenha feito parte desta agremiação.

---

<sup>39</sup>ASSIS. Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*: n. 186, 07 jul. 1864.

<sup>40</sup> Diversos foram os membros da Sociedade Petalógica, dentre eles pôde-se encontrar grandes nomes como Antônio Gonçalves Dias, Castro Alves, Teixeira e Souza, Araújo Porto Alegre, Domingos Gonçalves de Magalhães, Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Saldanha de Marinho, Alvarez de Azevedo, Arthur Azevedo, Quintino Bacaiúva, entre outros. Cf. GONDIN, Eunice Ribeiro. *Vida e Obra de Paula Brito: Iniciador do Movimento Editorial no Rio de Janeiro*. (1809-1861). Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

Esta dissertação foi dividida em três capítulos. Procurou-se organizá-los pensando na prática de leitura, no caso de uma revista. Em um primeiro momento pega-se a revista na mão – é o primeiro contato – olha-se a capa, suas informações tipográficas, sente-se a sua materialidade. Portanto, no primeiro capítulo desta dissertação procurou-se historicizar a revista, tratar da análise de suas questões materiais pensando o momento de sua publicação na história da imprensa. Procurou-se desenhar um perfil d’*O Espelho*, passando pelo maior número de questões que a revista suscita em um primeiro olhar. O segundo momento, depois do primeiro contato, é quando buscamos conhecer o quadro editorial da revista, onde o leitor passa o olhar sobre o sumário e seus autores. Portanto, no segundo capítulo fez-se uma análise do quadro editorial d’*O Espelho*. Procurou-se obter um maior entendimento sobre a revista a partir da compreensão do lugar de onde “falavam” seus colaboradores que foram considerados lugares de *destinos cruzados*. O terceiro momento é aquele, que recostado em uma poltrona, talvez com uma xícara de café na mão, o leitor passa a ler o conteúdo da revista, de forma mais demorada. Desta maneira, no terceiro capítulo está a análise do conteúdo da revista – o desfile dos temas/assuntos. Como a questão do moderno foi problematizada por seus colaboradores e o que foi entendido e disseminado como sendo o moderno na literatura, na moda, na indústria e na arte, que eram as temáticas debatidas pelos colaboradores da revista.

O trabalho com uma revista pouco estudada que disseminou ideais visivelmente progressistas e com pretensões de também divulgar o moderno na literatura, moda, indústria e artes, bem como problematizá-lo, abarcando, ainda os riscados do jovem Machado de Assis (Foi nesta revista que ele passou a usar esta assinatura),<sup>41</sup> justifica a importância da pesquisa que resultou nesta dissertação. Ademais, este trabalho procurou

---

<sup>41</sup> MASSA, Jean-Michel. *A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit.*,

inserir os textos de Machado de Assis – o ainda desconhecido Machadinho – em seu contexto de produção e circulação. Desta maneira, esta pesquisa procurou contribuir para uma história da imprensa que não está centrada somente no jornalismo político e que buscou caracterizar sua inserção profunda em diversos campos das ideias e da imaginação, ao lado da história editorial, e dos editores, propriamente dita. Além do mais, a revista *O Espelho* não fez parte do círculo da grande imprensa do período, caracterizando-se e encaixando-se na categoria dos *impressos efêmeros* que eram inseridos de forma corriqueira na vida cotidiana da época. Desta maneira, torna-se outro tipo de fonte problematizadora do período. Ao tratar de autores conhecidos na época e esquecidos nos dias atuais, bem como os que ainda são desconhecidos – como Francisco Eleutério de Sousa – esta pesquisa corrobora, de certa maneira, para uma melhor compreensão do campo intelectual do Brasil Imperial.



## CAPÍTULO I ASPECTOS TIPOGRÁFICOS E EDITORIAIS – A VIDA MATERIAL DA REVISTA

Revistas, jornais, gazetas, almanaques, pasquins, hebdomadários, são muitos os tipos e termos utilizados para fazer referência aos impressos que ganharam vida no Brasil do século XIX. Definir as características específicas de cada um é uma tarefa difícil, principalmente tratando-se dos impressos jornal e revista que em muitos momentos confundiram-se. O que ocorreu com frequência foi o surgimento de revistas em formato de jornal que se transformaram em seguida em revistas periódicas. Com relação ao impresso de tipo revista, não há uma definição precisa que possibilite singularizá-la a partir de sua configuração. No entanto foi possível pensar em alguns traços primários de suas características que podem guiar o pesquisador no trabalho com este objeto. O fato de *O Espelho* levar a palavra revista no título incitou algumas reflexões neste sentido.

Segundo o jornalista Carlos Costa, há um anacronismo em utilizar o termo *revista* ao tomar como referência periódicos impressos antes do último quartel do século XIX. Neste período as características dos impressos se confundiram em demasia. Existiram revistas produzidas em formato de jornal, com folhas soltas *in folio*, corroborando para que alguns periódicos que poderiam ser considerados revistas terem se intitulado jornais, na época. O contrário também aconteceu, quando qualificavam a publicação revista sob uma projeção idealizada, como sendo superior ao impresso jornal. Desta maneira, alguns jornais foram anunciados por seus proprietários como sendo revistas. Para Carlos Costa, foi com a implantação do telégrafo, do telefone, da fotografia e da prensa a vapor que se pôde começar a delimitar as características de cada tipo de publicação. Ao jornal coube dedicar-se ao *hard news*: tragédias, catástrofes, fatos ocorridos na véspera da impressão. Para as revistas foram

reservados as análises, as críticas, as informações em profundidade e o entretenimento.<sup>42</sup>

Para Ana Luiza Martins, o emprego ambíguo da nomenclatura *revista*, por se confundir com a terminologia do *jornal*, causou equívocos de concepção, relativizando sua definição que passou por mutações em seu processo histórico. “A formulação do que vinha a ser uma revista, na concepção de seus próprios mentores – proprietário, editores, redatores, colaboradores – reforçava as dúvidas de entendimento”.<sup>43</sup> Segundo a historiadora, os jornais e as revistas eram instrumentos correntes de informações. Para os primeiros foi consignado notícias de teor político e de divulgação imediata, sendo sua publicação diária. Para a segunda – com periodização semanal, quinzenal, mensal, trimestral, semestral e até mesmo anual – cabiam temas variados, informações mais elaboradas e anúncios das últimas descobertas na área que a revista pertencia. Visto que a existência do periodismo ancorou-se em agremiações e/ou grupos que procuravam uma colocação, validando-se do aperfeiçoamento do papel e de novas técnicas que a imprensa secular vinha possibilitando operacionalizar. Neste ínterim, “a revista tornou-se moda e, sobretudo, ditou moda.”<sup>44</sup> Esta tendência era explicada pela conjuntura propícia, ratificada na Europa; um avanço técnico das gráficas, um aumento do público leitor e o alto custo do livro:

[...] favoreceu-a, definitivamente, o mérito de condensar, numa só publicação, uma gama diferenciada de informações, sinalizadoras de tantas inovações propostas pelos novos tempos. Intermediando o jornal

---

<sup>42</sup> COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX. Op. Cit.*,

<sup>43</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista. Op. Cit.*, p. 69.

<sup>44</sup> *Idem*, p. 30.

e o livro, as revistas prestaram-se a ampliar o público leitor, aproximando o consumidor do noticiário ligeiro e seriado, diversificando-lhe a informação. E mais – seu custo baixo, configuração leve, de poucas folhas, leitura entremeada de imagens, distingui-a do livro, objeto sacralizado, de aquisição dispendiosa e ao alcance de poucos.<sup>45</sup>

Alguns especialistas entenderam as revistas ou como um impresso com conteúdo de caráter extremamente científico, dirigidas a leitores especializados, ou como um impresso com conteúdo frívolo que não interessava leitores mais sérios. Outra discriminação que as mesmas sofreram foi por comportarem, as revistas literárias em geral, a publicação de romances em folhetins, considerados por muitos uma literatura “menor”, vulgar e de cunho imoral.

A revista surgiu no Brasil, também, como uma estratégia comum de transplantar características culturais estrangeiras, na tentativa de ajustar o país – a Corte em grande medida – ao tempo cultural dos países considerados desenvolvidos, “adiantados”. A cultura nacional buscou na tradição europeia um suporte para uma sociedade ainda em construção. Com relação ao campo editorial brasileiro, o avanço quantitativo de revistas que circularam, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, em nada correspondeu com as condições precárias das gráficas, bem como o alto índice de analfabetismo, a inexistência de bibliotecas e de pontos de vendas de livros e outros impressos, um rarefeito e até inexistente mercado editorial.

---

<sup>45</sup> Ibid.

Visto que as primeiras revistas que circularam no Rio de Janeiro foram impressas na Inglaterra e França.<sup>46</sup>

Esta dificuldade do campo editorial brasileiro foi consequência da herança da colonização portuguesa e de quase 300 anos de obscurantismo causados pelos entraves criados por Portugal para o acesso de livros e demais impressos, bem como a proibição de tipografias nacionais. Foi consequência também de mudanças significativas institucionais como a Independência, Regência e Maioridade. Mudanças, estas, que causaram a impressão de que as coisas estavam mudando sem que nada se modificasse em absoluto. Em lugar de uma República laica, cogitada pelos liberais, se firmou, no Segundo Reinado, uma monarquia católica, onde igreja e Estado prosseguiram compartilhando o poder e onde o regime escravista consolidava uma sociedade de tradição monocultora e de ordem estamental, mantendo os tradicionais obstáculos para a propagação de uma imprensa livre e atuante.<sup>47</sup>

Entretanto, o Segundo Reinado experimentou no café um agente econômico mobilizador de transformações e significativas conquistas técnicas, inclusive na área da imprensa. O café e a liberdade da palavra iniciaram o império da palavra impressa no Brasil.<sup>48</sup> Neste sentido, todas estas características de mudanças que pareciam não mudar em absoluto, contracenaram com um fetichismo consumista; um Brasil que desejava modernizar-se, trocando, por exemplo, seu velho figurino por paletós e sapatos franceses. “uma ansiosa substituição do *naif*

---

<sup>46</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista. Op. Cit.*,

<sup>47</sup> Idem, p. 47.

<sup>48</sup> Idem, *Ibidem*.

pelo puro *chic*”.<sup>49</sup> Outrossim, mesmo com o agente econômico café, o país ainda tinha um fraco poder aquisitivo relacionado ao empreendimento literatura. Exemplo disso foi o esgotamento de alguns estabelecimentos que comercializavam o livro, pois o consumo deste era baixo.<sup>50</sup> Logo, o gênero periódico revista, por seu custo baixo – se comparado ao livro, por exemplo –, passou a firmar-se como o suporte fundamental para a imprensa no Brasil. E neste quadro, as revistas tornaram-se símbolos da modernização, construindo uma imagem do que se pretendia por moderno.

A gênese do significado da palavra *revista* contribuiu para o entendimento de algumas de suas características. Apareceu nos dicionários de língua portuguesa somente nas últimas décadas do século XIX, atrelada ao significado de *revistar*; “passar a tropa em *revista*”.<sup>51</sup> Clara Rocha discorreu sobre o *status* desta publicação e a concebeu como um impresso que passava em revista diversos assuntos e que permitia uma leitura em série, fragmentada e seletiva. Para a autora, a revista:

É uma publicação periódica que, como o nome sugere, passa em revista diversos assuntos (por vezes arrumados em rubricas fixas), o que, à partida, permite um tipo de leitura fragmentada, não contínua, e por vezes seletiva (o leitor só lê as secções que lhe interessam). Por outro lado, é um tipo de publicação que, depois de *re-vista*, se abandona, amarelece esquecida, ou se deita

---

<sup>49</sup>SUSSEKIND, Flora. *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa. p.15.

<sup>50</sup> Francisco de Paula Brito foi um exemplo das consequências que estas dificuldades traziam para os empreendedores que comercializavam livros. Cf. MARTINS, Ana Luiza. *Imprensa em Tempos de Império*. *Op. Cit.*, p. 57

<sup>51</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. *Op. Cit.*, p.45.

fora. Enquanto objeto material, a revista distingue-se do livro por ser mais efêmera [...]. Essa efemeridade da revista tem a ver com a sua solidez material. Enquanto o livro dura (porque é mais resistente, tem uma capa sólida a protegê-lo), a revista é (pode ser) mais frágil em termos de duração material. Curiosamente, é normal que o livro tenha reedições, e já não o é tanto que apareça uma segunda edição duma revista. Ainda outra característica: uma revista é em geral menos volumosa do que um livro. E, *last but not least*, uma revista é quase sempre a manifestação duma criação de grupo: ao contrário do livro que, salvo algumas exceções, costuma ser produzido por um só autor. [...] [*sic*] <sup>52</sup>

Diante disto, foi possível elencar algumas particularidades deste gênero de periódico: Emergiu com o intuito de passar em revista diversos assuntos; era materialmente de natureza efêmera e menos volumosa que o livro, desta maneira de custo mais baixo; dificilmente ganhava reedições e quase sempre surgiu como manifestação da criação de um grupo (intelectual, profissional, político, de gênero). Destas características, principalmente a material, surgiram algumas reflexões a respeito das bibliotecas particulares oitocentistas. Ao comparar o número de livros ao de revistas inventariados foi possível perceber que era mais comum a existência de livros em detrimento de revistas nestas bibliotecas.<sup>53</sup> Estas particularidades atribuídas ao impresso revista surgiram

---

<sup>52</sup>ROCHA, Clara. *Revistas literárias do século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 24-25.

<sup>53</sup>DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros*. Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

principalmente quando da comparação com os impressos livro e jornal. Neste diapasão, Ana Luiza Martins completou esta tentativa de composição das características específicas da revista quando a contrapõe ao jornal:

[...] com periodicidade assídua, geralmente diária e muito semelhante no formato, sobretudo quando a revista se apresenta com páginas soltas, *in folio*<sup>54</sup>. O que os distingue com frequência é a existência da capa da revista, acabamento que não ocorre no jornal; mais do que isso, é a formulação de seu programa de revista, divulgado no artigo de fundo, que esclarece o propósito e as características da publicação.<sup>55</sup>

Refletindo sobre estas características, elencadas por Clara Rocha e Ana Luiza Martins, pôde-se pensar n' *O Espelho*, que 1) abordou uma diversidade de assuntos – moda, literatura, indústria e artes; 2) Não foi uma obra solitária, estando diretamente relacionada a um grupo de intelectuais, como será mostrado no segundo capítulo; 3) possuiu periodicidade assídua, saindo do prelo todo domingo; 4) trouxe uma capa na edição número um; 5) publicou em seu lançamento um editorial intitulado prospecto, onde formulou o programa da revista com os propósitos, objetivos e as características da publicação; 6) foi publicada em formato de brochura com folhas *in folio* e 7)

---

<sup>54</sup>Os livros eram impressos em três tamanhos, de acordo com o número de vezes que a folha era dobrada. *In folio* eram os maiores, do tamanho das folhas. Os *In quarto* tinham as folhas dobradas duas vezes e os *in octavo* eram dobrados três vezes, ou seja, um oitavo do tamanho da folha. Cf. JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. p. 87.

<sup>55</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. Op. Cit., p. 46. [Grifo nosso]

brindou os leitores com estampas de moda e também partituras de músicas, o que era característico de revistas ilustradas.

O primeiro número d'*O Espelho* foi o único que veio acompanhado de uma capa. Nela constavam informações como: o título e subtítulo; o nome do diretor e redator; o número da publicação, separado por duas linhas horizontais; o nome da cidade onde circulou; o nome da tipografia e seu endereço e o ano de publicação.<sup>56</sup> Todos enquadrados por uma cercadura com florões nas extremidades. Os dezoito números posteriores conservaram na primeira página o cabeçalho que no primeiro exemplar apareceu na página de número dois. Nesta estavam, além do título e subtítulo da revista, a seriação, data (dia da semana, mês e ano) e o nome do diretor e redator. Logo abaixo do cabeçalho, separado por duas linhas horizontais, o que dava unidade à página, encontrava-se o sumário, que também estava separado do *corpus* textual por uma linha horizontal. Possuía duas colunas de texto, com uma linha dupla separando-as.

---

<sup>56</sup>Este formato estava de acordo com o Decreto de 22 de Novembro de 1823 que estabeleceu a obrigatoriedade da imprensa, exigindo, sob pena de multa, que fossem indicados no impresso o nome do impressor e editor, bem como o ano da publicação. Cf. GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império*: Francisco de Paula Brito (1809-1861). 2014. 340 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000938000>>. Acesso em: 09 jul. 2015



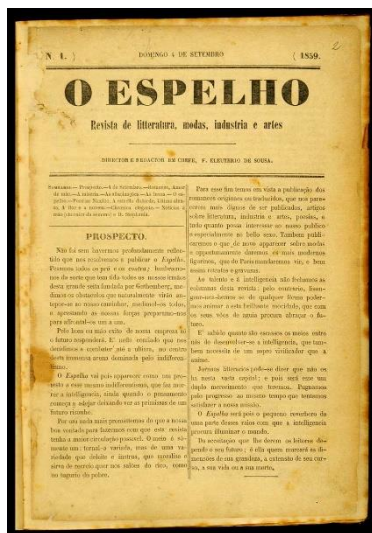
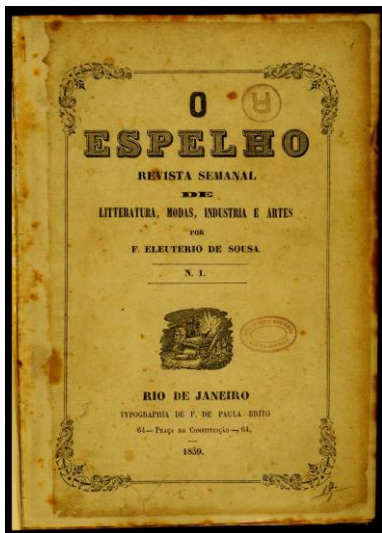


Figura 1 Capa e cabeçalho d'O Espelho, edição, n. 1

A estrutura e a disposição que estavam distribuídos os elementos informativos d'O Espelho apontaram para outras semelhanças com A Marmota. Esta última foi, até 1852, impressa em duas colunas, como também foi O Espelho. O cabeçalho do jornal de variedades trazia o número da edição no lado superior esquerdo, no meio a data (dia da semana e mês) e no lado direito o ano. Estas informações foram separadas do título por uma linha dupla. O título, por sua vez, ganhou destaque através das letras maiores e mais escuras. Além disto, o mesmo estava também separado, por uma linha dupla, das informações que faziam referência a tipografia onde foi impresso, com o endereço da mesma e o valor correspondente da assinatura e número avulso. A tipografia da Marmota era mais legível do que os tipos menores de outros jornais da época. Esta característica ficou perceptível quando foram analisados os números d'O Espelho. Até o número quatro, de 25 de setembro de 1859, a tipografia era maior, mais clara e nítida. Foram os quatro números que saíram do mesmo prelo da Marmota. Os

números seguintes já traziam letras menores, principalmente na seção de poesias.



Figura 2 A Marmota, n.º 1087.

Na capa d'*O Espelho*, entre o número da edição e o nome da cidade em que circulou, foi possível encontrar uma imagem com diversos elementos que remetiam à sociedade inerente aos literatos ou *homens de letras* do século XIX. Na imagem constava: a) um rosto humano, masculino. Um homem que paira sobre o conhecimento; b) a prensa tipográfica ao fundo, remetendo à marca da cultura impressa; c) uma lanterna que poderia estar simbolizando um ideal iluminista de conhecimento; d) livros grossos que remetiam ao peso do saber acumulado; e) uma pena com pergaminho que simbolizava alguém que detinha o código da cultura escrita, que poderia ser um homem de letras, ou também poderia fazer referência à carta que é um meio de comunicação, o que representava a missão da

revista; f) e o que pôde ser identificado como ramos de café, ao lado do pergaminho, símbolo do nacionalismo brasileiro e do movimento romântico.



Figura 3 Imagem de capa. *O Espelho* n.º 1

Esta imagem apareceu somente nesta revista e uma única vez, na capa. Na tentativa de encontrar a imagem uma segunda vez, foram analisados, um a um, os periódicos impressos na Tipografia de Paula Brito que estão disponíveis no arquivo da Biblioteca Nacional. Durante a investigação foi possível encontrar algumas imagens que funcionavam de forma semelhante e que pareciam tecnicamente àquela encontrada na capa d'*O Espelho*. O jornal *O Crítico*, de 1842, trazia a imagem – no cabeçalho de suas primeiras páginas – de um homem com características orientais, que segurava uma balança e estava ancorado em um “terceiro olho”, símbolo, dentre outras coisas, da maçonaria. A primeira fase da *Revista Brasileira. Jornal de Literatura, Teatro e Indústria*, impressa em 1855, trazia na capa imagem de uma estrela que refletia seus raios luminosos sobre duas trombetas que se cruzavam em um círculo, com folhas de louro e uma pena. Já no periódico de especialidades farmacêuticas, intitulado *A Abelha*, de 1862, foi possível

encontrar na capa, no primeiro número, e depois no cabeçalho dos seguintes, o desenho de uma colmeia rodeada por abelhas entre folhas e flores.

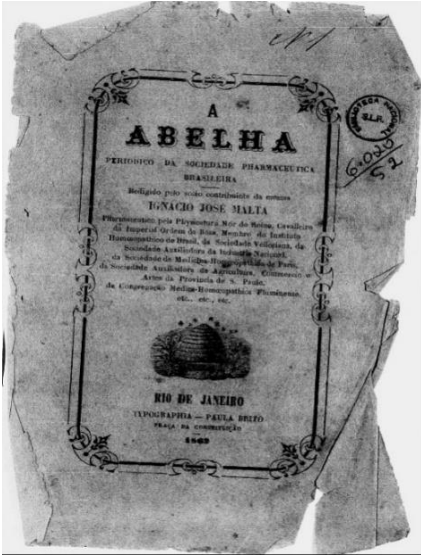


Figura 4 . Periódico A Abelha



Figura 5 Periódico O Crítico

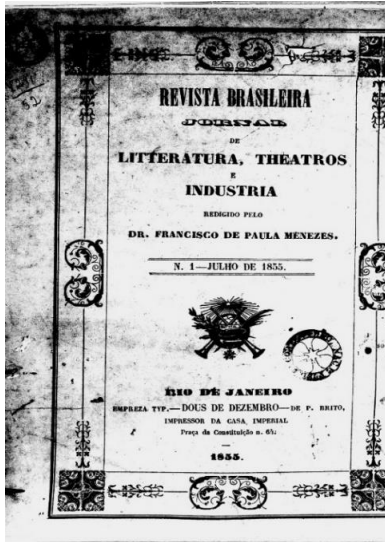


Figura 6 Revista Brasileira

A partir destas informações pensou-se na possibilidade da imagem *d'O Espelho* ser uma vinheta da revista e estar atrelada à própria Tipografia. Já que outras imagens, de técnica e funcionalidade semelhantes, haviam aparecido em outros periódicos também da Tipografia de Paula Brito. Sabe-se que em dezembro de 1850, Francisco de Paula Brito contratou o prestigiado litógrafo francês Louis Thérier para trabalhar em sua tipografia, oferecendo aos seus clientes a partir de então, o atrativo das artes visuais.<sup>57</sup> A discussão a respeito desta imagem se fez importante para refletir sobre as informações visuais que *O Espelho* exibiu e qual o campo tecnológico a que este impresso se encaixou. A partir desta reflexão algumas questões específicas permaneceram; quais as informações visuais que

<sup>57</sup> VELLOSO. Mônica Pimenta. Um agitador Cultural na Corte. *Op. Cit.*, p. 72

havia n’*O Espelho*? O lugar e a funcionalidade das mesmas na revista? O que pode dizer uma estampa ou partitura de música, impressas em meio às suas páginas, sobre a revista?

### 1.1 Estampas, partituras e retratos

Afirmar que *O Espelho* foi ou não um periódico ilustrado não é uma tarefa tão simples quanto possa parecer. É verdade que a revista de Eleutério utilizou de informações visuais – mesmo que poucas – mas, “Considera-se um periódico “ilustrado”, a partir de que grau de informação visual não tipográfica? ”.<sup>58</sup> Se definir um impresso enquanto revista é uma tarefa hercúlea, delimitar se a mesma é ou não ilustrada torna-se, em igual medida, uma empreitada complexa. Portanto, o que se pretendeu foi levantar algumas questões com relação às imagens impressas n’*O Espelho*, para refletir sobre as informações visuais que havia na mesma. Em que medida estas imagens corroboraram para as pretensões e os objetivos de moderno d’*O Espelho*? Sabe-se que a utilização de imagens, atreladas a textos ou isoladas, foi utilizada durante o Brasil Imperial para atender aos interesses das tipografias com perspectivas modernas.<sup>59</sup>

Segundo Rafael Cardoso, desde a Impressão Régia existiam impressos que traziam vinhetas, ornamentos, florões, detalhes figurados, impressos em xilogravuras ou por clichê,

---

<sup>58</sup> CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado OLIVEIRA. Claudia. Mulheres de Estampa. In KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.p. 19.

<sup>59</sup> LEHMKUHL, Luciene; PEREIRA, Tulio Henrique. Corpos impressos: técnicas e visualidades na imprensa ilustrada. Trabalho apresentado no Colóquio Modernidade, Arte e Pensamento. Florianópolis. PPGH/UFSC. Out. 2015. Mesa Redonda – Revistas e artes gráficas.

principalmente em seus cabeçalhos. Ana Luiza Martins seguiu a mesma diretriz quando afirmou sobre a existência de ilustrações presentes em textos desde os incunábulo, que se diversificaram com o tempo através das iluminuras, xilogravuras, litogravuras. Contudo, a necessidade da experiência visual e a crescente demanda de imagens, através das quais a população buscava firmar-se, expandiu-se ao longo do século XIX.<sup>60</sup> Desta maneira, foi nas últimas décadas deste mesmo século, com o avanço técnico registrado na Europa, que as ilustrações passaram a ser amplamente utilizadas pelos periódicos, tornando-os cada vez mais atrativos e acessíveis, principalmente para a parcela da população menos afeita à leitura. Até mesmo a população analfabeta, “que recebia as mensagens através dos desenhos grafados de forma visualmente inteligível”.<sup>61</sup>

O avanço técnico vivido na Europa não correspondeu de imediato à realidade do campo gráfico vivenciado no Brasil. Desta maneira, o impacto causado pelas ilustrações em território nacional funcionou de maneira diferente daquela estrangeira. No Brasil, o início da utilização da imagem começou de forma tímida e a caricatura foi o grande trunfo deste princípio. As primeiras imagens e ilustrações estavam relacionadas ao campo da diversão, distração e prazer. Foi uma estratégia para seduzir o leitor que começava a consumir textos leves, acompanhados de belas imagens que muitas vezes vinham impressas ou avulsas em meio aos periódicos e serviam para colecionar ou guardar. Neste sentido, entraram em cena os retratos, as partituras de músicas, as estampas xilogravadas e litografadas e os figurinos coloridos que ornavam as revistas. Estes se tornaram fórmulas do sucesso dos impressos que os publicavam.

---

<sup>60</sup>VELLOSO. Um agitador Cultural na Corte. *Op. Cit.*,

<sup>61</sup> MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista. Op. Cit.*, p. 40.

*O Espelho* teve como prática a distribuição de partitura de música, retrato e figurino de moda. Á exemplo da *Marmota Fluminense* que, por iniciativa de seu editor – Paula Brito –, a partir de 1853 inovou ao brindar seus leitores com a primeira estampa litografada no Brasil; um figurino de baile.<sup>62</sup> Estas informações visuais funcionaram de certa maneira, como um caminho para interferir de forma prática na experiência do leitor. Afinal, mesmo que iletrados, os assinantes poderiam copiar os modelos sugeridos pelas imagens. “Soltas ou em coleções, as imagens podiam alcançar um público variado, não necessariamente capaz de ler, mas que buscava informação precisa sobre roupa ou simplesmente prazer.”<sup>63</sup> As imagens funcionaram também como ícones do progresso – correspondendo à proposta de moderno d’*O Espelho* – e como incentivo ao consumo, juntamente com as descrições de figurinos nas crônicas de moda.

*O Espelho* ofereceu aos seus assinantes uma “estampa de moda vinda de Paris”, que foi publicada em seu terceiro número, de 18 de setembro de 1859. É verdade que esta estampa fora impressa em Paris, mas este fato não altera o impacto sobre o cenário editorial em que esta imagem foi vista e consumida.<sup>64</sup> Primeiramente pode-se observar que a imagem trazia algumas cores em tons de verde, azul e vermelho. Esta poderia ser uma espécie de litografia colorida que só se tornou corriqueira, em nível internacional, a partir da década de 1860. Ou mesmo uma

---

<sup>62</sup> RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a Moda: novas pretensões, novas distinções* – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 77.

<sup>63</sup> ROCHE, Daniel. *A Cultura das Aparências. Uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII)*; tradução Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac, 2007.p. 4

<sup>64</sup>CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. *Op. Cit.*, p. 22



cromolitografia cuja impressão litográfica foi tão bem feita que em alguns casos se assemelham com uma pintura.

No Brasil, foi a partir de uma década depois que as imagens coloridas passaram a aparecer nos periódicos, anterior a esta data já havia aparecido algumas delas, mas de forma esporádica. Foi no século XX o seu apogeu.<sup>65</sup> Portanto, *O Espelho* inovou publicando uma imagem colorida, mesmo que esta tenha sido importada da Europa. Neste sentido, foi inovador e moderno para uma época em que o usual era a publicação de imagens em preto e branco.



Figura 7 Imagem de Moda oferecida pelo Espelho, n.º3.

---

<sup>65</sup> Idem, p. 30

A imagem não está datada, mas foi possível, através da análise das vestimentas, situá-la entre 1850 – 1860. Nela estão as figuras de duas mulheres, em pé, na margem do que se assemelha a um rio ou lago. Parecem estar conversando com um homem sentado em um barco que flutua sobre a água. O homem representado na imagem está com o chapéu na mão, o que dá a impressão de que ele está cumprimentando as mulheres. A imagem sugere que os mesmos estão na luz do dia e desta maneira as vestimentas correspondem a trajes de passeio que aconteciam durante o dia. Pelo volume das saias de seus vestidos, as mulheres pareciam estar usando a *crinolina* – anáguas rígidas de lâminas de madeira/ aço/ barbatanas, de forma quase circular.<sup>66</sup> O que pôde ser associado ao Segundo Império francês, onde a crinolina, mesmo já conhecida anteriormente, foi utilizada com frequência por identificar-se com a atmosfera de “festa imperial”.<sup>67</sup> Os vestidos dão a impressão de saias superpostas, uma ou mais, de diferentes comprimentos. Estas também caracterizam as vestimentas do período de 1850-54, na França. A mesma década tem como característica o uso, por parte das mulheres, de mangas em forma de sinos no punho, como pode ser observado na imagem.<sup>68</sup> Nenhum dos dois vestidos possui decotes curtos, que eram traços específicos dos vestidos de noite de Corte, o que corroborou para o entendimento dos mesmos como sendo propícios para passeios durante o dia. Pôde-se observar também que as duas mulheres utilizam adereço para o pescoço. Uma delas utiliza um pequeno lenço colorido, provavelmente de seda.

---

<sup>66</sup> O termo designou, inicialmente, uma armação feita com crina de cavalo. Cf. KOHLER, Carl. *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 527

<sup>67</sup> BOUCHER, François. *História do Vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Cosacnáyf, 2012.

<sup>68</sup> KOHLER, Carl. *História do Vestuário*. Op. Cit., p. 533

Na cabeça traz uma espécie de gorro com arranjos de tule e renda com pontas compridas e soltas, muito em voga na década de 1860, na França.<sup>69</sup>

Quanto à figura masculina, o chapéu é o item mais curioso. Nesta mesma época o que se usou em chapéus na Europa foi o feito de feltro e de formato redondo que vinha se firmando desde 1848. O chapéu que o homem segura, na imagem d'*O Espelho*, não parece ter sido feito com o material feltro, mas lembrou um chapéu feito de palha, que era recorrente nas cabeças masculinas no Brasil desta mesma época, pois os chapéus feitos do material feltro eram geralmente utilizados apenas em datas especiais e em dias festivos.

Esta imagem já havia sido publicada na revista francesa *Le Moniteur de La Mode*. Sua autoria pertenceu ao francês Jules David. Como foi de costume deste pintor, suas obras eram gravuras aquareladas, pintadas a mão, provavelmente litogravura.<sup>70</sup> A imagem possui uma conotação romântica ou parece as gravuras românticas oitocentistas. Tem também muitas semelhanças com as imagens difundidas pela cultura francesa, com cenas campestres ou idílicas, com convescotes, almoço na relva, banhistas e barquinhos que apareceram com frequência em cartões-postais da época.

Sobre a partitura de música – que ganhou espaço nas revistas semanais ilustradas do Rio de Janeiro na virada do século XIX para o XX – *O Espelho* publicou no oitavo número, de 23 de outubro de 1859, a *Polca Fascinante Por L. J. Cruvello*. Esta prática de distribuir partituras musicais também foi uma estratégia da *Marmota*, anos antes. Diferente da imagem de

---

<sup>69</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>70</sup> Catálogo Coleção iconográfica do Arquivo Histórico. Disponível na Biblioteca Virtual do Museu Histórico Nacional.

moda que foi impressa entre a página oito e nove da edição de número três, a *partitura* funcionou como um suplemento. Veio anexada depois da última página – número doze – e não trazia numeração de páginas. Este posicionamento pressupõe que a *partitura* distribuída pela revista poderia ser destacada da mesma. Possivelmente para guardar junto ao piano, ou para fins de compor uma coleção. Esta prática de distribuir partituras nos periódicos, acompanhou a virada na música e nas danças imperiais no Brasil a partir de 1850. O piano, objeto que teve um significativo aumento de importações, tornou-se a mercadoria-fetiche deste período econômico e cultural. Possuir um instrumento como este, nesta época, foi também ter *status*, *estar na moda* e demonstrava distinção social.

De alto valor agregado e de imediato efeito ostentatório – as duas características que fazem desde então a felicidade respectiva dos importadores e dos consumidores brasileiros de renda concentrada –, o piano apresentava-se como o objetivo de desejo dos lares patriarcais. Comprando um piano, as famílias introduziam um móvel aristocrático e inauguravam – no sobrado urbano ou nas sedes das fazendas – o salão: um espaço privado de sociabilidade que tornará visível, para observadores selecionados, a representação da vida familiar. Saraus, bailes e serões musicais tomavam um novo ritmo. Vendendo um piano, os importadores comercializavam – pela primeira vez desde 1808 – um produto caro, prestigioso, de larga demanda, capaz de drenar para a Europa e os Estados Unidos

uma parte da renda local antes reservada ao comércio com a África, ao trato negroiro.<sup>71</sup>

Portanto, a difusão de partituras, modinhas para pianos, em meio à imprensa do Segundo Reinado, possibilitou o exercício de pendoros privados no âmbito dos saraus familiares, bem como compartilhou e acompanhou a ideia de progresso que representou o instrumento piano na época.

The image shows a page of a musical score. At the top, it is titled "0 ESPELHO" and "POLKA FASCINANTE". Below the title, it says "Por L. J. Cravelli." and "Andantino". The score is written for piano and includes various musical notations such as notes, rests, and dynamic markings. The score is divided into several systems, with a "rit." marking indicating a ritardando section. The score is written in a style typical of the 19th century, with a focus on melody and harmony.

Figura 8 Polka Fascinante. O Espelho, n.º 8

Acontecia uma mudança no consumo deste período e, conseqüentemente, nos costumes. Nesta medida, tanto a imagem de moda quanto a partitura de música distribuídas pelo *Espelho* ilustram estas mudanças que influenciaram as relações e os hábitos da sociedade da época. A prática de brindar os assinantes

<sup>71</sup> ALENCASTRO. Luiz Felipe de. Vida Privada e Ordem no Império. In: *História da Vida Privada no Brasil*. (v.2) São Paulo: Companhia das Letras, 1977.p. 47.

ajudou não somente a “vender” e disseminar um produto, mas também um estilo de vida, um modelo ideal e “civilizado” a ser seguido. A partir delas, as pessoas passaram a consumir mais, adquiriram hábitos diferentes e estabeleceram novos padrões de comportamento.<sup>72</sup> A apropriação destes novos comportamentos e transformação dos gostos, estava ligada à vontade de diferenciação, de distinção social. Os membros da elite carioca queriam o distanciamento do escravo negro, do índio e a aproximação do europeu, do que entendiam por civilizado. O que também caracterizou certo “complexo de inferioridade inconfesso e inconfessável em relação ao europeu”.<sup>73</sup>

## 1.2 “Componentes aparentemente Corriqueiros”

A revista *O Espelho* foi impressa em formato de brochura, medindo 28x19 cm. Apesar de haver uma variação no tamanho das folhas dos impressos<sup>74</sup> do século XIX, indicando que não havia uma padronização entre os mesmos, foi possível perceber que o assunto abordado pelo periódico influenciou nas medidas de suas dimensões. Dentre as revistas e jornais impressos e editados na Tipografia de Francisco de Paula Brito<sup>75</sup> os que

---

<sup>72</sup> OLIVEIRA. Cláudia. Mulheres de Estampa. In KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p.162.

<sup>73</sup> MAURO. Frèdèric. *O Brasil no Tempo de Dom Pedro II* (1831-1889). Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.p. 41.

<sup>74</sup> Fazendo, aqui, referência a todos os tipos de impressos; jornais, revistas, pasquins, almanaques. Para um melhor entendimento foram chamados de *periódicos*.

<sup>75</sup>Foram analisados 91 jornais e revistas impressos e editados na Tipografia de Francisco de Paula Brito, até sua morte, em 1861, e 13 impressos em diferentes tipografias do Rio de Janeiro. Disponíveis no acervo: <http://bndigital.bn.br/>. As produções não periódicas da tipografia não foram contabilizadas. Segundo Eunice Ribeiro Gondin, foram registrados 372

possuíam as maiores medidas eram aqueles que traziam assuntos voltados a questões políticas e jurídicas como, por exemplo; *O Constitucional* de 1859, que trazia rubricas como “A oposição em derrota, apesar dos seus recursos”<sup>76</sup>, “O Senado e o Ser. D. Manoel”<sup>77</sup>. Sua medida estava entre as maiores da Tipografia, medindo 38 cm. Assim como *A Regeneração*, de 1840, com 38x28 cm. E a *Gazeta dos Tribunais: dos juízos e fatos judiciais, do foro, e da jurisprudência*, de 1843, com 37x28 cm.

Dentre os periódicos que possuíam as menores medidas estavam aqueles voltados a assuntos literários e culturais em geral, como: *O Mosquito: periódico poético e literário dedicado aos jovens fluminenses*, de 1853; *A Messe: periódico da Sociedade Retiro Literário Português*, de 1860. Estes últimos com as mesmas medidas d’*O Espelho*, 28x19 cm; *O Crítico: jornal crítico, satírico, literário, poético e jocoso*, de 1842, com medidas de 22x16 cm. Outro fato curioso é o de que entre as *Marmota’s*, mesmo sendo três versões de um mesmo periódico, os tamanhos também variaram. A primeira versão, de 1849, mediu 32x23 cm. A segunda versão, de 1852, mediu 29x22 cm e a última, de 1857, 35x26 cm. A menor delas foi a única que trouxe no título “jornal de modas e variedades”.

Estas questões de dimensão dos impressos vão ao encontro da explicação dada por Mônica Yumi Jinzenji em seu livro *Cultura Impressa e Educação da Mulher no século XIX*. Segundo a autora, havia uma correlação possível entre os livros voltados ao público feminino e os periódicos que abordavam assuntos dedicados às leitoras. Os primeiros teriam sido

---

impressos não periódicos. Ver em: GONDIN, Eunice Ribeiro. *Vida e Obra de Paula Brito*. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1965.

<sup>76</sup>*O Constitucional*, nº 2. 7 /06/1859.

<sup>77</sup>*O Constitucional*, nº 5. 10/06/1859.

predominantemente impressos em tamanho *in octavo*, ou seja, foi destinada às mulheres uma bibliografia em formato reduzido:

[...] elas estariam familiarizadas com a leitura de obras com essas características, como pode ser verificado em pinturas do século XVIII, em que jovens são retratadas portando pequenos livros (a exemplo das obras de Pierre-Antoine Baudoin, *Leitura*, e de Jean - Honoré Fragonard, *Jovem lendo*).<sup>78</sup>

No Brasil, a pintura oitocentista também apresentou alguns exemplos significativos de práticas de escrita e leitura. Como a obra do pintor ituano Almeida Júnior (1850-1899), com o óleo sobre tela, intitulada *Leitura*, de 1892, que se encontra na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Esta obra também retrata uma mulher portando um livro com medidas consideravelmente pequenas.

Quando foram analisados os periódicos de moda, por exemplo, foi possível perceber que seus artigos comunicaram, em sua maioria, sobre o vestuário e acessórios femininos, embora existissem artigos, crônicas de moda para o público leitor masculino, porém em menor quantidade. Como Teixeira Rainho sinalizou, mesmo que publicassem figurinos masculinos e discutissem sobre a melhor maneira de utilizá-los, os editores e redatores da época acreditavam que o assunto moda era particularmente ligado ao universo feminino. Eram elas as destinatárias dos cronistas das seções de moda, que escreviam às “amáveis leitoras”, “gentis leitoras”, “nossas leitoras faceiras”.<sup>79</sup>

---

<sup>78</sup>JINZENJI. *Op. Cit.*, p. 87.

<sup>79</sup>RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a Moda: novas pretensões, novas distinções* – Rio de Janeiro, século XIX. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p. 80.



Ao analisar as dimensões destes periódicos foi possível perceber que geralmente são menores. *O Espelho Diamantino*, de 1827, mediu 22x15 cm, *O Correio das Modas*, de 1836, mediu 24x17 cm, *O Recreio do Belo Sexo*, de 1849, 27x18 cm. Em geral, ao se tratar de periódicos de moda as medidas coincidentemente eram menores, corroborando para a tese de Mônica Jinzenji. Para a autora, a produção dos impressos voltados para as mulheres tinha como referência essa materialidade.

Não só os periódicos de moda abordaram assuntos dirigidos às mulheres, a literatura foi outro tema impulsionador da imprensa feminina da época. Moda e literatura uniram-se. Figurinos e folhetins, romances publicados em séries; como consequência o leitorado feminino se consolidou como o público mais fiel, apesar dos altos índices de analfabetismo que indicava um percentual de apenas 11,46% da população feminina com acesso à leitura.<sup>80</sup> O que pôde indicar a característica de oralidade existente nas raízes da construção do leitorado brasileiro. Segundo Carlos Costa, havia nesta época uma espécie de letramento mediado através das leituras em grupo. “Muitas destas folhas eram lidas em voz alta, em reuniões”<sup>81</sup> e era comum as senhoras se reunirem durante os afazeres domésticos, enquanto o eleito ou a eleita por elas lia os romances e as revistas em voz alta.<sup>82</sup> Foi também esta leitura mediada que possibilitou, aos editores e revisteiros, o alcance do público leitor, em especial, o feminino.

---

<sup>80</sup>Cf. COSTA, Carlos. *Op. Cit.*, e MEYER, Cf. Marlyse. *Folhetim. Op. Cit.*,

<sup>81</sup>COSTA, Carlos. *Idem*, p. 107.

<sup>82</sup>Cf. ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 1990. Disponível em <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> Acesso em abril de 2015.

Na revista *O Espelho* há uma passagem do conto *A Rosa Branca. Jornal de uma costureira*, assinado pelas iniciais A.C<sup>83</sup> que ilustra essa tradição da leitura mediada no Brasil oitocentista. O conto foi publicado em duas partes, no estilo *folhetim*: no número oito, de 23 de outubro, e dando continuação no número seguinte, de 30 de outubro. A narradora da história é uma personagem chamada *Joanna*, que se apaixonou por um homem chamado *Jacinto*. Os dois se encontravam todas as noites na janela do quarto de *Joanna*.

Ai ficávamos parte da noite quando havia luar; e quando as noites eram escuras ele saltava para o meu quarto, e em quanto eu me entregava ao meu serão, no trabalho que

---

<sup>83</sup>Esta assinatura apareceu esta única vez na revista. O conto foi narrado em primeira pessoa do gênero feminino. Buscou-se a abreviatura e conto em Dicionários de pseudônimos (Cf. PAIVA, Tancredo de Barros. *Diccionario de Pseudonymos*: iniciaes, abreviaturas e obras anonymas de autores brasileiros e de estrangeiros, sobre o Brasil ou no mesmo impressas. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia., 1929.) na busca de confirmar a autoria feminina, que, aparentemente, seria a única da revista. No entanto, na própria revista, no mesmo número em que foi publicada a primeira parte do conto, na rubrica *Noticias á mão*, encontrou-se uma passagem que tratou a pessoa que escreveu o conto como “o autor”: “Rosa Branca ou Jornal de uma costureira é um belo artigo, cuja publicação encetamos hoje para o qual pedimos a atenção da leitora. Não temos a satisfação de conhecer *o seu autor* que modestamente assina-se com as iniciais V.C” (*O ESPELHO*, n.º 8, 23/10/1859) Durante o século XIX foi comum homens escreverem sob pseudônimos femininos. (Cf. ROCHE, Daniel. *A Cultura das Aparências*. Uma história da Indumentária (séculos XVII-XVIII); tradução AsséfKfourí. São Paulo: Editora Senac, 2007) Francisco de Paula Brito, por exemplo, redigiu um jornal – *A Mulher do Simplício* – ocultando sua identidade masculina. (Cf. CALDEIRA, Adriana Alves. *Francisco de Paula Brito: política e imprensa*. Revista *Maracanã* UERJ. P 113-128, 12/2013.). No século XX, o escritor Nelson Rodrigues (1912-1980) escreveu folhetins nos jornais diários sob o pseudônimo de Suzana Flag, como *Meu destino é pecar*, *Escravas do Amor*, entre outros.

trazia da loja, ele lia romances que sabia escolher.<sup>84</sup>

No número seguinte, *Joanna* menciona os romances que seu amigo lia: “Nos romances que o meu amigo lia nos serões de minhas noites de felicidade eu via que nunca eram duradouras as intimidades como a nossa”.<sup>85</sup> Ao desenrolar da trama, *Joanna* descobre que o homem por quem nutria a paixão era, na verdade, um padre. Um amor impossível, que jamais poderia acontecer. Com um fim trágico, *Joanna* morre, “amando”.

O que parece é que houve, na verdade, pouca importância dada à alfabetização da mulher durante o século XIX. Esta pode ser uma das explicações para o tamanho reduzido dos impressos dedicados a este público. Existem outras hipóteses como; o tamanho pequeno das publicações estar relacionado ao tamanho pequeno das mãos de quem as lia – “Na verdade, a mão mimosa e pequenina, como a de uma boneca”<sup>86</sup> – e também por ser um periódico direcionado especialmente à mulher, tornava-se algo considerado secundário, por conseguinte não poderia ter uma produção dispendiosa, logo deveria ter um custo baixo.

Em uma sociedade onde a prática de mandar os filhos homens estudar no exterior foi constante, o mesmo não aconteceu com as mulheres, para elas cabiam as atividades referentes à administração do lar. O analfabetismo feminino chegou a ser considerado sinal de nobreza: boa parte da sociedade tinha dúvidas sobre a alfabetização da mulher, que

---

<sup>84</sup>V.C. Rosa Branca. *O Espelho*, nº 8, 23/10/1859.

<sup>85</sup>Idem. Rosa Branca. *O Espelho*, nº 9 30/10/1859.

<sup>86</sup>AZEVEDO, Moreira de. As Luvas. *O Espelho*, nº 1 04/09/1859.

quando não alfabetizada contribuía essencialmente à moralidade, visto que evitava os amores proibidos por correspondência.<sup>87</sup> A leitura para o público feminino poderia trazer alguns “perigos” aos bons costumes e ao funcionamento de uma sociedade extremamente machista.

Portanto, como reconheceu Teixeira Rainho, provavelmente, o número de mulheres que tinham contato com esses impressos foi superior ao número de mulheres alfabetizadas.<sup>88</sup> E assim, mais uma vez, literatura e moda se aproximaram e se completaram. Mesmo iletradas muitas delas tinham acesso às gravuras de moda, bem como o acesso à literatura, através das reuniões ou serões onde os romances eram lidos em voz alta. Entre agulhas, linhas, lãs, bastidores, bordados, *tricots e crochets*, que as mulheres se reuniam para ouvir as leituras em voz alta, com a intermediação de um leitor autorizado, que poderia ser pai, irmão, marido, parentes e amigos ou mesmo uma mulher com letramento.

O tamanho reduzido dos periódicos era compensado pelo maior número de folhas. *O Espelho* continha 12 folhas por número, o que poderia ser considerado volumoso se for levado em consideração que a maior parte dos periódicos impressos na Tipografia de Paula Brito tinham uma média de quatro a oito folhas por número. Segundo Mônica Jinzenji, o elemento mais dispendioso na produção dos impressos, se tratando do século XIX, foi o papel; cerca de 80% do custo total. Ainda assim, sobre os papéis importados e para a impressão incidiram taxas relativamente baixas.<sup>89</sup> Entre 1844 e 1869, por exemplo, as taxas

---

<sup>87</sup>HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. 2ª ed. ver. E ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. p.160.

<sup>88</sup> RAINHO, Op. Cit.,

<sup>89</sup>As taxas de impostos de importação variaram de acordo com o papel. Na maior parte das vezes as taxas maiores incidiram sobre os papéis para a

sobre os papéis de imprensa estavam sempre abaixo, pelo menos 10%, das taxas sobre os outros papéis, chegando a uma diferença de \$100 por quilo, mais a porcentagem *ad valorem*. Naquele momento, do papel à tinta de impressão, toda a matéria-prima para a produção de impressos na Corte era importada, o que inevitavelmente refletia no custo dos livros, revistas e jornais que, além disso, encontravam sérios entraves para chegarem às demais Províncias do Império.

O mesmo não funcionou com o papel nacional. Segundo Laurence Halewell, o papel de produção nacional – que era de melhor qualidade daquele produzido em Paris –<sup>90</sup> não foi utilizado pelas tipografias brasileiras. Duas questões, levantadas pelo autor, podem explicar a situação do papel nacional; O alto custo na produção – o papel brasileiro era feito de trapos velhos de algodão ou linho puros, o que o tornou mais caro do que os papéis importados que eram produzidos a partir da madeira – e a inexistência de uma quantidade suficiente de produtoras de papel de imprensa no Rio de Janeiro da época. A indústria que imprimiu a maioria dos papéis usados pelos jornais impressos no Rio de Janeiro foi a fábrica de *Orianda*. Foi construída em 1851, nos arredores de Petrópolis, por Guilherme Schuech; o Barão de Capanema. Funcionou até 1861, quando a aplicação de tarifas ainda mais baixas ao papel importado tornou inviável seu funcionamento.<sup>91</sup>

Juntamente ao processo que envolveu sua produção, caminhou o processo de distribuição da revista, no que tange questões relacionadas às assinaturas, pontos de venda, entre outros. Ana Luiza Martins destacou a *assinatura* como a

---

encadernação e os papéis para escrever. Sobre os papéis para a impressão de jornais recaíram taxas menores. Cf. HALLEWEL. Laurence. *Op. Cit.*,

<sup>90</sup>Idem, p. 204.

<sup>91</sup>Idem, Ibidem.

“modalidade inaugural da venda e divulgação do periódico, [...] o primeiro passo para efetivar sua própria fundação”,<sup>92</sup> a mesma funcionou como garantia de existência da publicação. Para a autora, a tarefa de distribuição da revista foi tão ou mais difícil que a complexa rede que envolvia sua produção, a começar pelo angariar das assinaturas. Isto posto, foi analisado de que modo as assinaturas da revista de Eleutério foram angariadas. O anúncio d’*O Espelho* já aparecia na *Marmota* na edição de 26 de agosto de 1859, número 1085 (nove dias antes do lançamento da revista), onde Paula Brito noticiou: “Do 1º de Setembro em diante será publicada em uma brochura [...], esta Revista semanal, que desempenhará seu título em tudo e por tudo. Assina-se, desde já, na loja do Snr. Paula Brito, a 6\$ rs. por semestre, ou 10\$ por ano.”<sup>93</sup> No dia dois de setembro de 1859, dois dias antes do lançamento d’*O Espelho*, apareceu na *Marmota* o seguinte texto:

O Espelho.

REVISTA SEMANAL DE MODAS,  
LITTERATURA, INDÚSTRIA E ARTES.

O 1.º n. será publicado domingo, 4 de setembro.

O *Espelho* terá de 12 a 16 páginas de composição, no formato do antigo *Guanabara*, com a diferença única de serem as páginas em duas colunas.

A Capa, além de conter o que é de costume nos periódicos publicados em brochura, constará também de – anúncios, tanto de redação, como dos subscritores e mais pessoas e mais pessoas que o quiseram pagar a razão do que for convencionado por linha.

---

<sup>92</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista. Op. Cit.*, p. 226.

<sup>93</sup>A *MARMOTA*. n.º 1085, 26/08/1859.

Assinatura, por seis  
meses.....  
6\$000.

Por ano  
.....  
.....10\$000.

Na Praça da Constituição n.64, tipografia desta  
oficina, onde é impresso.<sup>94</sup>

Na edição de seis de setembro, número 1088 (dois dias após o lançamento da revista de Francisco Eleutério de Sousa), Paula Brito, com o mesmo fim de obter assinaturas, anunciou:

Distribuimos hoje – grátis – aos nossos leitores o 1.º n. desta – Revista semanal de modas, literatura, indústria e artes – de que é diretor e redator em chefe o Sr. Francisco Eleutério de Sousa, para que, lendo-a, vejam pelo conteúdo d’ela se lhes convém assiná-la por 3, ou por 6 meses (3\$ ou 6\$000) na loja desta oficina, praça da constituição n. 64. Sem a resposta de que querem ou não subscrevê-la, não continuaremos a remessa.<sup>95</sup>

O valor da assinatura foi: trimestral, 3\$000 réis; semestral, 6\$000 réis; anual, 10\$000 réis. O que não destoou muito das *Marmotas*, que tinham uma média de preços de 5\$000 pela assinatura semestral, na corte. A maior parte das informações quanto ao preço das assinaturas foram encontradas

---

<sup>94</sup> Idem, n.º 1087, 02.09.1859.

<sup>95</sup>A *MARMOTA* n.º 1088, 06/09/ 1859

na *Marmota*, a terceira versão da mesma. Na edição 1094, de 27 de setembro de 1859, Francisco de Paula Brito anunciou:

No 3.º número do Espelho – revista semanal de modas, literatura, indústria e artes, de que é diretor e redator em chefe o Sr. F. Eleutério de Souza – lê-se a seguinte fábula de Lachambeaudie, segunda das que traduzimos.

Os três números publicados e felizmente bem escritos por diversas penas, são dignos da aceitação que vai tendo O Espelho – que conta já cerca de 300 subscritores a 3[\$000] por três meses, 6[\$000] por seis ou 10[\$000] por ano.<sup>96</sup>

A periodicidade da revista era semanal, ou seja, na terceira semana de sua existência possuía, de acordo com o noticiado na *Marmota*, 300 assinantes. Diante desta informação procurou-se analisar se este número de assinantes poderia ser considerado relevante. Ana Luiza Martins referiu-se ao líder anarquista Neno Vasco que, em 1904, propôs a criação da revista *Aurora*, que mesmo sem fins lucrativos precisava de um número suficiente de assinaturas para autosustentar-se: “Esta revista terá vida assegurada com 250 assinaturas [2\$000 por semestre; 4\$000 por ano]”.<sup>97</sup> Em contrapartida, Jinzenji, ao analisar o *Astro de Minas*, de 1827, chegou aos seguintes números: “o *Diário Fluminense* teria 1.500 assinantes, a *Astréa*, 1.400, *O Echo*, periódico redigido em francês, 700, e a *Gazeta do Brasil*, 380”.<sup>98</sup> *O Espelho*, se comparado aos periódicos do início do

---

<sup>96</sup>Idem, n.º 1094, 27/09/1859.

<sup>97</sup>MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista*. p. 226

<sup>98</sup> Segundo a autora, tais análises não foram feitas sem a intenção de imparcialidade. JINZENJI, Mônica Yumi. *Op. Cit.*, p. 92.



século, onde as condições de impressão e circulação eram menos satisfatórias, pode-se considerar o número de 300 assinantes não tão expressivo. No entanto é muito provável que *O Espelho* tenha circulado apenas na Corte, estabelecendo, então, um número de assinantes necessários para assegurar sua existência. Com uma margem de lucro pequena para seu proprietário e colaboradores – segundo Isabel Lustosa, o número de assinaturas dos periódicos que circulavam apenas na corte dificilmente ultrapassaria 200 assinantes.<sup>99</sup> Entendeu-se então, que o número de assinaturas d’*O Espelho*, segundo foi noticiado na própria revista, foi considerável, quando analisado dentro de um conjunto de periódicos “menores”, que circularam apenas na capital do Império.

Os artigos publicados n’*O Espelho*, direcionados aos leitores assinantes, discorreram sobre o sucesso que o empreendimento alcançava. Na edição número 13, de 27 de novembro, no artigo intitulado *Aos Leitores*, sem autoria, pôde-se encontrar a seguinte passagem:

Ha três meses que apelamos para a coadjuvação do nosso público quando tivemos de fundar esta revista. Não foi baldado esse apelo: o público benévolo, prestou o seu apoio a nossa tentativa literária, compreendeu que o *Espelho* não era um ramo de especulação, mas sim preenchimento de uma lacuna já bem sensível, sendo como é a única revista que oferece hoje aos seus leitores com bem pouco dispêndio uma leitura moral e instrutiva.

---

<sup>99</sup>LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos*. A guerra dos jornalistas na imprensa. 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

A extensão e preponderância deste apoio bem podem ser aquilatadas pelo número sempre crescente de assinantes que até agora contamos [...]

As empresas literárias neste país infantil são ordinariamente de pouca duração: ainda não está bem definido o gosto pela leitura, e por isso tanto mais nos lisonjeamos de havermos sido um dos poucos que tem merecido esse acolhimento.<sup>100</sup>

Entretanto, *O Espelho* cessou sua publicação de forma abrupta, misteriosa. No número 19, de oito de janeiro – o último publicado – alguns artigos e excertos de folhetins foram interrompidos – como o romance *O colar de pérolas. Hermínia de Armor* (sem autoria) e *O Testamento do Senhor Chauvelin*, de Alexandre Dumas – ainda crescendo de continuação. Não houve nenhum aviso prévio do fim da revista e a impressão que ficou, observando o ritmo das publicações – que variaram entre sete e 15 artigos publicados por números, sendo que as últimas edições permaneceram no mesmo ritmo, publicando entre 12 e nove artigos por número – foi que, possivelmente, o fim do *Espelho* foi um tanto inesperado. Contudo, Jean-Michel Massa e Carlos Costa apontaram a falta de assinaturas como determinante para o fim da publicação da revista: “o *Espelho* não afundou por falta de combatentes, mas à semelhança do *Paraíba*, por falta de assinaturas”.<sup>101</sup>

A possibilidade de um vigésimo número ainda não encontrado é, de certa maneira, inexistente. Na edição número 17 da revista, Machado de Assis publicou o artigo; *Ideias sobre o Teatro III. O Conservatório Dramático*. No fim do artigo,

---

<sup>100</sup>Aos Leitores. *O Espelho*, nº 13, 27/11/1859.

<sup>101</sup>MASSA. Jean- Michel. A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit., p. 236

Machado avisou ao leitor: “ (Continua.) ”. Esta continuação não foi publicada n’*O Espelho*, mas na *Marmota*, no número 1143 de 16 de março de 1860, quando o primeiro já não circulava mais. Esta evidência não confirma em absoluto a não publicação de um vigésimo número, que possa estar perdido, no entanto fortalece a possibilidade de que ele não existiu.

O domingo era o dia regular do lançamento dos números, contudo é possível constatar que existiram alguns atrasos. No terceiro número, de 18 de setembro, foi publicado um aviso aos assinantes: “pedimos hajam de relevar-nos qualquer irregularidade que por ventura se dê na entrega d’esta revista.”<sup>102</sup> E, no número 14, de quatro de dezembro – possivelmente o diretor – escreveu:

Incômodos de saúde afastaram-nos alguns dias da direção desta revista, motivo por que não pode este número ser publicado com a pontualidade que temo-nos esforçado por dar-lhe até então. A causa deste inconveniente julgamos ter cessado e por isso podemos prometer aos Srs. assinantes a maior regularidade nos seguintes números.<sup>103</sup>

Esta falta de regularidade, principalmente no caso das revistas, era comum em uma época em que, geralmente, todos os passos da produção de um periódico ficaram concentrados nas mãos de uma só pessoa.<sup>104</sup> Em um dos anúncios d’*O Espelho*, na revista *Marmota*, Francisco de Paula Brito subentendeu que em sua tipografia não havia muitos funcionários;

---

<sup>102</sup>*O Espelho*, n.º 3, 18 /11/1859.

<sup>103</sup>Aos Srs. Assinantes. *O Espelho*, n.º 14, 4/12/1859.

<sup>104</sup>JINZENJI, Mônica Yumi. Op. Cit., p. 89.

O trabalho de que nos sobrecarrega o nosso estabelecimento, onde, para pouparmos ordenados, fazes o que não fariam a nosso contento três ou mais empregados, privamos de empregarmos o tempo em traduções desta ordem, visto que elas agradam, segundo a opinião de desinteressados amigos.<sup>105</sup>

*O Espelho* circulou por quatro meses: de setembro de 1859 a janeiro de 1860. O ponto de venda foi a tipografia do Francisco de Paula Brito. Como destacou Ana Luiza Martins, ter um local físico ou ponto geográfico da cidade para a venda, no caso da revista, era uma estratégia de comercialização, sobretudo se tratando de publicações menores. Segundo a autora, a revista, em especial a literária, circulava entre amigos e grupos afins, pois era divulgada, principalmente, em rodas restritas de amizades e profissionais contíguos. Possivelmente, a revista *O Espelho* carregou um pouco dessa característica endogâmica, circulando entre familiares, mulheres, amigos, filhos e filhas dos próprios colaboradores.

### 1.3 Possibilidades acerca do título

Os títulos dos periódicos, muitas vezes, se referiam à metáfora da luz, que era símbolo e representava o ideal iluminista; *A Estrela brasileira* (1823-24), *A luz brasileira* (1829-30), *O Clarim da Liberdade* (1831 -33), *A Lanterna Mágica* (1844-45), entre outros. *O Espelho* exprimiu no editorial e na imagem que trouxe na capa, já analisados no início do capítulo, símbolos da expressão iluminista. O título da revista também remete a esta simbologia, afinal não é o espelho um vidro polido e metalizado que reflete a luz? A investigação sobre as possibilidades da escolha deste título pelos empreendedores

---

<sup>105</sup>BRITO, Francisco de Paula. *A Marmota*, n.º 1091, 16/09/1859.

da revista, levou a alguns caminhos. A palavra espelho carrega sentidos como; “*fig. Ensino, exemplo, modelo*”.<sup>106</sup> Seguindo esta diretriz está um artigo publicado no primeiro número da revista, que carregou o mesmo título; *O espelho*. Através deste artigo pôde-se inferir a respeito da escolha pelo título e sua relação com a questão iluminista do saber, da moral e por consequência do progresso;

Assim como o mar, o rio, as águas reverberam a luz do sol, a imagem da lua, a palidez das estrelas, assim o semblante reverbera o sentimento, assim a palavra reverbera o pensamento.

A superfície das águas é vasto e polido espelho em que o céu se mira dia e noite; o semblante é também o espelho de nossa alma; e a palavra expressa na voz no jornal, no livro, o espelho das ideias, o espelho do pensamento.

As imagens representam-se na lamina, as palavras gravam-se no papel; eis ai a diferença. Àquelas desaparecem, estas duram apesar dos anos, apesar dos séculos.

Á Gutemberg, devemos a descoberta que aperfeiçoou, tornando mais fácil e mais perdurável, o meio de refletirem-se as ideias, os pensamentos, as palavras. A um veneziano devemos o aperfeiçoamento das antigas folhas de mica e talco conhecidas dos Egípcios, e o dessa maravilhosa combinação com que Archimedes incendiou as naos inimigas.

---

<sup>106</sup> MICHAELIS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008. p. 350.

Gutenberg com a sua descoberta operou uma revolução aplaudida pelos homens, em razão dos benefícios que a humanidade colheria. Um veneziano com seu invento conquistou as simpatias de todas as damas.

Gutenberg acoroçoou a inteligência, o veneziano animou a *coquetterie*. Ambos foram admirados, festejados ambos.

Mas, coisa notável! De inventores passaram eles mesmos a serem espelhos. E' a sorte da humanidade, é a sorte das grandes e pequenas cousas. A virtude, a gloria, reflete-se no homem de gênio, no homem virtuoso, tornando-se ele por isso o espelho em que nos devemos mirar na nossa peregrinação terrena.

O vício também tem o seu espelho, assim como a desgraça, assim como a escravidão, assim como a velhice. O espelho da velhice é o carunchoso rosto de uma mulher de noventa anos.

Quando vemos algum devoto de Baccho estendido no adro de alguma igreja ou nos lajeados de alguma calçada, não o apontamos dizendo: mira-te naquele espelho!?

Já vê o leitor, ou a minha bela leitora que se há cousa que mais abunde neste mundo são os espelhos.

Até a fechadura tem o seu espelho.<sup>107</sup>

---

<sup>107</sup>O Espelho. *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.

A partir deste artigo, sem menção de autoria, entendeu-se que havia uma profusão de formas de espelhos; o mar, o rio e as águas que eram espelhos do sol, lua e da palidez das estrelas. Segundo o texto, o semblante era o espelho da alma, assim como a palavra – que expressa na voz, no jornal e no livro – era o espelho do pensamento. O artigo citou dois inventores, que com suas descobertas causaram uma revolução, um progresso. Gutenberg; o inventor de uma fórmula duradoura para o “espelho” das ideias e do pensamento e o Veneziano; que inventou o “novo”, outro tipo de espelho, aquele da prática do olhar-se. Segundo o texto, enquanto o primeiro operou a revolução da razão e estimulou a inteligência dos “homens” através das palavras, o último conquistou a simpatia das mulheres (provavelmente dos homens também) e animou suas faceirices. O texto estimulou a reflexão de que o homem é um espelho da humanidade, mas não qualquer homem, apenas aquele que é virtuoso e inteligente (o homem moderno?). No entanto, não só de bons espelhos que se espelhava a sociedade. Havia também a desgraça e o vício que possuíam seus espelhos.

Neste sentido, estava também a velhice que foi tratada como uma coisa ruim, carunchosa, representada na aparência da senhora de noventa anos. Foi possível refletir sobre esta questão retomando o conceito de moderno utilizado por Baudelaire. O literato francês ilustrou de uma forma inteligível quando escreveu que a alma é o eterno, aquilo que não muda, enquanto o corpo é o moderno, aquilo que tem característica transitória.<sup>108</sup> Neste ínterim, pôde-se problematizar o moderno quando da reflexão sobre o novo e a tradição, que também está mediado e processado pelas subjetivações do indivíduo. Nesta passagem d’*O Espelho* foi possível perceber que aquilo que não era novo, ou mesmo que não aceitava o novo, parecia uma velha enrugada

---

<sup>108</sup> BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 35.

de 90 anos de idade. Era o espelho da velhice, da escravidão, que se opunha ao espelho da mocidade, do progresso e do moderno. Era o prenúncio de inúmeras transformações e reformas que se chocavam com características herdadas de uma época em que o Brasil ainda era Colônia.

A “criação do veneziano” refletiu sobre a estreita conexão entre espelho e *aparência*. Antes de sair de casa é o espelho que faz o papel dos primeiros olhos que observam, é o primeiro juiz que julga. É através da autocontemplação no espelho que o indivíduo se descobre, toma consciência de si mesmo, de sua individualidade. Entre os seis e os oito meses a criança, ao olhar-se no espelho, perpassa três fases para o entendimento de sua imagem. Na primeira, confunde a imagem com a realidade; na segunda, entende que se trata de uma imagem e na terceira percebe que é a sua imagem que está sendo refletida. E é nesta experiência que a criança passa a ter consciência do seu corpo unificado.<sup>109</sup> “A espécie humana já sabe usar os espelhos, exatamente porque sabe que não há um homem no espelho e que aquele a quem se deve atribuir esquerda e direita é o que olha”.<sup>110</sup> Portanto, ao olhar-se no espelho o indivíduo vê a si mesmo e não o outro.

O espelho [...] não “traduz”. Registra aquilo que o atinge da forma como o atinge. Ele diz a verdade de modo desumano, como bem sabe quem – diante do espelho – perde toda e qualquer ilusão sobre a própria juventude. O cérebro interpreta os dados fornecidos pela retina, o espelho não interpreta os objetos. Mas é exatamente essa declarada

---

<sup>109</sup> ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1989. p. 12.

<sup>110</sup> ECO, Umberto. Op. Cit., p. 16.



natureza olímpica, animal, desumana dos espelhos que nos permite confiar neles.<sup>111</sup>

Desta maneira, pensou-se o *Espelho* como um objeto espelho; “registrador” daquilo que o atinge e da forma como o atinge, sem mentir ou apiedar-se. Mesmo que existisse uma busca por seus leitores de encontrar a figura do homem e mulher europeus, por exemplo, ao mirarem-se n’*O Espelho* enxergariam a eles mesmos. Havia o desejo de parecer o outro e este estava relacionado, principalmente, com o parecer europeu, que era considerado símbolo do moderno, do civilizado. A elite carioca se “espelhava” na sociedade europeia porque queria enxergar-se e sentir-se prestigiada e diferenciada da população nacional. Segundo Richard Graham, a estrutura social brasileira, em 1850, era rigidamente arquitetada: “Um cidadão francês observou que [no Brasil] a “classe” de uma pessoa podia ser prontamente identificada, mesmo no meio de uma floresta”.<sup>112</sup> Para o autor, os habitantes do Rio de Janeiro do século XIX davam muita importância à distinção e as diferenças sociais.

No entanto, ao mirar-se, ao ler-se n’*O Espelho*, a mulher e o homem brasileiros perceberiam a si mesmos, na crueza, na beleza ou feiura, na contradição. Talvez a maquiagem do moderno, com suas vestimentas e ornamentos “da moda europeia”, pudesse enganá-los num primeiro momento, em algumas leituras, mas ao olhar com sinceridade e profundidade, enxergariam a eles mesmos. Este poderia ser o intuito da escolha pelo título, quando conciliado aos artigos que faziam uma crítica à busca incessante do brasileiro pelo parecer-se ao outro. No entanto, a escolha poderia também estar ligada à possibilidade de tornar a revista um *Espelho* onde todos poderiam e gostariam

---

<sup>111</sup> Idem, p. 17.

<sup>112</sup> GRAHAN, Richard. Grã-Bretanha e o início da Modernização no Brasil. 1850 – 1914. Editora Brasiliense: São Paulo. 1963.

de mirar-se. “Já vê o leitor, ou a minha bela leitora que se há coisa que mais abunde nesse mundo são os espelhos”.<sup>113</sup>

Outra possibilidade para pensar o motivo da escolha do título, pode estar relacionada à associação entre *o Espelho* e *A Marmota*. Pôde-se conjecturar como possibilidade de escolha pelo título da primeira algo que compõe o título do segundo. Segue o que diz Juliana Siani Simionato sobre o significado da palavra *Marmota* no século XIX; “abarcava um tipo de brinquedo ótico, conhecido como Cosmorama ou lanterna mágica, que consistia em uma caixa simples em cujo interior eram projetadas imagens distorcidas por espelhos”.<sup>114</sup> Portanto, *O Espelho* seria para a *Marmota* uma parte essencial para o seu funcionamento. Ou poder-se-ia refletir sobre os mesmos, quando aludindo outro termo como “caixa de lente de aumento”. Seria a tentativa de advogar o papel redentor que perfilava a imprensa no século XIX? A promessa de mostrar ao leitor aquilo que ainda nenhuma outra revista teria mostrado, ou aguçar o senso crítico do “belo sexo” e da “brilhante mocidade”.

#### 1.4. Instruir, moralizar e deleitar: o projeto modernizador d’*O Espelho*

Havia n’*O Espelho* uma diretriz sustentada por quatro pontos: *instruir, moralizar, civilizar e deleitar*. Refletindo sobre os objetivos da revista, estes quatro pontos podem escoar e aportar em um ponto maior; o de *modernizar*. Ou seja, o

---

<sup>113</sup> O Espelho. *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859

<sup>114</sup> SIMIONATO, Siani Juliana. *A Marmota e seu Perfil Editorial: Contribuição para Edição e Estudo dos textos Machadianos Publicados Nesse Periódico (1855-1861)*. 2009. 301 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <[www.teses.usp.br/disoníveis/27/27152/tde-02022010-175327/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/disoníveis/27/27152/tde-02022010-175327/pt-br.php)> Acesso em: 03 Jan. 2016. p. 21.

processo modernizador, em um conjunto geral d'*O Espelho* se confundiu em alguns momentos com o que se entendeu por processo civilizador; um processo de transformação da constituição psicológica de determinados indivíduos através da disseminação, por parte da revista, de valores e ideias com o objetivo de educar/civilizar/modernizar e divertir o público leitor. Este processo foi ao encontro da tríade *instruir, edificar e divertir* que balizou as práticas de leitura do romance europeu iluminista, entre os séculos XVIII e XIX.<sup>115</sup> Foi preciso, desta maneira, passar por cada um destes pontos para entender qual foi o objetivo do impresso analisado. Portanto, procurou-se refletir sobre cada um deles, trazendo a lume o editorial da revista para demonstrar que esta diretriz estava sublinhada em seu programa e artigo de fundo.<sup>116</sup>

Não foi sem havermos profundamente refletido que nos resolvemos a publicar o *Espelho*. Pensamos todos os prós e os contras; lembramo-nos da sorte que tem tido todos os nossos irmãos desta grande seita fundada por Gutemberg, medimos os obstáculos que naturalmente virão antepor-se ao nosso caminhar, medimo-los todos, e

---

<sup>115</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Um agitador Cultural na Corte*: Op. Cit., p. 67-78.

<sup>116</sup> Na revista, este artigo carregou como título a palavra *prospecto*. No entanto, a palavra que mais coube ao mesmo foi *editorial*, visto que no *Dicionário Michaelis de Português* encontrou-se a seguinte definição para esta última: “*SmJorn* Artigo que expressa a opinião de um órgão da imprensa (jornal, revista etc.), geralmente escrito pelo chefe da redação.” (Ver em: MICHAELIS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008.p. 312) ou “Diz-se do, ou o chamado artigo de fundo ou artigo principal e inicial de um periódico.” Ver em: Dicionário de Português online: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=editorial> Acesso em: 23 de setembro de 2014.

aprestando as nossas forças preparamo-nos para afrontá-los um a um.

Pelo bom ou mau êxito de nossa empresa só o futuro responderá. É nele confiado que nos decidimos a combater até a última, no centro desta imensa arena dominado pelo indiferentismo.

O *Espelho* vai, pois aparecer como um protesto a esse mesmo indiferentismo, que faz morrer a inteligência, ainda quando o pensamento começa a adejar deixando ver as premissas de um futuro risonho.

Por ora nada mais prometemos do que a nossa boa vontade para fazermos com que esta revista tenha a maior circulação possível. O meio é somente um: *torná-la variada, mas de uma variedade que deleite e instrua, que moralize e sirva de recreio* quer nos salões do rico, como no tugúrio do pobre.

Para esse fim temos em vista a publicação dos romances originais ou traduzidos, que nos parecem mais dignos de ser publicados, artigos sobre literatura, indústria e artes, poesias, e tudo quanto possa interessar ao nosso público e especialmente ao belo sexo. Também publicaremos o que de novo aparecer sobre modas e oportunamente daremos os mais modernos figurinos, que de Paris mandaremos vir, e bem assim retratos e gravuras.

Ao talento e á inteligência não fechamos as colunas desta revista: pelo contrário, lisonjear-nos-emos se de qualquer forma podermos animar a esta brilhante mocidade,

que com os seus voos de águia procura abraçar o futuro.

É sabido quanto são escassos os meios entre nós de desenvolver-se a inteligência, que também necessita de um sopro vivificador que a anime.

Jornais literários pode-se dizer que não os há nesta vasta capital; e pois será esse um duplo merecimento que teremos. Pugnamos pelo progresso ao mesmo tempo que tentamos satisfazer a nossa missão.

O Espelho será, pois o pequeno reverbero de uma parte desses raios com que a inteligência procura iluminar o mundo.

Da aceitação que lhe derem os leitores depende o seu futuro; é ela quem marcará as dimensões de sua grandeza, a extensão de seu curso, a sua vida ou a sua morte.<sup>117</sup>

Foi possível constatar, ao analisar o editorial, que a revista tinha como objetivo realizar um projeto civilizatório através das letras. Para o objetivo ser alcançado era preciso afrontar o obstáculo do indiferentismo, que fazia morrer a inteligência e impedia a perspectiva de um futuro risonho. As armas lançadas nesta batalha poderiam ser “o sopro vivificador” de um jornal literário e a abertura de suas colunas para novos talentos e inteligências, fazendo assim com que se animasse a “brilhante mocidade.” Estes eram meios de desenvolver-se a inteligência. Deste modo, a revista de Eleutério posicionou-se enquanto um instrumento de influência social, que buscou – através da publicação de romances, “dignos de serem

---

<sup>117</sup> Editorial do *Espelho*, n.º1, 04/09/1859.

publicados”, poesias, artigos sobre literatura, indústria, arte e modas – *instruir, moralizar e divertir* o público leitor.

E como se deu o processo de *instruir, moralizar e divertir*, que, de certa maneira, convergiu em um processo mais amplo; civilizatório e modernizador? No dicionário de sinônimos da língua portuguesa de J. I. Roquete e José da Fonseca, do século XIX, a análise do significado de palavras similares ajudou a refletir sobre essa questão. Segundo o dicionário, ilustração, civilização e instrução são:

Palavras modernas mui usadas, que por ventura se confundem, mas que são diferentes. Consiste sua diferença em que instrução refere-se uma ideia motriz; a ilustração é seu efeito imediato; e a civilização é o resultado das duas. O homem é naturalmente ignorante; necessita instruir-se para sair d'aquele estado. Uma vez instruído adquiriu ilustração, e uma vez ilustrado contribui á civilização, que não é outra coisa mais que a soma de instrução e de ilustração aplicada ás necessidades sociais.<sup>118</sup>

Ou seja, esse projeto consistiu em instruir/educar o público leitor a partir da leitura da revista, para, deste modo, ilustrar e assim tornar os indivíduos (os leitores e leitoras) civilizados.

Pallares-Burke ao estudar um periódico pernambucano do século XIX concluiu que “Romances, jornais, revistas, sermões, teatro, pintura etc. tem tido sempre sua quota de

---

<sup>118</sup>ROQUETE, J. I; FONSECA, José da. *Diccionario dos synonymos poetico e de epithetos da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Aillaud, Alves & Cia, 1848.

participação no processo educacional”.<sup>119</sup> O jornalismo que “educou” a Europa a partir do século XVIII, – menos por seu veio noticioso do que por seu eixo cultural – constituiu-se em um instrumento iluminista ao mudar ideias e costumes de pessoas comuns, assumindo funções de agente cultural, mobilizador de opiniões e disseminador de ideias e costumes.<sup>120</sup>

Com a emancipação política na América Latina, no século XIX, onde homens e mulheres de letras deram à imprensa um importante papel no processo civilizatório, com o intuito de integrar o novo mundo independente, este processo, de refletir sobre o jornalismo enquanto meio de proclamação da educação pública, tornou-se evidente. O jornalista e o educador confundiram-se nesse processo. No Brasil, esta função da imprensa justificou-se pela ausência de escolas e livros, principalmente. Talvez o alto custo destes últimos tenha sido o ponto crucial que culminou em uma limitada circulação dos mesmos.

Em 1827, quando o Estado Imperial declarou a obrigatoriedade e a gratuidade do ensino nas escolas das primeiras letras, não era comum, mesmo por parte da aristocracia, que crianças frequentassem as escolas.<sup>121</sup> Elas eram preparadas por preceptores/preceptoras que lhes ensinavam as primeiras letras, códigos de bom-tom, línguas estrangeiras, como por exemplo, as crianças de famílias aristocráticas de São

---

<sup>119</sup>PALLARES – BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*, n.104, jul. 1998. p.145.

<sup>120</sup>Ibidem.

<sup>121</sup>JINZENJI, Mônica Yumi. *Op. Cit.*, p. 24-25

Paulo tiveram a alemã Ina Von Binzer como preceptora<sup>122</sup> e a família Boiteux em Santa Catarina, o belga Felix Weis.

Até meados do século, grande parte da população que tinha contato com a escrita, estava dotada apenas da capacidade de leitura e não do cálculo e da prática de escrever, que eram estudados em momentos distintos do primeiro. Portanto, foi neste viés que os indivíduos, especialmente as mulheres, ficaram sujeitos a uma educação menos viabilizada por meio de escolas e mais ensejada através da produção e circulação de publicações especializadas. Evidência disto foi a frequência com que o termo *instrução* e seus derivativos, por exemplo *educação*, apareceu nos jornais e demais impressos do século XIX.<sup>123</sup>

Talvez, o espaço, relativamente grande, que foi dado ao teatro na revista tenha sido em prol tanto deste projeto de civilizar e modernizar através da educação e instrução, como também da missão que tinha *O Espelho* de valorizar aquilo que era culturalmente nacional.

A arte dramática foi abordada na *O Espelho*, a exemplo de como a projetou Quintino Bocaiuva (que em muito influenciou o crítico teatral da revista; Machado de Assis), como uma “escola de ensino” e não apenas como uma “simples casa de espetáculos”. Como apontou Rodrigo Godoi, Quintino Bocaiuva advogou em favor de uma comédia que procurou corrigir os costumes da sociedade através de uma crítica moralizadora. Desta mesma maneira, o teatro foi abordado na revista *O Espelho* como um lugar de distração, mas também – e principalmente – como um lugar de ensino. Outro modo de instruir, civilizar e moralizar a sociedade e os povos, pois o

---

<sup>122</sup> Vide o livro *Os meus Romanos* – alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

<sup>123</sup>JINZENJI, Mônica Yumi. Op. Cit., p. 24



teatro foi também uma poderosa ferramenta de intervenção social no século XIX, porque ao mesmo tempo em que distraiu o público, também o ensinou, mostrando todas as faces da sociedade e, como consequência, transformando-a.<sup>124</sup>

Assim, como têm demonstrado críticos e historiadores do teatro brasileiro, os pressupostos da “escola realista” não seduziram gratuitamente nossos jovens literatos. Pelo contrário, ao transformar os palcos em tribuna, onde se debatiam ideias por intermédio de personagens e situações, esse teatro veio perfeitamente ao encontro dos anseios desses mesmos homens de letras.<sup>125</sup>

Uma ideia expressa por Machado de Assis em um momento da revista *O Espelho*, pôde ilustrar essa questão levantada por Godoi. Em seu artigo *Ideias sobre o Teatro*, publicado no número cinco da revista, o literato descreveu o jornal, a tribuna e o teatro como meios de proclamação e educação pública;

Quando se procura iniciar uma verdade busca-se um desses respiradouros e lança-se o pomo às multidões ignorantes então. No país em que o jornal, a tribuna e o teatro tiverem um desenvolvimento conveniente – as calígens cairão aos olhos das massas; morrerá o privilégio, obra da noite e da sombra; e as castas superiores da sociedade

---

<sup>124</sup> GODOI, Rodrigo Camargo. *Entre comédias e contos*. A formação ficcionista de Machado de Assis. Op. Cit., p. 29.

<sup>125</sup> *Ibid.*

ou rasgarão os seus pergaminhos ou cairão abraçadas com eles, como em sudários.

É assim, sempre assim; a palavra escrita na imprensa, a palavra falada na tribuna, ou a palavra dramatizada no teatro, produziu sempre uma transformação. É o grande *fiat* de todos os tempos.

Há porém, uma diferença: na imprensa e na tribuna a verdade que se quer proclamar é discutida, analisada, e torcida aos cálculos da lógica; no teatro há um processo mais simples e mais ampliado; a verdade aparece nua, sem demonstração, sem análise.<sup>126</sup>

Segundo o *Dicionário Universal de Educação e Ensino*,<sup>127</sup> o fim da *educação* seria desenvolver a faculdade moral, enquanto a *instrução* desenvolveria a faculdade intelectual. Contudo, seria limitado, segundo Mônica Jinzenji, considerar que os impressos e as instituições escolares se restringissem somente a determinada função ou objetivo; “As qualidades morais e o ‘cultivo das virtudes’, apareciam como elementos-chave dos discursos que defendiam a *instrução*, se referindo, portanto, a uma ação *educativa*. ”<sup>128</sup> N’*O Espelho*, o artigo do colaborador Manoel Duarte Moreira de Azevedo, intitulado *A preguiça*, ajudou na reflexão sobre a questão levantada por Mônica Jinzenji. No artigo, Moreira de Azevedo escreveu sobre o mal que a preguiça poderia causar ao indivíduo e a sociedade. Para o autor, a preguiça era o *morfeu moderno*; o

---

<sup>126</sup> ASSIS, Machado de. Ideias sobre o teatro II. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>127</sup> CAMPAGNE, E. M. *Dicionário Universal de Educação e Ensino*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardon/ Casa Editora Lugan&Genelioux, Sucessores, 1886. T. I. Apud. JINZENJI, Mônica Yumi. *Op. Cit.*,

<sup>128</sup> JINZENJI, Mônica Yumi. *Op. Cit.*, p. 24-25

deus alado dos sonhos noturnos e mais hábil na imitação da figura humana.<sup>129</sup> Era também a mãe da ociosidade, a pausa do movimento, a irmã do *far-niente*.

[...] um vício diabólico, obriga o ministro a retardar o expediente, o deputado a fazer sinalefas, o empregado público a levar ponto, [...], o poeta a não fazer versos, o literato a não escrever uma linha, o advogado a demorar as demandas, o médico a não visitar os doentes, os professores a não dar lições, os jurados a não ir ao júri.

[...] A preguiça é a inimiga do trabalho, é a inércia da humanidade é a irmã da paciência.

A preguiça, diz a fábula, nasceu do sono e da noite e foi metamorfoseada em tartaruga por ter dado ouvidos às lisonjas de Vulcano; por isso já se vê, que não é boa pessoa, e só poderia ser enamorada pelo tal Vulcano, que era um deus extremamente feio e coxo.

São imensos os partidistas da preguiça, principalmente entre nós, onde até nas matas há um bicho feio, chamado – preguiça!

Creiam as minhas leitoras que foi uma fatalidade o ter a preguiça nascido na América!

[...] O preguiçoso tem medo do trabalho como a coruja receia-se da luz; o homem

---

<sup>129</sup> OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

preguiçoso é como a bola, que rola sempre no mesmo lugar.

O marquês de Maricá diz que a preguiça gasta a vida como a ferrugem consome o ferro.<sup>130</sup>

Neste sentido, o artigo incitou a reflexão sobre a ideia de um discurso de educação que teve como ponto chave os entraves que o cultivo de intemperanças podia causar no caminho da civilização. O autor instruiu o leitor e leitora, através da mitologia, da biologia animal, da geometria espacial, que a preguiça era um vício que não deveria ser cultivado.

A *instrução*, com uma função também educativa, assemelhou-se aquela apontada por Marlyse Mayer, porém mais voltada a uma *educação* do corpo. Apesar de seu entendimento por jornal feminino ser diferente<sup>131</sup> do entendimento de feminino da revista analisada neste trabalho, pois esta última foi fundada, editada e escrita por homens para o público em geral, mas especialmente ao feminino. Refletiu-se sobre a ideia de *instruir*, que *O Espelho* trouxe, como uma ação educativa que em muito se assemelhou aquela apontada pela autora: “dentro daquela proposta “higienista” de urbanização da velha família colonial “<sup>132</sup>, onde o indivíduo deveria “compenetrar-se de sua nova situação social, abandonando seus antigos hábitos e europeizando o seu corpo, seus vestidos, e seus modos.”<sup>133</sup>

---

<sup>130</sup> AZEVEDO, Moreira de. A Preguiça. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>131</sup>“Entende-se aqui por jornais femininos aqueles que, fundados e dirigidos por mulheres, pretendiam de uma forma ou outra, colocar questões a elas atinentes.” Cf. MEYER, Marlyse. *O Folhetim. Op. Cit.*, p. 298.

<sup>132</sup>Idem, p. 298.

<sup>133</sup>Idem, Ibidem.

Na revista *O Espelho*, outros artigos assinados pelo colaborador Moreira de Azevedo puderam representar essas funções de *instrução educativa* apontada anteriormente. Com relação ao termo *instrução*, no sentido de *educação* do corpo e dos modos, apontado por Marlyse Meyer, observou-se a crônica *As luvas*, publicada na edição número um, de quatro de Setembro de 1859. Nela, *M. de Azevedo* discorreu sobre a importância do uso deste acessório:

Não há moça de mão delicada, nem rapaz do *tom*, que deixe de trazer a sua luva de pelica.

É possível em um baile encontrar-se alguma moça com os braços descobertos, com o cabelo sem enfeite, com o colo despido, com um vestido simples, porém com as mãos nuas, sem luvas, isso não, é cousa que não se vê, nem em qualquer casa, em que haja uma simples contradança.

A luva, pois é tão necessária para quem vai ao baile, como é preciso o lenço para quem tem defluxo.

[...] Ah! Que bela invenção não foi a luva!

Antigamente usavam-se luvas de couro, depois começaram a aparecer as de algodão; hoje as que estão mais em moda são as de Jouvin, que é um *Monsieur*, que sabe fazer luvas melhor do que ninguém.

Em França as luvas começaram a ter voga no reinado de Henrique III, porque uma fidalga que tinha influência nessa corte, principiou a usar desse enfeite, e então todas quiseram imitar a favorita do rei!

E é assim que quase todas as modas têm aparecido.

[...] Na Inglaterra fazem-se luvas de goma elástica, com as quais se pode lidar sem perigo com os ácidos, álcalis, e sais, que vivamente atacam a pele.

[...] Quando algum vestido lhes fica justo e assenta no corpo, dizem logo:

- Está que é uma luva.

[...] A luva é um enfeite precioso; no baile torna bela e macia a mão da moça, e oculta muitas vezes a cartinha de namoro.

É um enfeite, que a etiqueta não dispensa; fazer uma visita de cerimonia sem levar luvas, é o mesmo, que sair de casaca sem gravata ao pescoço.<sup>134</sup>

A ação educativa do corpo, no trecho acima, se referiu a ter sempre, a moça educada e o rapaz do tom, as mãos vestidas de luvas. Além de um discurso que educou sobre o uso das luvas em seu uso corriqueiro, aparentemente com fins ornamentais, o uso das luvas que respondia a uma função determinada, a proteção, ou seja, a um caráter funcional, também foi levado em consideração. A própria utilização da palavra luva como uma expressão da língua portuguesa – “Está que é uma luva” –, bem como a tentativa de uma historicização do acessório, denotou a ação de instruir.

A questão do *deleite* n’*O Espelho* foi relacionada, principalmente, a literatura, às imagens, moda, música e dança. Como observado anteriormente, a revista brindou seus assinantes com partituras musicais, mas também ofereceu artigos que falaram sobre a história da dança. Nos artigos *História da dança I e II*, publicados nas edições número 16 e 17,

---

<sup>134</sup>AZEVEDO, Moreira de. As Luvas. *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.

de 18 e 25 de Dezembro de 1859, o autor, sob a abreviatura *Vrs.*, discorreu sobre uma *hipótese* do surgimento da dança:

A princípio ela tinha por fim dar aos membros benéfica flexibilidade, ou era preparada em honra dos deuses; mais tarde porém, perdeu este carácter por assim dizer sagrado, olvidou o seu fim higiênico, erigiu-se em arte, e entrou no teatro como um deleite de uma população efeminada.<sup>135</sup>

Em seguida informou sobre as danças que em 1859 disputaram a “primazia em todos os salões”. Foram elas: *contradança* ou *quadrilha*, *polca*, *valsa*, *mazurca*, *varsoviana*, *redova*, *schottisch* e *lanceiros*. Essas danças eram todas de origem estrangeira; inglesa, húngara, alemã, varsoviana e polonesa. O autor – de forma proposital? – não mencionou as danças que foram pautadas pelos ritmos e sons africanos ou afro-brasileiros, como o som das marimbas, agogôs, atabaques e tambores. O *lundu*, tão entoado no Brasil do século XIX, não foi mencionado. Ainda mais quando foi uma das características mais marcantes de um dos colaboradores d’*O Espelho*; o poeta Laurindo Rabello. Conhecido também por seus engraçados *lundus*, Rabello criou um estilo inconfundível; “Repentista, excelente na arte da conversação, Rabelo ia do estilo sério ao humorístico, passando pelo galhofeiro e pornográfico. Seria pioneiro ao introduzir o violão no círculo letrado”.<sup>136</sup>

Estes artigos – tanto *As Luvas*, quanto *História da dança I e II* – divergiram, em alguns aspectos, da proposta da revista. Mesmo se encaixando no objetivo do projeto civilizatório de *instruir, moralizar e deleitar*, não atenderam a preocupação que

---

<sup>135</sup>VRs. A História da Dança. *O Espelho*, n.º 16, 18/12/1859.

<sup>136</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Um agitador cultural na Corte: a trajetória de Paula Brito*. Op. Cit., p. 77.

mostrou *O Espelho* de uma missão nacional de valorizar aquilo que era local; “No nosso país também há artistas inteligentes e não é só de fora que vem as obras de mérito”.<sup>137</sup> A busca pelo ser e estar moderno pôde também ser identificada, em suas páginas, através da tentativa de uma cosmopolitização. Ou seja, o modernizar-se na revista partiu do princípio de que era preciso adaptar-se e “beber” da cultura, principalmente, europeia. A cidade do Rio de Janeiro foi representada em alguns momentos, n’*O Espelho*, como uma cidade que se formou e sofreu a influência de diversas culturas, mas que se adaptou muito bem a este contato. Alguns romances folhetinescos, contos, fábulas – que também funcionaram como um deleite na revista – reafirmaram essa “passiva” influência. No entanto, dentro da própria revista, havia outra forma de pensar esta adaptação e influência, não tão apática e subjugada. Esta outra vertente problematizou a ambientação destas influências. Trouxe para o leitor e leitora d’*O Espelho* a reflexão de como em muitos momentos as “plantas europeias” dificilmente se “aclimataram” na cidade do Rio de Janeiro. “Se é defeito de suas propriedades orgânicas, ou da incompatibilidade do clima, não o sei eu. Enuncio apenas a verdade. ”<sup>138</sup>

Mas de que maneira se deu esta contraposição dentro revista? Quais foram os colaboradores e seus posicionamentos? Para responder estas questões foi preciso conhecer o quadro editorial d’*O Espelho*, o assunto do próximo capítulo desta dissertação.

---

<sup>137</sup> Notícias á mão. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>138</sup> ASSIS. Machado de. O Folhetinista. *O Espelho*, n. 9, de 30/10/1859.



## **CAPÍTULO II LUGAR DE DESTINOS CRUZADOS – A REVISTA COMO UM ESPAÇO DE SOCIABILIDADE**

As revistas, em sua maioria, são obras que oferecem estrutura para um conjunto de indivíduos, tornando-se assim projetos coletivos por agregarem pessoas em torno de afinidades, fidelidades, amizades, ideias, crenças e valores que se pretende difundir através da palavra escrita. O que é preciso perguntar-se é se as similitudes de ideias ou atividades foram elementos da união deste conjunto de indivíduos. Além disso, poder-se-ia perguntar como, de alguma maneira, a forma como os membros do grupo se tornaram amigos/colegas/conhecidos pode indicar fatores sociais e culturais mais abrangentes<sup>139</sup>, bem como trajetórias de vida semelhantes ou que se cruzam.

Parte daí a importância de se fazer uma análise cuidadosa do grupo responsável pela linha editorial de uma revista e verificar quais são os seus colaboradores mais assíduos. Estes aspectos podem ajudar na investigação das intenções e expectativas, bem como na leitura de passado e futuro que tinham seus idealizadores e colaboradores.<sup>140</sup> Desta maneira contribui para compreender a distinção e formação destes colaboradores enquanto grupo e se este foi um fator que resultou na criação e publicação da própria revista.

Portanto, as revistas são importantes fontes que corroboram na tentativa de recuperar o mensurável dentro de um grupo e neste sentido, amparar no processo de identificação das singularidades de trajetórias sociais. Nesta perspectiva,

---

<sup>139</sup> WILLIAMS, Raymond. A Fração Bloomsbury. Plural: Revista do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, São Paulo, USP, 1º semestre de 1999, n.6, p. 139 -168.

<sup>140</sup> LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla Bassanezi. Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

procurou-se refletir sobre as revistas, a exemplo das bibliotecas investigadas por Tânia Maria Bessone<sup>141</sup>, como *lugares de destinos cruzados* e não *palácios* – como usou a autora – por não possuírem o capital simbólico e econômico que as bibliotecas possuíam e possuem por ainda cruzarem destinos, atemporais, até os dias atuais. E por terem sido, as revistas, por muito tempo, consideradas publicações marginais e efêmeras que não integraram as estantes das bibliotecas do século XIX e XX. No entanto, a revista pode ser entendida também como um lugar que ajudou “a aprofundar relações sociais, intelectuais e afetivas de homens”,<sup>142</sup> principalmente. Através de sua análise é possível cruzar os destinos de indivíduos; redatores, editores, colaboradores, tipógrafos e leitores, que se integravam ou confrontavam-se.

Movidos pelas revistas, grupos de indivíduos, em meados do século XIX, reuniram-se em livrarias, tipografias, associações e academias. Estes espaços que configuraram aglutinações de pensamentos, ideários, interpretações e experiências de vida, substanciaram redes que conferiram estrutura ao campo intelectual da época. O estudo destes espaços permite ao investigador refletir sobre a formação, estruturação e dinâmica de um determinado campo intelectual. Nesta perspectiva – pensando em uma revista como um espaço/meio intelectual – entendeu-se que o programa/artigo de fundo e proposta que se apresentava ao leitor era resultado de “intensa atividade de bastidores”.<sup>143</sup> Deste modo, é através da

---

<sup>141</sup> BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

<sup>142</sup> Idem, p.25.

<sup>143</sup> LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p.

investigação desta atividade de bastidores que o historiador pode inquirir sobre projeto, elaboração e estímulos para a criação de uma revista, bem como para a interrupção de sua circulação.

Portanto, neste capítulo trilhou-se um caminho que passou por três espaços que reuniram grupos de indivíduos que estavam diretamente ligados a revista de Francisco Eleutério de Sousa. Fez-se uma análise da aproximação e ligação da revista *O Espelho* e o jornal de variedades *A Marmota*; passando pela Tipografia de Francisco de Paula Brito; tendo como terceiro espaço a *Sociedade Petalógica do Rossio Grande*, produto desta tipografia, que teve entre seus membros muitos colaboradores d'*O Espelho*. Delineou-se uma rede de sociabilidade a partir destes três espaços, refletindo sobre seus colaboradores como fazendo parte de uma estrutura que se organizou em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades difusas – questões importantes e determinantes na criação de uma vontade e um gosto de conviver.<sup>144</sup> Diante da ausência de informações sobre o proprietário da revista – Francisco Eleutério de Sousa – refletir sobre esta rede de indivíduos e seus espaços pôde abrir outros caminhos e possibilidades para uma melhor interpretação e análise da fonte *O Espelho*.

## 2.1 Os Homens de Letras n'*O Espelho*

Na lista de colaboradores que completou o quadro editorial d'*O Espelho* configuraram professores, jornalistas, escritores, médicos e estudantes de medicina, literatos, tipógrafos, editores. Portanto, criadores e mediadores culturais que desempenharam, historicamente, um papel importante nos assuntos da sociedade. Estas características são conhecidas à categoria de análise nomeada *intelectual*. O conceito de intelectual tem um caráter polissêmico e exige uma reflexão e análise mais cuidadosa. Portanto, refletindo sobre os

---

<sup>144</sup>SIRINELLI, Jean François. *Os Intelectuais*. Op. Cit.,

colaboradores da revista *O Espelho*, a acepção da categoria que mais se adequou aos mesmos foi a *ampla e sociocultural* de intelectual de Jean-François Sirinelli. Nesta acepção o intelectual foi entendido como um indivíduo produtor de bens simbólicos, que elabora interpretações sobre a realidade que experimentaliza.<sup>145</sup>

Devido a esta extensão da categoria, que é de difícil definição e está em permanente reelaboração, não foi objetivo discutir a respeito de intelectuais como se os mesmos pertencessem a uma categoria homogênea e indistinta. Partiu-se do princípio de que a categoria dos intelectuais existiu muito antes do próprio conceito, embora com outros nomes – pois sempre existiu ao lado do poder político e econômico o poder ideológico, expressado, principalmente, através da palavra.<sup>146</sup> Levou-se em conta a reflexão sobre a função do intelectual em determinado lugar/espaco/sociedade e que a comparação entre épocas diferentes é delicada, devido às mutações sociológicas e que as estruturas de sociabilidade variam de acordo com a época e subgrupos intelectuais.<sup>147</sup> Sabe-se que a palavra intelectual, como substantivo, referindo-se a figura do sujeito de conhecimento, surgiu apenas no final do século XIX, com o *affaire Dreiffus*. Portanto, para não ruir em erros anacrônicos, este grupo de indivíduos reunidos ao redor d'*O Espelho* foi denominado, nesta dissertação, como *homens de letras*.<sup>148</sup>

---

<sup>145</sup> Ibidem.

<sup>146</sup> BOBBIO, Norberto. Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea. 2. reimpr. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

<sup>147</sup> SIRINELLI, Jean François. *Op. Cit.*,

<sup>148</sup> O termo *homens de letras* levanta questões sobre *mulheres de letras*. É verdade que, mesmo sendo excluídas da busca pelo saber, elas existiram ao longo do século XIX. *O Jornal das Senhoras: modas, Litteratura, bellas-*

Peter Burke fez uso do mesmo termo – *Homens do saber e homens de letras* – em seu livro *Uma história social do conhecimento*, sublinhando que, no contexto por ele estudado, *lettres* fazia referência à cultura e não somente a literatura. Para o autor, do século XV ao XVIII, os acadêmicos, considerados *homens do saber/de letras*, referiram-se a si mesmos como membros de uma “República de Letras”. Afirmção que expressou a convicção de que os mesmos pertenceram a uma comunidade que transcendeu as barreiras nacionais.

Tratava-se essencialmente de uma comunidade imaginária, mas que desenvolvia costumes próprios, como a troca de cartas, livros e visitas, para não mencionar modos ritualizados pelos quais os mais jovens demonstravam respeito pelos colegas mais velhos, que podiam ajudar a lançar suas carreiras.<sup>149</sup>

Esta “comunidade imaginária” ressaltou que a ritualização das relações intelectuais passou por trocas epistolares, que incluíram também remessas de livros e revistas, que foram entendidos como *locus* de sociabilidade. Nesta medida, essa comunidade assemelhou-se ao meio intelectual estudado por Jean François Sirinelli, que seguiu a mesma toada onde os processos de transmissão cultural são considerados essenciais e o patrimônio dos mais velhos um elemento de

---

*artes, teatro e crítica*, lançado em 1852 no Rio de Janeiro, foi um exemplo de periódico para mulheres e escrito por mulheres. No entanto, as mulheres ainda não participavam destes círculos letrados da mesma maneira que os homens. Poucas mulheres conseguiram estudar, instruir-se e quando tentaram entrar nestes círculos foram, muitas vezes, repelidas. N’ *O Espelho* não há informação sobre a colaboração feminina. É quase certo que ela não existiu nas páginas da revista. Vide nota 99.

<sup>149</sup> BURKE, Peter. *Uma história Social do Conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 26.

referência; “um intelectual se define sempre em referência a uma herança, como legatário ou como filho pródigo: quer haja um fenômeno de intermediação ou [...] uma ruptura.”<sup>150</sup>

Os *homens de letras* estudados por Peter Burke integraram um grupo de estudiosos “leigos cultos”, em geral médicos, advogados, filósofos, teólogos. Para este grupo a invenção da prensa tipográfica resultou na ampliação de oportunidades de carreira. Alguns se tornaram letrado-impressores, outros trabalharam para os impressores, fazendo traduções, revisões, escrevendo por encomendas de editores-impressores. A partir do século XVII estes *homens do saber* passaram a escrever em revistas especializadas, literárias. No século XVIII, alguns deles, já considerados jornalistas,<sup>151</sup> com a proliferação dos periódicos, tornaram-se mais influentes. Desta maneira, as recompensas – poder-se-ia dizer os bens simbólicos – dos *homens de letras* só aumentavam. Pode-se dizer que os *homens de letras* que colaboraram para *O Espelho* são legatários destes *homens do saber* analisados por Peter Burke.

Aos colaboradores d'*O Espelho* foi possível atribuir também algumas características do *erudito*; sujeito de qualquer tipo de conhecimento que apareceu antes das últimas décadas do século XIX, quando a figura do intelectual moderno não era ainda conhecida na condição de engajamento colocada por Émile Zola, no manifesto *J'Accuse*, durante o *affaire Dreiffus*, no final do século XIX. Foi nomeado erudito o indivíduo que realizou um trabalho no campo do conhecimento e da cultura, que transitou por vários campos do saber e se dedicou aos diversos gêneros de escritura. O erudito quase sempre se dedicou às belas letras e às humanidades como uma atividade que

---

<sup>150</sup>SIRINELLI. Op. Cit., p 254-255

<sup>151</sup> “termo que apenas começava a ser usado em francês, inglês e italiano por volta de 1700” Cf. BURKE, Peter. Op. Cit.,

exerceu por prazer ou em busca de *status*, já que comumente tinha outra profissão que garantia seu sustento. Geralmente a formação do erudito era autodidata, não possuiu uma área especializada e quando houve uma especialização foi em área distinta daquela em que o mesmo produzia grande parte de seu trabalho relacionado às letras.

A figura do erudito está relacionada com uma organização social ainda marcada por uma ordem estamental, com pouca mobilidade e onde o status exerce um papel preponderante. O erudito prevalece modernamente em sociedades onde a divisão de trabalho trazida pelo desenvolvimento capitalista ainda é muito restrita, onde o ritmo mais lento das transformações econômicas e sociais leva a prevalência de relações personalistas, da troca de favores, do clientelismo, do mecenato, tanto no campo da política como no campo da cultura. Estas atividades não são pensadas como separadas ou autônomas. Há uma constante complementaridade e circularidade de pessoas entre campos distintos tanto do conhecimento como de atividades sociais. O erudito pode ser ao mesmo tempo o poeta, o escritor, o historiador, o advogado [rábula] [...], pois não se exige ainda uma formação especializada, nem prevalece a valorização da profissionalização. Ao contrário, o que é valorizada é a capacidade de acumular diferentes tipos de conhecimento e ser capaz de exercer diferentes atividades. O trabalho com as letras, com as humanidades é visto como uma espécie de acréscimo de distinção para quem exerce outras atividades. Numa sociedade cujo *ethos*

ainda é regido por concepções aristocráticas, o saber aparece como uma forma de distinção e não como tendo uma função utilitária ou pragmática. O conhecimento antes de ter uma função social estava destinado a permitir a uma pessoa ter destaque, *status* e poder aceder aos restritos postos de comando da sociedade.<sup>152</sup>

Parte da descrição da figura do *erudito*, como a enunciada acima, coube aos colaboradores d'*O Espelho*. No entanto, outra característica, também atribuída ao *erudito*, não coube; tal como a ideia de que o *erudito* desempenhava um papel de legitimador e analista do regime em que estava inserido.<sup>153</sup> N'*O Espelho*, a crônica *A miséria* exemplificou a postura crítica que tinham alguns de seus colaboradores com relação ao tempo que experimentaram e vivenciaram. Nela, o cronista – que não assinou – fez uma avaliação da postura do governo com relação aos miseráveis, ou seja, as pessoas que realmente necessitavam de sua assistência:

O estudo da sorte das classes sofredoras é um grande problema que deve ocupar atenção de todo país.

A miséria não exige remédio pronto, eficaz, que sane as suas sangrentas feridas só pelo aspecto que apresenta; a previdência exige uma medida que tolha, quando menos, o seu desenvolvimento, para que algum dia o

---

<sup>152</sup> ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo*. Trajetos, Fortaleza, v.9, n.19, p. 29 – 42, fev. 1990. p. 15-16.

<sup>153</sup> Idem, p. 18.



pobre, que geme porque sofre, não seja o colaborador do mal e do malvado em sua obra de destruição como disse Victor Hugo.

Quantas vezes o homem não se perde, não se desvaira pelo sofrimento e não se arroja ao crime? Quantas vezes a mulher, que nasceu bela, com quem a natureza foi prodiga de encantos, não se deixa seduzir pela miséria, vendendo o seu corpo, e depois, quando esse corpo se acha carcomido e gasto, vendendo também sua alma para poder comer, para poder comprar um pedaço de pão?

A miséria é uma lima surda que vai gastando a sociedade, aniquilando-a por fim, se ela pronto remédio não procura dar-lhe. Como a lepra é a moléstia do corpo humano, assim ela é também uma moléstia do corpo social.

[...]

É preciso não se ter penetrado ainda todos os seus horrorosos mistérios para desconhecer-se os males provenientes da miséria; é preciso não se haver ainda visitado esses tristes tugúrios que servem de habitação ao pobre, para se conhecer que ali não mora somente um homem, uma família, mora também a desgraça.<sup>154</sup>

Para o cronista, o homem não era mal por natureza e sim uma vítima transformada pelo meio em que estava inserido; “as

---

<sup>154</sup>A Miséria. *O Espelho*, n°1, 04/09/59.

provações de sua vida, as necessidades por que quotidianamente vai passando, são a causa dele tornar-se mal”.<sup>155</sup>

O animal apanhado no meio das selvas, e em nossa casa, aos nossos cuidados alimentado, lambe-nos por fim as mãos e nos acaricia, ao contrário de seus irmãos, filhos dos mesmos pais, que desde pequenos acostumados a rapina a nós se atiram e bebem o nosso sangue, fazendo de nosso corpo um pasto onde possam saciar a sua fome.<sup>156</sup>

O autor pareceu estar embebe da leitura das obras e discursos de Victor Hugo, de meados do século XIX. Essa crônica d’*O Espelho* trouxe muitas questões que também foram abordadas pelo francês em um discurso intitulado *Détruire la misère*, proferido na Assembleia Nacional Legislativa, em nove de julho de 1849. Victor Hugo, neste discurso, que foi citado pelo autor de *A Miséria*, apoiou a constituição de uma comissão que fosse encarregada das questões ligadas ao bem-estar e assistência pública. Eram propostas que fomentavam um deslocamento do olhar parlamentar para a tentativa e concretização da destruição da miséria que assolou a França oitocentista.

La misère, messieurs, j'aborde ici le vif de la question, voulez-vous savoir jusqu'ou elle est, la misère ? Voulez-vous savoir jusqu'ou elle peut aller, jusqu'ou elle va, je ne dis pas en Irlande, je ne dis pas au Moyen Âge, je

---

<sup>155</sup>Idem, Ibidem.

<sup>156</sup>A Miséria. *O Espelho*, nº1, 04/09/59.

dis en France, je dis à Paris, et au temps où nous vivons ?<sup>157</sup>

O cronista brasileiro fez uso da mesma analogia feita por Vitor Hugo, entre a lepra – como uma moléstia do corpo humano – e a miséria – como a moléstia do corpo social. No entanto, o cronista levantou questões pertinentes ao que estava acontecendo na cidade do Rio de Janeiro. Em meados do século XIX, o combate à criminalidade estava entre as metas do governo. A prostituição e o alcoolismo, principalmente entre os pobres, aumentavam consideravelmente. Na Corte a polícia foi acionada para iniciar uma ação moralizadora para corrigir os costumes principalmente das mulheres de “vida duvidosa”.<sup>158</sup> O *Correio Mercantil*, em dezembro de 1858, anunciou obras como *Apontamentos de Processo Criminal Brasileiro*, de autoria de José Pimenta Bueno e *Mapas para a estatística criminal*.<sup>159</sup> A violência foi uma constante nestas ações para o combate à criminalidade. Não eram tempos favoráveis aos pobres, as instituições previstas para socorrê-los revelaram-se insuficientes. Os textos impressos sob a rubrica *Notícias a mão* denunciaram outras situações;

Não sabemos se ainda existe o asilo dos mendigos, mas parece-nos que não, porque se existisse, para lá teriam já recolhido essa infeliz mulher, tão jovem ainda, que todos os dias sentada sobre o frio lajeado do beco das Cancelas é um vivo protesto contra a

---

<sup>157</sup> Parte do discurso *Détruire la misere*, de Victor Hugo, está disponível no site da Assembleia Nacional: <http://www2.assemblee-nationale.fr/decouvrir-l-assemblee/histoire/grands-moments-d-eloquence/victor-hugo-detruire-la-misere-9-juillet-1849>. Acesso em 20/10/2015.

<sup>158</sup> RENAULT, Delso. Rio de Janeiro. *A Vida na cidade refletida nos jornais*. São Paulo: Civilização brasileira, 1978. p. 146.

<sup>159</sup> *Correio Mercantil*, 11/12/1858.

humanidade e contra a civilização do país.<sup>160</sup>

Em outra dessas notícias o autor, que não assinou, recomendou que a autoridade se voltasse com atenção para uma órfã, “de 12 a 13 anos”, que vivia na praia do Caju, e que “a vista do público emprega[va]-se nos serviços mais grosseiros e impróprios de uma menina daquela idade e tão merecedora de melhores proteções”.<sup>161</sup> Portanto, foi a partir deste quadro da sociedade que o cronista d’*A Miséria* pronunciou que as mazelas do povo estavam diretamente relacionadas ao cuidado com que o governo o acolhia, pois era o meio que transformava o ser humano: “A miséria de um povo muito depõe contra o amor e solicitude com que os governos devem olhar para ele”.<sup>162</sup> Segundo o cronista, o homem “Lutará, lutará, ainda por algum tempo” e viverá, “Não podendo suportar o peso do seu infortúnio, [...] se renderá e depois, como o escravo do opulento, terá de viver vida aparentemente mais doce, amaldiçoando porém, o egoísmo na pessoa do seu *salvador!* ”<sup>163</sup>; o governo.

Os *homens de letras* das décadas de 1850/60 assumiram uma missão civilizadora, moralizadora, literária e ao mesmo tempo política. Muitas vezes ressentiram-se também da condição das letras e da cultura de sua época. O campo literário que vivenciaram e experimentaram passava por um processo de consolidação que se iniciou com o romantismo e o surgimento do romance em 1840. O romantismo funcionou como um dos primeiros agentes consolidadores da tríade autor-obra-público,

---

<sup>160</sup>Notícias à mão. *O Espelho*, n.º1, 04/09/59.

<sup>161</sup>Idem, *Ibidem*.

<sup>162</sup>*A Miséria*. *O Espelho*, n.º1, 04/09/59.

<sup>163</sup>Idem, *Ibidem*.

que é a base de configuração de um campo literário.<sup>164</sup> Entretanto, este campo em formação ainda tinha como característica uma dependência em relação ao financiamento estatal – mais do que ao público leitor e ao mercado editorial – restrito pelos altos índices de analfabetismo que ainda reinava na Corte, resultado da escravidão e da fragilidade das instituições educativas. As redes e os espaços de sociabilidade, bem como as conexões que faziam, corroboraram para que estes *homens de letras* conseguissem “colocações” que permitiram a realização de seus trabalhos literários.<sup>165</sup>

Estes *homens de letras* que vislumbravam estas “colocações”, bem como prestígio e reconhecimento social, partiram de diversas regiões do Brasil para a cidade do Rio de Janeiro. Este movimento iniciou um processo de transformação da capital do império em uma espécie de capital literária. Pois conforme indicado por Carmem Matta, as letras sempre elege um solo real e palpável. Jamais se conseguiu desviá-las da região geográfica em que foram criadas.<sup>166</sup> O Rio de Janeiro do oitocentos foi, portanto, considerada uma cidade das letras:

[...] aquela que, entre outras, vinha se definindo desde o início da colonização da América como o espaço mais adequado à vivência do ‘setor letrado acadêmico’, e que ainda lutava para se impor, com seu discurso

---

<sup>164</sup> MATTA, Carmem. O Rio de Janeiro na Literatura: Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. *Revista Rio de Janeiro*. UERJ, v.10, n.3, p. 259-278, 05-08/2003. Disponível em: [http://www.forumrio.uerj.br/publicacoes\\_fase3\\_n10.htm](http://www.forumrio.uerj.br/publicacoes_fase3_n10.htm). Acesso em: 23 Dez. 2015.

<sup>165</sup> ANDRADE, Debora El-jaick. *A Árvore e o Fruto: A promoção dos intelectuais no século XIX*. 2008. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

<sup>166</sup> MATTA, Carmem da. Op. Cit.,

cultural autônomo, criando valores e símbolos próprios.<sup>167</sup>

N’*O Espelho*, por exemplo, havia colaboradores de diversas origens, como da Bahia (o próprio proprietário da revista era baiano), Pará, Sergipe, Ceará, Rio Grande do Sul e alguns portugueses domiciliados no Brasil. Quando no Rio de Janeiro, estes homens seguiram para as revistas, jornais, para a imprensa em geral, instituída na cidade. “Circular por inúmeros periódicos, inclusive os de grande porte auxiliava, ao que parece, a construção do nome e do prestígio do escritor”.<sup>168</sup> Foi a partir da imprensa que se formaram algumas redes de relações, que por sua vez tiveram um papel fundamental para a consolidação do campo literário, pois foi com estas redes, mais do que qualquer outra forma editorial, que foi possível o exercício dos mais diversos gêneros literários dentro de veículos efêmeros como os diversos periódicos que circularam na capital imperial das letras.<sup>169</sup>

Portanto, os *homens de letras* d’ *O Espelho* foram – à semelhança do que Pierre Bourdieu considerou sobre o grupo de jovens envolvidos com as letras e a arte, que se formou no século XIX em Paris – jovens procedentes do desenvolvimento da imprensa, que juntamente com a expansão, sem precedentes, do mercado de bens simbólicos no Brasil, passaram a constituir

---

<sup>167</sup> BESSONE, Tânia Maria. Palácios de Destinos Cruzados. Op. Cit., p. 32.

<sup>168</sup> MATTA, Carmem. O Rio de Janeiro na literatura. Op. Cit., p. 103.

<sup>169</sup> GONTIJO, Rebeca. GOUVÊA, Maria de Fátima; BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *Culturas políticas: ensaios de história cultural, história política e ensino de história*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-284.

uma população importante, “uma sociedade na sociedade”.<sup>170</sup> Alguns deles, muitas vezes, desprovidos de poder econômico, foram abrigados por Francisco de Paula Brito em sua tipografia. Outros, em situação financeira melhor, eram acadêmicos do curso de medicina do Rio de Janeiro. Mas ainda assim havia uma parte destes acadêmicos que obtiveram a oportunidade de ingressar na academia através da prática do apadrinhamento. Jovens e adultos que aspiraram viver da arte e absorveram e reinventaram um estilo de vida de artista que já vinha criando traços desde as décadas de 30 e 40, com os mais velhos do grupo (Justiniano José da Rocha e Francisco de Paula Brito, com 47 e 50 anos em 1859) e se firmou na década de 1870, com o que Carmem da Matta considerou a primeira geração boemia.<sup>171</sup> Além disso, alguns destes colaboradores estavam no início de sua carreira literária, eram então autores que produziam suas obras, mas não eram ainda autores produzidos pelo campo literário.

Este esforço em caracterizar os colaboradores d’*O Espelho* – baseado em alguns modelos de análise que contribuíram de forma importante para o estudo dos intelectuais – constituiu numa tentativa de localizar o leitor, tanto espacialmente quanto temporalmente, e familiarizá-lo com aqueles que escreveram para a revista, objeto de estudo desta dissertação. Este esforço consistiu, também, na tentativa de desenhar um perfil coletivo destes colaboradores – estruturado por um entrelaçar de destinos individuais que se cruzaram na revista – e de como os mesmos relacionaram-se entre si e com a sociedade em que experimentaram e se experimentavam e como estas questões refletiram n’*O Espelho*.

---

<sup>170</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 72

<sup>171</sup> MATTA, Carmem. *Op. Cit.*, 2003.

O passo seguinte baseou-se na sistematização destes colaboradores. Buscou-se seguir as trajetórias individuais – e também de grupo – de alguns destes sujeitos, na tentativa de encontrar um ponto em comum em suas trajetórias que pudessem ligá-los; o cruzar de destinos. No *anexo 1* consta uma tabela onde se arrolou todos os nomes, abreviaturas, pseudônimos e heterônimos que apareceram n’*O Espelho*, com algumas informações biográficas pontuais encontradas sobre os mesmos. Não foi possível deslindar a quem pertenceram todos os pseudônimos e abreviaturas, visto que o que pode parecer pseudônimo para o investigador, pode não ter sido considerado pseudônimo para os leitores e a sociedade em que o mesmo circulou. No entanto, a partir da pesquisa em jornais e revistas da mesma época e o diálogo com outros tipos de fontes (dicionários bibliográficos, Almanques Administrativos e do Ministério da Guerra, Boletins de expediente do Governo, Índices Cronológicos da História do Brasil produzidos entre os anos de 1842 e 1859), um discurso hipotético pôde ser lançado e algumas possibilidades levantadas. “Mesmo em seu silêncio, as fontes permitem algumas leituras”.<sup>172</sup>

A proposta fundamentou-se no exercício de fazer, ao leitor, uma apresentação mais detalhada dos colaboradores na medida em que a análise dos três espaços de sociabilidade fosse também apresentada. Os protagonistas deste capítulo foram Francisco Eleutério de Sousa, Francisco de Paula Brito e Machado de Assis. Laurindo José da Silva Rabelo (o poeta Lagartixa), bem como Manuel Duarte Moreira de Azevedo também ganharam uma análise mais cuidadosa.

## 2.2 *O Espelho e A Marmota*

Do 1.º de Setembro em diante será publicada em uma brochura, formato do

---

<sup>172</sup> BESSONE, Tânia Maria. Op. Cit., p 34.



*Guanabara*, esta Revista semanal, que desempenhará seu título em tudo e por tudo. Assina-se, desde já, na loja do Snr. Paula Brito, a 6\$ rs. por semestre, ou 10\$000 por ano.”<sup>173</sup>

Pode-se dizer que esta foi a primeira vez que a revista *O Espelho* apareceu na imprensa carioca. Este anúncio, que carregou como título *O Espelho*, foi publicado no jornal de variedades *A Marmota*, no dia 26 de agosto de 1859, pelo menos doze dias antes do lançamento da revista. Anúncios que se referiam ao *Espelho* foram comuns no jornal de Paula Brito. Poderiam ser vistos também no *Correio da Tarde* e *Correio Mercantil*, porém com menos frequência. Uma nota n’*O Espelho*, publicada na rubrica *Notícias á mão*, sem menção de autor, reportou-se aos anúncios do primeiro número da revista em outros periódicos que circularam na época: “Sinceramente, agradecemos às folhas diárias desta capital as benévolas expressões com que se dignaram saudar o primeiro número desta revista. Faremos o que em nossas forças cabe para continuar a merecê-las.”<sup>174</sup>

---

<sup>173</sup>*A Marmota*, n.º 1085, 26/08/1859.

<sup>174</sup>Notícias á mão. *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859.

# O ESPELHO

Jornal de modas, litteratura, industria e artes.

DIRECTOR E REDACTOR EM CHEFE

FARNCSICO ELEUTERIO DE SOUSA.

Esta revista apparece nos domingos de cada mez, contendo sempre artigos de muito gosto e de boas pennas. O n. 2 trouxe um bello figurino. Com o n. 8 distribuiu-se a *Fascinante*, lindissima polka de muito gosto e de facil execução.

Assignatura por tres mezes . . . . . 3\$000

Por seis mezes . . . . . 6\$000

Por um anno . . . . . 10\$000

Escriptorio, praça da constituição n. 66.

Figura 9 O Grátis da Marmota n.º 1,01/11/1859.

— Publicou-se o 2º numero do *Espelho*, com os seguintes artigos : O parasita (aquarello) ; Amor de mãe (romance) ; O prisioneiro ; Os immortaes ; O caçador de Harz ; Revista dos theatros ; Poesias : *Desalento*, do Dr. Laurindo ; A locomotiva e o cavallo, A. L. ; A um prospecto, do Sr. Machado de Assis ; Pensativa ; Chronica elegante ; Noticias á mão (chronica industrial e artistica) ; Boletim bibliographico. Recommendamos esta revista semanal ao nosso publico.

Figura 10 Correio Mercantil n.º 255, 18/09/1859

O n. 8 do *Espelho*, revista de litteratura, modas, industria e artes, publicou-se hontem contendo os seguintes artigos : A reforma pelo jornal ; O testamento do Sr. Chauvelin (romance) ; A hospitalidade no Brasil (uma excursão por Minas) ; Os relógios ; Não te zangues (folha solta) ; Sim, Não ; Rosa Branca (jornal de uma costureira) ; Revista de theatros ; Sonhos, Sonhar acordado. Preludios (poesias) ; Chronica elegante ; e Noticias á mão.

Com este numero distribuiu-se uma linda polka, *A fascinante*, composta pelo Sr. Luiz J. Cruvello.

Figura 11 Correio da Tarde, n.º 243, 24/10/1859.

Com frequência, foram os mesmos os colaboradores que escreveram para os periódicos que circularam na corte imperial. Durante a investigação foi possível encontrar algumas assinaturas que figuraram nas páginas d'*O Espelho* em outros periódicos da época, especificamente em; *A Abelha*; *O Acadêmico*; *O Anunciador*; *Brasil Comercial*; *Correio da Tarde*; *Correio Mercantil*; *Courrier Du Brésil*; *Diário do Rio de Janeiro*; *Diário de São Paulo*; *Echo na Nação*; *O Globo*; *Jornal das Senhoras*; *Novo Correio de Modas*; *A Paraíba*; *A Pátria*; *Periódico dos Pobres*; *Revista Brasileira*; *Revista Popular*; *O Republico* e com maior frequência na *Marmota*. Foi possível identificar, neste último, cerca de quinze assinaturas em comum com *O Espelho*. No entanto, algumas bibliografias apontaram ainda mais assinaturas compartilhadas entre os dois.

Houve também a repetição de textos nos dois impressos, como a poesia intitulada *Pensativa*, publicada na revista de Eleutério de Sousa na edição número sete, de outubro de 1859, e assinada por *Ramalho Luz*. Esta última apareceu na *Marmota* de Paula Brito – com o mesmo título, mas com pequenas modificações – na edição de dezembro, também do ano de 1859, com a assinatura *J. N. R. Luz*.<sup>175</sup> O artigo intitulado *Ideias sobre o Teatro. III. O Conservatório Dramático*, escrito por Machado de Assis, apareceu no número 17 d'*O Espelho*, em 25 de dezembro de 1859, pelo menos treze dias antes da circulação da revista ser interrompida. Ao fim deste artigo Machado de Assis informou ao leitor “(Continua.)”. Com o fim da publicação d'*O Espelho* este artigo ficou carecendo de uma continuação. No entanto, em março de 1860, no número 1142, com continuação no 1143 da *Marmota*, Machado de Assis publicou uma versão

---

<sup>175</sup> *O Espelho*, n.º 7, 16/10/1859 e *Marmota*, n.º 1113, 02/12/1859.

completa do mesmo artigo, com o texto que fora anteriormente publicado n' *O Espelho*, e acrescido da continuação.

Estas semelhanças, bem como a correspondência de colaboradores entre os periódicos, podem ser explicadas uma vez que o círculo literário do Rio de Janeiro oitocentista foi bastante restrito.<sup>176</sup> Entre a maior parte dos impressos que circularam na corte, poder-se-ia encontrar um ou mais colaboradores em comum. Na relação de redatores e colaboradores da *Revista Popular*, de 1859, por exemplo, pôde-se encontrar, pelo menos, quatro colaboradores em comum com *O Espelho*; Bruno Seabra, Casimiro de Abreu, F. J. Bethencourt da Silva e Justiniano José da Rocha. Na mesma lista estão os nomes de Joaquim Manoel de Macedo e Manuel de Araújo Porto Alegre,<sup>177</sup> que colaboraram para diversos periódicos que circularam na época, inclusive para *A Marmota*. O que aconteceu, *sui generis*, entre *O Espelho* e *A Marmota* foi o fato de que seus colaboradores foram praticamente os mesmos, com pequenas exceções. Tanto que logo depois que *O Espelho* parou de circular, seus *homens de letras* possivelmente não ficaram desempregados, exercitando suas penas novamente no jornal de variedades de Paula Brito; “os colaboradores do desaparecido Espelho ali [ *Marmota*] foram acolhidos como filhos pródigos.”<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> MASSA. *A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit.*, p. 98.

<sup>177</sup> Estão também nesta lista o escritor português Alexandre Herculano, passando por diversos Conselheiros de Estado até um nome que chamou a atenção; Léonce Aubé, que pode ser o autor de um livro sobre a província de Santa Catarina, que está sob o título “La province de Sainte Catherine et La colonisation au Brésil” Ver em: Imprimerie Française de Frédéric Arfvdeson [11, Plâce de la Carioca], 1861. 162 p.

<sup>178</sup> *Idem*, p. 239.



*Figura 12 Revista Popular 1859*

Além de um quadro de colaboradores semelhante, o modo como os dois impressos foram estruturados tipograficamente e a disposição de assuntos e gêneros literários no espaço geográfico dos impressos também traziam algumas semelhanças. Segundo Juliana Simionato, não houve na *Marmota* qualquer notícia de escravo fugido ou assuntos de teor semelhante.<sup>179</sup> N’*O Espelho* também não foi possível encontrar este tipo de anúncio ou nenhum outro artigo que abordasse diretamente a escravidão, a não ser uma poesia que versava sobre a alforria e o batizado de uma bebê escrava – *As duas redenções*.<sup>180</sup> Ainda assim foi possível encontrar críticas veladas ao sistema escravocrata. A escravidão foi criticada enquanto

<sup>179</sup> SIMINONATO, Juliana Siani. *A Marmota e seu perfil editorial*. Op. Cit.,

<sup>180</sup> S.R. *As duas redenções*. *O Espelho*, n.º 15, de 11/12/1859.

uma forma nociva de interferir na civilização e nos costumes do país.

O público leitor que os dois periódicos almejavam alcançar também foi praticamente o mesmo: “Rapazes, patuscos, estudantes, caixeiros e “simpáticas meninas”. [...] a *Marmota* voltou-se principalmente para os jovens estudantes que se dedicavam a ler e compor versos e ao público feminino.<sup>181</sup> Conforme indicou Jean Michel-Massa, o “*Espelho* repetiu a fórmula da *Marmota*. Podia-se encontrar na nova revista tudo aquilo que a mais velha oferecia. ”<sup>182</sup> Contudo, Massa apontou duas diferenças entre as duas publicações; enquanto a *Marmota* abordou conteúdos para um público mais misógino, apesar de trazer em alguns números uma coluna intitulada “Modas”, que descreveu figurinos coloridos vindos de Paris, *O Espelho* trouxe conteúdos mais voltados ao público feminino e foi animado por uma impetuosidade juvenil que já não existia mais na *Marmota*.<sup>183</sup> É verdade que *O Espelho* buscou alcançar, além da “brilhante mocidade”, “especialmente ao belo sexo”.<sup>184</sup> Todavia, há divergências sobre o público leitor e a incidência do assunto moda na *Marmota*. Para Juliana Simionato, “o público-alvo da folha era constituído, sobretudo por mulheres”.<sup>185</sup> O jornal de variedades foi “um periódico abertamente destinado ao

---

<sup>181</sup> Idem, p. 38

<sup>182</sup> MASSA, Jean-Michel. Op. Cit., p. 212

<sup>183</sup> Idem, Ibidem.

<sup>184</sup> Vide nota 23.

<sup>185</sup> SIMINONATO, Juliana Siani. Op. Cit., p. 41.

público feminino”<sup>186</sup> onde os “temas sobre moda foram igualmente muito frequentes”.<sup>187</sup>

Outra questão curiosa chamou a atenção; *O Espelho* surgiu no mesmo dia em que se comemorou dez anos de existência da *Marmota*. E quanto às datas do lançamento dos dois impressos, outra consideração é preciso ser feita; há uma correspondência entre a escolha das datas para o lançamento: A *Marmota* foi lançada em sete de setembro de 1849, data de aniversário da Independência do Brasil e *O Espelho* em quatro de setembro de 1859, data de aniversário de um consórcio imperial – o casamento de Teresa Cristina de Bourbon com D. Pedro II. Estas escolhas podem refletir, de certa maneira, as preocupações nacionalistas que eram inerentes e compartilhadas pela revista e o jornal de variedades. Outros artigos oferecidos ou exaltando a família imperial, publicados por ambos os periódicos, fortalecem esta possibilidade: n’*O Espelho* os artigos *4 de Setembro* (em comemoração ao aniversário de casamento de Teresa Cristina e D. Pedro II); *D. Stephania* (uma homenagem à rainha de Portugal por ocasião de sua morte) e *D. Pedro II* (um esboço biográfico). N’*A Marmota*, os artigos *O Nome Pedro ou Trezentos e Sessenta Dias* (uma homenagem a Pedro II); *Vista séria – Pequeno sinal de Gratidão do Súdito Reconhecido ao Monarca Obsequioso* (um artigo com animados elogios a Pedro II e aos funcionários do palácio) e *O Dia Dois de Dezembro* (fala sobre as festividades do dia de aniversário de Pedro II).<sup>188</sup>

A relação entre estes dois impressos é uma questão ainda a ser explorada, mas de imediato abre o caminho para pensar

---

<sup>186</sup> Idem, p. 44.

<sup>187</sup> Idem, Ibidem.

<sup>188</sup> SIMINONATO, Juliana Siani. *A Marmota e seu perfil editorial*. Op. Cit.,

sobre uma possível ligação entre Francisco Eleutério de Souza e Francisco de Paula Brito, bem como entre os colaboradores dos dois periódicos, o que é um dos principais objetivos deste capítulo. Para Lucia Miguel Pereira, os colaboradores da *Marmota* faziam parte de um grupo literário, denominado por ela; “O grupo da *Marmota* e da *Petalogica*”, fundado por Paula Brito. Segundo a autora – e pelos diversos poemas de Eleutério encontrados na *Marmota* – o diretor e redator d’*O Espelho* foi também integrante deste grupo.<sup>189</sup> E como já foi argumentando, uma revista nascia de uma reunião de amigos, “que estavam preocupados com as mesmas ideias, tinham os mesmos gostos e frequentavam os mesmos lugares. Um desses lugares era a gráfica de Paula Brito, onde nasceu a revista *Marmota*”.<sup>190</sup> E onde nasceu também a revista *O Espelho*. Desta maneira, a possibilidade de ligação entre os colaboradores e idealizadores destes dois impressos orientou a pesquisa no sentido de entender seus colaboradores como parte de um mesmo grupo e desta maneira conduzir uma melhor investigação e interpretação do objeto de estudo desta pesquisa; *O Espelho*.

### 2.2.1 Francisco Eleutério de Sousa

O caminho que se decidiu percorrer diante do problema da falta de informações acerca do proprietário d’*O Espelho*, foi acompanhar os indícios do proprietário e sua revista na imprensa carioca entre o período de 1850 e 1868, ano de sua morte. A partir destes vestígios, foi possível fazer um esboço da trajetória de Francisco Eleutério de Sousa enquanto *homem de letras* e refletir sobre algumas possibilidades a respeito das motivações para a criação d’*O Espelho* e a escolha do seu quadro editorial. As referências bibliográficas consultadas não trouxeram

---

<sup>189</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis*. Estudo Crítico e Biográfico. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

<sup>190</sup> MAURO, Frédéric. Op. Cit., p. 225.



informações contundentes sobre *O Espelho* e Eleutério de Sousa, apesar de ganharem um espaço nas biografias de Machado de Assis, como as escritas por Magalhães Junior e Jean Michel-Massa, onde foi dedicado um capítulo para *O Espelho*. Nestes capítulos, Francisco Eleutério de Sousa foi citado de forma rápida; “jovem baiano Francisco Eleutério de Sousa, que com orgulho se declarava ‘diretor e redator em chefe’.”<sup>191</sup> “Na verdade, o diretor-fundador do *Espelho* publicou vários poemas na *Marmota*, quando estudante de medicina no Rio de Janeiro.”<sup>192</sup> Ou...

[...] alguns textos mais ácidos, por exemplo, “A miséria”, “A tarefa dos séculos” que são anônimos, poderiam mais facilmente ser atribuídos a Machado de Assis. Mas não temos elementos suficientes para apoiar esta hipótese. Talvez sejam de Eleutério de Sousa, o diretor da revista, a quem é necessário atribuir alguma coisa...<sup>193</sup>

Talvez esta passagem de Jean Michel-Massa reflita mais sobre a ausência de informações a respeito do proprietário d’*O Espelho* do que sua falta enquanto diretor e redator-chefe da revista. Sabe-se, inclusive, que sendo o mesmo “redator em chefe”, todos os artigos, antes de ir ao prelo, teriam de passar por suas mãos. Uma vez que todos os textos, na época, eram manuscritos.<sup>194</sup> É verdade que causou certo incômodo a inexistência de uma assinatura que pudesse identificar Francisco

---

<sup>191</sup> MAGALHÃES, Junior R. (Raimundo). Machado de Assis. *Vida e Obra*. Vol. I. Rio de Janeiro: Record, 2008. P. 119.

<sup>192</sup> MASSA, Jean-Michel. A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit., p. 212.

<sup>193</sup> Idem, p. 235.

<sup>194</sup> MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o Romantismo. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

Eleutério de Sousa enquanto autor de alguns artigos na revista, como o *Prospecto*, por exemplo. No entanto, esta prática foi recorrente em muitos periódicos brasileiros do século XIX e XX e não se limitou a Eleutério de Sousa e ao impresso *Espelho*.

O anonimato foi considerado uma forma de preservar ideias, posições políticas e ideológicas, além de evitar perseguições e punições por força de injunções políticas ou de acaloradas polêmicas literárias ou de cunho pessoal. Segundo Socorro de Fátima Pacífico, a tendência ao anonimato revelou também práticas de consumo e produção da palavra escrita, onde o nome do autor poderia atrair ou afastar o leitor do texto. Para a autora, o anonimato e o pseudônimo sugeriam a necessidade de valorizar mais a palavra em detrimento do nome do autor. Quando relacionado ao movimento romântico, a ausência de identificação destoou da própria noção romântica de individualidade e inspiração do autor.<sup>195</sup> N' *O Espelho* encontraram-se diversos artigos e poesias que não foram assinados. É presumível que a autoria de alguns deles possa ser atribuída a Eleutério de Sousa. Foi possível identificar sua autoria em alguns artigos d' *O Espelho* por encontrá-los publicados em outros periódicos e devidamente assinados por Eleutério. Da mesma maneira, partiu-se do princípio de que eram inúmeras as tarefas de um diretor e redator-chefe de uma revista e que a organização e administração de um periódico exigia muito comprometimento por parte de seu idealizador.

A primeira informação sobre Francisco Eleutério de Sousa na imprensa carioca, foi localizada na edição número 541 da *Marmota*; uma poesia intitulada *Não sou poeta.*, que trazia a assinatura *F. E. de Sousa*.<sup>196</sup> No mês seguinte outras duas

---

<sup>195</sup> BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

<sup>196</sup> A *Marmota*, n.º 541, 19/01/1855. Jean Michel Massa apontou sua participação na *Marmota* a partir do número 554, de 20.02.1855. No entanto,

poesias de sua autoria foram publicadas no mesmo periódico. Intituladas *Meu Sonho* e *O meu futuro*, traziam, além da assinatura *F. Eleutério de Sousa*, a data em que foram produzidas, bem como, na primeira, uma menção ao lugar; “Bahia 1854”.<sup>197</sup> Esta datação e localização pode ser indício de sua origem, ou um tempo que tenha passado na Bahia. Como foi observado anteriormente, segundo o autor Magalhães Junior, Francisco Eleutério de Sousa era (poderia ser?) um “jovem baiano”.

Ainda em 1855, Francisco Eleutério de Sousa publicou as poesias *Amor e Saudade*;<sup>198</sup> *Lembranças de Morrer*;<sup>199</sup> *Mulher ou Anjo?*;<sup>200</sup> *A virgem e O Mar*;<sup>201</sup> *Enlevo*;<sup>202</sup> *Sem título*;<sup>203</sup> e *Dores*;<sup>204</sup> na *Marmota* de Paula Brito. *O Meu Tímulo* e *O Meu Amor* na *Revista Brasileira*,<sup>205</sup> *Mais um sentimento de*

---

nesta pesquisa foi possível encontrar textos de Eleutério a partir do número 541 da *Marmota*.

<sup>197</sup>A *Marmota*, n.º 547, 02/02/1855 e n.º 554, 20/02/1855.

<sup>198</sup>*Ibidem*, n.º 574, 17/04/1855.

<sup>199</sup>*Ibidem*, n.º 585, 25/05/1855.

<sup>200</sup>*Ibidem*, n.º 597, 06/07/1855.

<sup>201</sup>*Ibidem*, n.º 602, 20/07/1855.

<sup>202</sup>*Ibidem*, n.º 607, 05/08/1855.

<sup>203</sup>*Ibidem*, n.º 621, 07/09/1855.

<sup>204</sup>*Ibidem*, n.º 636, 14/10/1855.

<sup>205</sup> *Revista Brasileira*: Jornal de literatura, teatros e indústria, n.º 1, 07/1855.

*Morte*<sup>206</sup> no *Correio da Tarde*, *Meditação sobre um crânio*<sup>207</sup> e *O Proscrito da Rocha*<sup>208</sup> no *Acadêmico*. No entanto, não foi só por suas poesias que Francisco Eleutério de Sousa foi lembrado neste período. Entre agosto e outubro entrou em cena, nas páginas do *Diário do Rio de Janeiro* e da *Marmota*, uma querela entre Eleutério de Sousa e Delfino dos Santos. O início da confusão deu-se com a publicação de uma nota no *Diário do Rio de Janeiro*, onde Luiz Delfino dos Santos acusou Francisco Eleutério de Sousa de arremedar sua poesia intitulada *Origem das Nuvens*. Na nota, que acompanhou a poesia, Delfino escreveu: “Esta poesia já foi arremedada pelo Sr. Eleutério de Souza na *Marmota* de 20 de julho. ”.<sup>209</sup> Delfino se referia à poesia *A Virgem e o Mar* de Eleutério, que no número seguinte do *Diário de Rio de Janeiro*, na rubrica *Correspondências*, respondeu à acusação:

Sr.Redator. – Lendo uma poesia publicada no seu Diário de ontem sob o título *Origem das Nuvens* estranhei a nota que a ela vinha anexa e assinada pelo mesmo autor da poesia o Sr. Delfino dos Santos. Cumpre-me responder-lhe para que o público não mude seu juízo favorável em que me tem, e para que aquelas pessoas que particularmente me honram com sua estima e consideração, não se deixem arrastar por meia dúzia de palavras que nenhum crédito devem merecer.

---

<sup>206</sup>*Correio da Tarde*, n.º 103, 11/12/1855.

<sup>207</sup>*O Acadêmico*, n.º 2, 08 /1855. Foi publicada também no *Correio da Tarde* n.º 48, 04/10/1855.

<sup>208</sup>*Ibidem*, n.º 4, 10/1855.

<sup>209</sup>*Diário do Rio de Janeiro*, n.º 232, 23/08/1855.

O Sr. Delfino dos Santos em um momento de exaltação originada sem dúvida pelo despeito de que se acha possuído por *alguns motivos particulares*, ao formular a sua injusta e malévola acusação não atendeu que as armas de que se servia poderiam se quebrar a seus próprios pés depois de haverem ferido o incauto manejador.

Sob pena de mentiroso, fica, pois o Sr. Delfino dos Santos desafiado a provar-me, que a minha poesia, incerta na *Marmota* de 20 de Julho, é um arremedo da sua. Porém como o provará?..como poderá desfazer o Sr. Delfino esse enredo que contra si mesmo armou?..

Poderá o Sr. Delfino sustentar que eu arremedei sua poesia, quando a minha foi publicada 34 dias antes da sua? Quando eu a compus muito antes – talvez – de haver o Sr. Delfino composto a sua *Origem das Nuvens*?

Ora Sr. das Nuvens pense melhor, considera que meu nome já é bastante conhecido tanto no Rio de Janeiro quando na Bahia onde já teve e continua a possuir a estima pelos artigos por ele firmados.<sup>210</sup>

Pense melhor e note que uma acusação indigna e falsa reverte em prejuízo de quem a formula...

Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1855.

---

<sup>210</sup> Durante a pesquisa para esta dissertação, não foi encontrado texto na imprensa baiana entre os anos de 1849-1855, que pôde ser atribuído a Francisco Eleutério de Sousa.

FRANCISCO ELEUTERIO DE  
SOUZA.<sup>211</sup>

Como foi possível observar, Francisco Eleutério de Sousa tinha, ou acreditava ter, como argumentou Delfino em sua réplica, o nome bastante conhecido tanto pelo público do Rio de Janeiro, quanto da Bahia. Luiz Delfino dos Santos também era conhecido nas páginas da imprensa brasileira. Poeta, nascido em 1834 na cidade de Desterro, atual Florianópolis, foi, em 1855, estudante da Academia Imperial de Medicina, onde se formou em 1857.<sup>212</sup> O “Sr. das Nuvens” foi também colaborador do periódico *O Acadêmico*, ao lado de Francisco Eleutério de Sousa, Laurindo José da Silva Rabello e Joaquim Bento de Sousa Andrade, todos estudantes de medicina, colaboradores d’*O Espelho* e da *Marmota*. Possivelmente encontravam-se, nos corredores ou salas de aula da Academia de Medicina, com outro colaborador d’*O Espelho* e também da *Marmota*; Manoel Duarte Moreira de Azevedo, cuja conclusão do curso se deu no mesmo ano que Joaquim Bento de Sousa Andrade – 1858.<sup>213</sup> Depois da

---

<sup>211</sup>Correspondências. *Diário do Rio de Janeiro*, n. 233, 24/08/1855 p. 1.

<sup>212</sup> PEDRO, Renata Lopes. A imortalidade de Helena: O corpo na Lírica de Luís Delfino. 2008. 328 f. Tese (Doutorado) – Curso de Teoria Literária, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

<sup>213</sup> Foi possível encontrar no *Correio da Tarde*, n.º 2 de 08/08/1855, uma lista de acadêmicos, do mesmo curso de medicina, que integraram o quadro de colaboradores da revista especializada em assuntos da saúde, intitulada *O Acadêmico*. Nesta lista constam os nomes de Luiz Delfino dos Santos, Francisco Eleutério de Sousa, Joaquim Bento de Sousa Andrade e Laurindo José da Silva Rabello. Na pasta *Brasil Ministério do Império ed. 2* do ano de 1858, que se encontra digitalizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, está uma publicação intitulada: *Memória Histórica dos principais acontecimentos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro durante o Anno de 1858*. Neste documento foi possível encontrar também uma relação dos acadêmicos de medicina formandos e suas teses apresentadas em 1858, onde consta o nome de Joaquim Bento de Sousa

correspondência de Francisco Eleutério de Sousa ao *Diário do Rio de Janeiro*, o poeta Luiz Delfino dos Santos, com um artigo intitulado “SR. ELEUTERIO DE SOUZA”, deu continuidade à polêmica;

Sr. Redator. – Quando uma cousinha métrica saiu publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, e com a nota que a fiz acompanhar, certo previ como todas as iras se levantariam do coração do Sr. Eleutério, como se levanta um enxame de vespas zumbidoras [...].

Não me espantou, pois a correspondência do homem.

Entretanto surpreendeu sua vaidade [...]

Homens! Se não conheceis esse nome grandíloquo que, arremessado as abóbodas do céu pelos hinos da fama reflete sobre a terra em radiantes projeções; se algum de vós tão infeliz não teve a frente aquecida com um raio dessa dulia soberba, e embalado o coração n’um berço de emoções e arroubos, eu vos convido a ler esse arrebetam de epopéia no *Diário e Correio Mercantil* de hoje!

É o senhor Eleutério que canta o poeta Eleutério!

Contudo, agora é mister fazer uma pequena reparação ao imortal cantor: atrever-se-á a negar? Atrever-se-á a negar??..

---

Andrade e Manoel Duarte Moreira de Azevedo. O nome de Francisco Eleutério de Sousa não está na relação.

[...] A virgem e o Mar

[...] Não é arremedo de uma parte da minha  
Origem das Nuvens?

[...] Agora sou eu mentiroso, Sr. poeta bem  
conhecido, ou o senhor arremedou a poesia  
do Sr. poeta obscuro?<sup>214</sup>

Segundo Delfino dos Santos, sua poesia já havia sido feita em 1854. E no mesmo dia em que a fez, leu para os alunos do sexto ano do Curso de Medicina do Rio de Janeiro. “Grande cópia de estudantes tiveram notícia dela, e o Sr. Eleutério foi um dentre eles que a conheceu”.<sup>215</sup> Delfino relatou que dias depois, ao conversar com Francisco Eleutério de Sousa, este último mostrou-lhe diversas poesias de sua autoria e nenhuma delas era a *Virgem e o Mar*. Nesta tarde, segundo Delfino, Eleutério mostrou-lhe, inclusive, a poesia intitulada *Não sou poeta*, que fora naquele momento confessada pelo próprio autor, ser a mesma, cópia de outra poesia de Laurindo da Silva Rabello.

Nos números seguintes do Diário do Rio de Janeiro, não foi possível encontrar uma réplica do autor da *Virgem e o Mar*, a ponto de ter sido publicada duas vezes consecutivas a réplica de Delfino. Não se encontrou mais nenhuma notícia sobre o assunto. No entanto, é possível que o embate tenha continuado, pois em 23 de outubro do mesmo ano, na edição número 640 da *Marmota*, foi publicado um artigo, datado de 24 de agosto de 1855, de Antônio Canhanha Mixoleta, que trouxe a lume, novamente, a “briga...ou...não sei como deva chamar, entre dois jovens e talentosos poetas”.<sup>216</sup> Canhanha Mixoleta, que se dizia amigo de ambos e mencionou Francisco Eleutério de Sousa

---

<sup>214</sup>Correspondências. *Diário do Rio de Janeiro*, n.º 234, 24/08/1855.

<sup>215</sup>*Diário do Rio de Janeiro*, n.º 234, 24/08/1855.

<sup>216</sup>A *Marmota*, n.º 640, 23/10/1855.



como alguém já muito conhecido nas páginas da *Marmota*, pediu que os mesmos deixassem desta contenda, “pois entre dois peitos animados pelo fogo da poesia não deve haver discórdia”.<sup>217</sup>

Estas polêmicas literárias eram comuns entre os românticos, que “nunca enjeitavam briga. Esmerando-se nas frases melosas, adoravam também a linguagem truculenta, a mordacidade, a troca de desaforos”.<sup>218</sup> Além do mais, as querelas que havia entre eles, traziam popularidade aos impressos e significavam aumento de vendas. Segundo Ubiratan Machado, a parte mais lida dos jornais era a seção *a pedidos*, onde, pagando-se em volta de mil réis, podia-se escrever o que bem entendiam; insultavam e caluniavam pessoas através de pseudônimos e anonimatos que resguardavam a identidade dos atrevidos e incitadores de polêmicas. Foi uma herança deixada das gerações que lutaram pela independência. Os românticos apenas estenderam ao terreno literário o que antes era característico do terreno político. Ou seja, houve no Segundo Reinado um arrefecimento dos embates políticos – tão presentes no Primeiro Reinado – e uma intensificação dos embates literários, o que pode ser visto como um gênero literário e foi cognominado de “duelos no serpentário”.<sup>219</sup>

As críticas literárias foram também espaços onde aconteceram trocas de observações truculentas ou apologéticas. Tornaram-se “uma atração quase tão sedutora quanto a poesia”<sup>220</sup> apenas na década de 1860, mas já apareciam de forma

---

<sup>217</sup>Idem. *Ibidem*.

<sup>218</sup> MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o Romantismo. *Op. Cit.*, p. 291.

<sup>219</sup> Idem, p. 302.

<sup>220</sup> Idem, p. 284.

modesta na imprensa em meados de 1850. Francisco Eleutério de Sousa buscou esta alternativa, mesmo que timidamente, em seus escritos para o periódico *O Acadêmico*, onde foi possível encontrar duas crônicas literárias de sua autoria; uma publicada em outubro de 1855 e outra em julho de 1856. Em uma das partes que integrou a primeira crônica, havia uma crítica sobre as poesias de Junqueira Freire e Álvares de Azevedo. Esta mesma crítica foi publicada, quatro anos depois, na sua revista *O Espelho*.<sup>221</sup> Os dois textos publicados nos dois impressos, são praticamente o mesmo, com algumas frases condensadas n' *O Espelho*. O que pode sugerir que as novidades no campo literário eram mesmo escassas.

Foi também em uma destas crônicas literárias escritas para *O Acadêmico*, que Eleutério de Sousa mencionou uma figura importante para *O Espelho*; o poeta Laurindo José da Silva Rabello.<sup>222</sup> O assunto foi suas *Trovas*, as quais foram recomendadas ao leitor por Eleutério, mas, na tentativa de exercer a imparcialidade, o mesmo explicou-se; “Abstemo-nos de ser mais extensos, quanto a esse senhor, pois conhecendo-o de mui perto, receamos tornarmo-nos parciais sem o quisermos”.<sup>223</sup> Como já argumentado, o poeta Lagartixa – como era conhecido entre seus colegas, pelas características de seu físico – foi também estudante da Academia de Medicina do Rio de Janeiro, na mesma época em que Francisco Eleutério de Sousa também o foi. Rabello, mestiço e descendente de ciganos, foi apadrinhado por Salustiano Vieira Souto que o levou para a

---

<sup>221</sup>*O Acadêmico*, n.º 4, 04/10/1855 e *O Espelho*, n.º 12, 20/11/1859. No periódico *O Acadêmico* a crônica traz a assinatura *F. Eleutério de Souza*, n' *O Espelho* a assinatura é suprimida. Por ser o texto, praticamente o mesmo, concluiu-se que o artigo publicado na revista *O Espelho* é de autoria de Francisco Eleutério de Sousa.

<sup>222</sup>*O Acadêmico*, n. 4, 04/10/1855.

<sup>223</sup> *Ibidem*.

Bahia. Lá deu continuidade aos seus estudos, concluindo o curso de medicina em 1856, mas defendendo sua tese no Rio de Janeiro no mesmo ano.<sup>224</sup>

Durante a investigação foi possível encontrar n’*O Espelho* duas poesias assinadas por Laurindo Rabello. No entanto, acredita-se que sua participação na vida da revista tenha sido mais intensa. O mesmo foi apresentado como redator d’*O Espelho* na edição número 13, no artigo intitulado *Aos Leitores*: “tomará também parte d’ora em diante na redação do Espelho o Sr. L.J. da Silva Rabello, cujas belíssimas poesias mais de uma vez terão apreciado”.<sup>225</sup> No mês seguinte, no *Correio Mercantil*, foi publicada uma nota assinada por F. Eleutério de Souza, onde Laurindo Rabello – juntamente com Machado de Assis – foi mencionado, mais uma vez, como um dos redatores da revista;

Contando ao abaixo assinado que alguém se tem inculcado proprietário desta revista semanal de literatura, modas, indústria e artes, o abaixo assinado vê-se na necessidade de declarar que é o único proprietário e diretor, bem como o chefe da redação de que tomam também principal parte os Srs. Dr. Laurindo José da Silva Rabello e Machado de Assis.<sup>226</sup>

A respeito do possível desentendimento referente à propriedade d’*O Espelho*, não se encontrou informação substancial que pudesse estruturar um argumento convincente. Notou-se que entre os meses de novembro e dezembro houve alguns problemas com o atraso da impressão e que,

---

<sup>224</sup> MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. 558p.

<sup>225</sup> *O Espelho*, n. 13, 27/11/1859.

<sup>226</sup> *Correio Mercantil*, n. 9 e 10, 12/1859.

possivelmente, Francisco Eleutério de Sousa enfrentou problemas de saúde, ausentando-se por alguns dias da *direção* da revista.<sup>227</sup> O que se pôde concluir foi que tanto Machado de Assis, quanto Laurindo José da Silva Rabello tiveram um papel importante na redação da revista. Com relação a Machado de Assis, isto ficou evidente quando se fez uma análise quantitativa dos artigos publicados na revista; Machado de Assis foi o colaborador que mais escreveu n’*O Espelho*, de uma forma incomparável aos demais colaboradores. Como demonstra a tabela número dois, no *anexo 2*.

Quanto à participação de Laurindo Rabello, a não ser pela declaração de Francisco Eleutério – o que descartou a possibilidade de ser o poeta lagartixa um diletante ou poeta bissexto –, sua assinatura não apareceu muitas vezes nas páginas amarelas da revista, onde assinou apenas três poesias. No entanto, ainda há a possibilidade do anonimato, pois muitas poesias apareceram sem menção alguma de autor. Acredita-se que a ligação entre o poeta lagartixa e o proprietário d’*O Espelho* era estreita, se conheciam de “mui perto” desde 1855. Eram estudantes de medicina, colaboradores d’*O Acadêmico* e viveram por um tempo na Bahia. Seus destinos se cruzaram em diversos momentos e o jornal de variedades *A Marmota*, antes mesmo d’*O Espelho*, foi um destes lugares.

Foi também em 1855 que se encontrou a primeira informação sobre Laurindo Rabello na *Marmota*; uma propaganda de seu livro de poesias intitulado *Trovas*. Para quem quisesse adquirir o “bonito volume, contendo 24 poesias diversas em 102 páginas de impressão”<sup>228</sup> poderia encontrá-lo na loja de Paula Brito, outra figura importante para *O Espelho*.

---

<sup>227</sup>*O Espelho*, n.º 14. 04/12/1859.

<sup>228</sup>*A Marmota*, n.º 629. 28/09/1855. Esta obra ganhou também uma crítica de Francisco Eleutério de Sousa n’ *O Acadêmico*. Vide nota 235.

No ano seguinte, em 1856, o nome de Rabello não apareceu no jornal de variedades. Em contrapartida, o nome Francisco Eleutério de Sousa continuou a aparecer. Neste ano publicou as poesias *Desalento*<sup>229</sup> e *!!!*<sup>230</sup>, na *Marmota* e *Crença*<sup>231</sup> no *Correio da Tarde*. Durante o ano de 1857 foram publicadas cerca de onze poesias de Rabello na *Marmota* e desta vez o nome de Eleutério não apareceu. Entretanto, duas de suas poesias, sem título, foram publicadas no *Correio da Tarde*, nas edições número 69 e 88. Esta última trazia uma nota de Eleutério, ao lado de um nome de mulher que figurou sua poesia; Cecília – “Heróina do romance de Rabello da Silva – A mocidade de D. João VI”.<sup>232</sup> Foi também em 1857 que circulou no *Correio Mercantil* uma propaganda de um livro de poesias de autoria de Francisco Eleutério de Sousa. Intitulado *Consolações*,<sup>233</sup> este volume de 200 páginas que custou 2\$000, poderia ser encontrado “nas tipografias do *Correio Mercantil*, *Diário do Rio* e *Correio da Tarde*, ou em casa do Sr. Paula Brito, praça da Constituição n. 64”.<sup>234</sup>

O nome de Francisco Eleutério de Sousa foi também localizado entre os censores da instituição *Conservatório Dramático Brasileiro*, órgão oficial da censura teatral na

---

<sup>229</sup>A *Marmota*, n.º 669,15/01/1856.

<sup>230</sup>Ibidem, n.º 667,10/01/1856.

<sup>231</sup>*Correio da tarde*, n.º 176. 31/07/1856.

<sup>232</sup>Ibidem, n.º 88. 17/04/1857.

<sup>233</sup> Este título apareceu também no catálogo da livraria de Paula Brito, publicado n.º *A Marmota*, n. 946, 27/04/1858. Na listagem consta que havia 500 números do impresso *As Consolações*. Apesar de não informar o autor, pode-se pensar na possibilidade de ser o livro de poesias de Francisco Eleutério de Sousa.

<sup>234</sup>*Correio da tarde*, n.º 60 13/03/1857 e n.º 114, 18/05/1857.

Corte.<sup>235</sup> Seu nome apareceu em quatro registros no inventário analítico dos *Exames Censórios do Conservatório Dramático Brasileiro*.<sup>236</sup> No registro número 1334, de 1858, apareceu como parecerista e no número 1344, também de 1858, e 1380, de 1859, apareceu como designador de exame censório de peças teatrais. Neste último registro pôde-se encontrar anexada uma carta de um colaborador d'*O Espelho*; Francisco Joaquim Bethencourt da Silva.<sup>237</sup> Este último, assim como Eleutério, foi também agraciado com o título de cavaleiro da Ordem da

---

<sup>235</sup> O Conservatório Dramático Brasileiro foi uma instituição censória, criada em 1843, que criticava parte da criação teatral e literária da corte. Baseava-se em um ideal de formação moral e civilizatório de seus habitantes por meio da arte. Para um melhor entendimento de como funcionava esta instituição e o papel de seus membros conferir em: SILVA, Luciane Nunes da. *O Conservatório Dramático Brasileiro e os Ideais de Arte, Moralidade e Civilidade no século XIX*. 2006. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=149598](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=149598)>. Acesso em: 30 set. 2014.

<sup>236</sup> LEMOS, Valéria Pinto et al (Org.). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. 400 p. Disponível em: <[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscritos/mss1415592/mss1415592.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscritos/mss1415592/mss1415592.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2015.

<sup>237</sup> Francisco Joaquim Bethencourt da Silva foi poeta, prosador, jornalista, arquiteto da corte, professor catedrático da *Academia de Bellas Artes* e fundador da *Sociedade Propagadora de Bellas Artes*, em 1856. Foi, em 1859, colaborador da *Revista Popular* ao lado de outros três colaboradores d'*O Espelho* (Vide Figura número 12). Fez parte do grupo d'*A Marmota*. Foi também membro da comissão de redação da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, instituição com o fim de estudar e propagar as letras. Colaborou para diversos periódicos da época. Escreveu, aproximadamente, oito artigos para a revista de Eleutério, artigos sobre arte, arquitetura e poesias. (Vide tabelas 1 e 2 em Anexos)

Rosa.<sup>238</sup> Tanto os censores da Instituição *Conservatório Dramático Brasileiro*, quanto os detentores do título da Ordem da Rosa eram pessoas que gozavam de prestígio social, pois ao Conservatório e à insígnia da Ordem era atribuído grande capital simbólico.<sup>239</sup>

A última aparição, que se pôde encontrar, de Eleutério de Sousa na *Marmota*, foi a poesia que trazia como título a imagem de três estrelas, publicada em 17 de junho de 1859, na edição número 1065. Meses depois a revista *O Espelho* seria lançada. Possivelmente outras poesias de sua autoria devem estar impressas nas páginas do jornal de variedades, mas por falta de assinatura não foi possível identificá-las e contabilizá-las. O nome de Eleutério volta às páginas da imprensa carioca em dezembro de 1860 – cerca de onze meses depois d’*O Espelho* parar de circular; No *Correio da Tarde* anunciavam que Francisco Eleutério de Souza fora escolhido para o cargo de “Oficial de Descarga d’Alfândega do Rio de Janeiro”.<sup>240</sup> Outras informações encontradas no Almanak Administrativo, nas seções do Ministério da Fazenda, corroboram esta hipótese; O

---

<sup>238</sup> Considerada uma das mais significativas e evocativas ordens do Império, a Ordem da Rosa era, de preferência, atribuída aos civis que se distinguiram por sua fidelidade ao imperador e por serviços prestados ao Estado. Francisco Eleutério de Sousa foi agraciado com a Ordem através do decreto 2 de Dezembro de 1858, em remuneração dos serviços prestados por ocasião da epidemia da cólera morbus nos anos de 1855-1856. Anos em que o mesmo frequentou a Imperial Academia de Medicina. Cf. *Correio Mercantil*. 02.12.1858. n.º 326. Cf. *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do RJ* –1858. Documentos do Ministério do Império, p. 185.

<sup>239</sup> Cf. SCHWARCZ, Lilia Moritz: *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

<sup>240</sup> *Correio da Tarde*, n.º 285, 18/12/1860.

nome Francisco Eleutério de Sousa consta como Oficial de Descarga nas listas de 1863 e 1864.<sup>241</sup>

Entretanto, no *Diário de São Paulo* de 1869, deparou-se com uma transcrição de excertos de um caderno do Registro de Ordens, encontrado no acampamento de Cumbariti, no Paraguai. Segundo este documento Francisco Eleutério de Sousa foi fuzilado como réu traidor em 27 de Setembro de 1868, durante a Guerra do Paraguai.<sup>242</sup> A primeira questão que surgiu ao encontrar esta informação foi a de entender como um estudante de medicina, proprietário de uma revista, acionista de Companhias como a *Doze de Agosto*<sup>243</sup> e do Banco do Brasil,<sup>244</sup> bem como membro de sociedades filantrópicas como a *Sociedade Protetora das Viúvas Desvalidas*,<sup>245</sup> pôde ir para a

---

<sup>241</sup> *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*: Documento Ministério da Fazenda. p. 187 e 191.

<sup>242</sup> *Diário de S. Paulo*, n.º 1039, 16/02/1869.

<sup>243</sup> A *Companhia Edificadora Doze de Agosto*, incorporada na Corte através do Decreto n.º 1.899, de 21 de Fevereiro de 1857. Tinha por fim tomar por empreitada todo o tipo de obras e construir prédios adaptados as classes menos abastadas da sociedade. Como acionista Francisco Eleutério de Sousa tinha ao seu lado o colaborador Joaquim Bento de Sousa Andrade ( *Vide* nota 242). Cf. *Correio da Tarde*, n.º 52, 04/03/1857.

<sup>244</sup> Informação obtida através da análise de ação movida por Candido Martins dos Santos Vianna Junior contra Francisco Eleutério de Sousa. “[...] a 1 hora da tarde, depois de finda a audiência , oito ações do Banco do Brasil cotadas a razão de 200\$ cada uma, que com o abatimento da quarta parte para a adjudicação, vão a praça pela quantia de 1.200\$, para pagamento da execução que Candido Martins dos Santos Vianna Junior move a Francisco Eleutério de Sousa”. *Correio Mercantil*, 17/09/1865.

<sup>245</sup> Na *Sociedade Protetora das Viúvas Desvalidas*, que assistia às mães de família que eram levadas a miséria por ocorrência da morte de seus maridos, o nome de Eleutério figurou ao lado de outros dois nomes conhecidos d’*O Espelho*; o editor e tipógrafo Francisco de Paula Brito e o arquiteto Francisco



Guerra do Paraguai, levando-se em conta o perfil daqueles que eram alistados. Entendeu-se, através destes indícios encontrados, que Francisco Eleutério de Sousa teria uma situação econômica confortável, não se encaixando no perfil daqueles que iam lutar na guerra.<sup>246</sup> Seu alistamento poderia partir do voluntariado? Uma notícia vinculada a Laurindo José da Silva Rabello, bem como alguns artigos publicados n’*O Espelho* incitam esta reflexão. Na edição de número 53 do *Correio Mercantil*, publicada em 23 de fevereiro de 1863, pôde-se encontrar o seguinte texto:

O Sr. Dr. Laurindo José da Silva Rabello, professor de francês da escola militar e membro do corpo de saúde do exército marcha hoje com o batalhão 4°.

O distinto professor marcha voluntariamente. Sacrificou uma posição vantajosa ao instante desejo de concorrer pessoalmente a repulsa da audaz agressão que sofreu o império, e ofereceu-se para

---

Joaquim Bittencourt da Silva. (Vide nota 256) *Correio Mercantil*. 01/05/1855.

<sup>246</sup> Segundo o historiador André Amaral de Toral, os cidadãos do Império dispunham de diversas formas de se esquivarem da convocação á guerra. Os mais aquinhoados, utilizavam-se de doações de recursos, equipamentos, escravos e empregados à Guarda Nacional e aos Corpos de Voluntários para lutarem em seu lugar. Os que financeiramente podiam menos, ofereciam familiares, ou seja, alistavam seus parentes, filhos, sobrinhos, agregados, etc. Aos despossuídos não restava outro recurso para escapar ao alistamento, que a fuga para o mato. Cf. TORAL, André Amaral de. *A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai*. *SciELO: The Scientific Electronic Library Online*, São Paulo, p.287-296, maio 1995. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200015)>. Acesso em: 22 fev. 2015.).

fazer parte da expedição que se encaminha a Santa Catharina.

S. Ex. o Sr. presidente aceitou o seu oferecimento em nome do governo; o país lho agradece em nome do patriotismo que inspirara-o.<sup>247</sup>

Ao refletir sobre os caminhos em comum destas trajetórias individuais de Laurindo José da Silva Rabello e Francisco Eleutério de Sousa, a possibilidade do voluntariado pôde emergir. O voluntariar-se à guerra não parecia ser tão incomum. Outro colaborador d'*O Espelho*, o também revisor do *Jornal do Comercio*; Sotero de Castro e Silva marchou em 1865 na *Campanha do Paraguai* como voluntário, com graduação de alferes. Retornou com graduação de major e com uma medalha que simbolizava a condecoração pela marcha nesta campanha. Logo depois, seguiu a carreira no exército, tornando-se tenente honorário e secretário do arsenal de guerra da corte.<sup>248</sup>

N'*O Espelho*, os artigos *Um Panteon em Miniatura I e II*, de autoria de Moreira de Azevedo, lançaram a reflexão a ideia de como o autor e a revista heroizaram aqueles que serviram a pátria. Nos artigos, Moreira de Azevedo escreveu sobre Henrique Dias; “de cor negra, e natural de Pernambuco [...] aparece em 1633, a testa de 36 negros, e oferece os seus serviços a Mathias Albuquerque.”<sup>249</sup> Bravo homem, feriu em combate a mão esquerda e na tentativa de uma cura mais breve, para continuar na batalha, mandou cortar a mão, dizendo: “A mão

---

<sup>247</sup> *Correio Mercantil*, n.º. 53, 23/02/1863.

<sup>248</sup> Sacramento Blake – *Diccionario Bibliographico brasileiro*. Liechtenstein, 1969. p. 291.

<sup>249</sup> AZEVEDO, Moreira de. Um Panteon em Miniatura I. *O Espelho*, n.º 18, 01/01/1860.

direita ainda me fica para servir a meu Deus e ao meu rei”.<sup>250</sup> O outro herói, descrito no segundo artigo, foi D. Antônio Felipe Camarão, “índio natural dos sertões de Pernambuco [...] Reunido a causa da civilização e da liberdade da pátria, prestou sempre relevantes serviços na capitania do Ceará, contra os franceses na costa do Norte e contra os holandeses na Bahia e Pernambuco”.<sup>251</sup>

O negro Henrique Dias e o índio Felipe Camarão eram os heróis patriotas que, segundo Moreira de Azevedo, mereciam a gratidão nacional, que não era só um dever do Estado para com os heróis de guerra, mas era também um incentivo para aqueles que desejavam fazer alguma coisa por seu país. Para Moreira de Azevedo, esta gratidão nacional era um sentimento patriótico e civilizador. A pátria que ressuscitava à memória os heróis de guerra era aquela onde a civilização fazia progresso.

Visitai as cidades da Europa, percorrei as suas praças, os seus passeios, e vereis os monumentos, as colunas, as estatuas povoando esses passeios e essas praças. O granito e o bronze como que ressuscitam então aqueles que foram heróis da pátria; e o povo se anima, se entusiasma, lendo no Mamoré e no bronze as glórias e a gratidão do país.<sup>252</sup>

Para Moreira de Azevedo, o patriotismo era uma virtude. Lembrar-se dos heróis de guerra, bem como os heróis artistas e escritores era um incentivo ao aparecimento de mais heróis, artistas e escritores. Era a glorificação de “tudo o que [era]

---

<sup>250</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>251</sup> Idem, Um Panteon em Miniatura II. *O Espelho*, n.º 19, 08/01/1860.

<sup>252</sup> Idem, Um Panteon em Miniatura I. *O Espelho*, n.º 18, 01/01/1860.

nosso, até a nossa história”,<sup>253</sup> que era constantemente desprezada e perdida em meio a falta de incentivo nacional.

Talvez tenha sido embebido neste sentimento de patriotismo e progresso que Francisco Eleutério de Sousa tentou – segundo documento encontrado no Arquivo Histórico do Exército da Bahia –<sup>254</sup> matricular-se na Escola Militar da Corte em 1850. No entanto, o documento não apontou data de praça ou Unidade onde possa ter servido.<sup>255</sup> Sobre sua ida à Guerra do Paraguai, bem como a sua morte por traição à Pátria, nada ainda pode-se concluir nem ao menos conjecturar. Assim como a interrupção da revista *O Espelho* que cantava sucesso de assinatura e aceitação do público em suas últimas páginas impressas, a morte de Francisco Eleutério de Sousa ainda é uma lacuna ou uma incógnita que não se pode perquirir.

Justificada a digressão, voltemos ao objetivo deste capítulo que é pensar e costurar os lugares onde os destinos dos colaboradores d’*O Espelho* se cruzaram, na tentativa de entender como esta revista construiu-se e que relações de amizade ela subentendeu. Jean Michel Massa já havia alertado; “Ela fornece preciosas indicações sobre Machado de Assis e suas amizades”.<sup>256</sup> Machado de Assis foi um colaborador de suma importância para a revista, sendo o mais assíduo. Entretanto, não frequentou a Academia de Medicina da Corte e não era, por sua vez, colaborador d’*O Acadêmico*. Sabe-se que escreveu alguns

---

<sup>253</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>254</sup> Documentos estes cedidos com muita gentileza pelo major Alcemar Ferreira Jr. responsável pela Divisão de História e acesso à informação (DHAI) do Arquivo Histórico do Exército da Bahia.

<sup>255</sup> Coleção de Requerimentos Militares do Século XIX- DHAI/AHEX. Requerimentos de Francisco Eleutério de Souza. Letra E; Maço nº 72; Pasta nº 2157.

<sup>256</sup> MASSA. Jean Michel. A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit., p. 212.

textos para *A Marmota* entre os anos de 1855 e 1861.<sup>257</sup> Era, portanto, membro do grupo da *Marmota* e também da *Petalogica*. Francisco Eleutério de Sousa fez parte deste grupo, possivelmente desde 1855, data em que foi localizada a sua primeira poesia no jornal de variedades de Paula Brito. No entanto, ignora-se o fato de os mesmos já serem conhecidos nesta época. A hipótese levantada construiu-se a partir de Francisco de Paula Brito e sua tipografia como o elo entre Machado de Assis e Francisco Eleutério de Sousa. Desta maneira, parte-se para o segundo espaço de sociabilidade destes homens de letras; a Tipografia de Francisco de Paula Brito. Mas ainda é preciso uma última palavra sobre o primeiro espaço – *A Marmota*.

Como Francisco Eleutério de Sousa chegou a Francisco de Paula Brito, foi impossível precisar. No entanto, ao encontrar o nome do pai de Eleutério na *Marmota*, pôde-se pensar em algumas possibilidades. Em 17 de abril de 1855, na edição número 574 do seu jornal de variedades, Francisco de Paula Brito citou a poesia *Não sou poeta.*, de Eleutério de Sousa e o apresentou aos leitores. Foi também neste pequeno texto de Paula Brito que se pôde conhecer o nome do pai de Eleutério;

O artigo, que abaixo publicamos, do Sr. Francisco Eleutério de Sousa, filho do nosso estimável patrício o Sr. Eleutério José de Sousa, faz honra ao talento do jovem estudante, cuja musa nascente nos tem dado belíssimas poesias, que constantemente

---

<sup>257</sup> Foi possível encontrar uma declaração *n' A Marmota*, de fevereiro de 1860, que anunciou aos leitores que Machado de Assis “faz hoje” parte do quadro de colaboradores do jornal. Antes de 1860, principalmente os meses em que se dedicou a revista *O Espelho*, Machado de Assis apareceu de forma diletante no jornal de variedades. Segundo Jean Michel Massa, Machado de Assis só retornou a “equipe da Marmota” depois que *O Espelho* parou de circular. Cf. MASSA. Jean Michel. *Ibidem*, p. 239.

publicamos com a assinatura de *F. E. de Sousa*, merecendo particular menção a que foi inserida no n. 541 da *Marmota*, sob o título – Não sou poeta – da qual nos ocuparemos ainda minuciosamente. Felicitamos ao Snr. Eleutério Jose de Sousa pela ventura de ter um filho que deve em poucos anos fazer as suas delicias, e para cuja sorte pedimos o favor do céu.<sup>258</sup>

A partir deste texto concluiu-se que o proprietário da *Marmota* conhecia o pai de Francisco Eleutério de Sousa; “o nosso estimável patrício Snr. Eleutério José de Sousa. ” Esta informação ganhou mais amparo na lista de eleitores da Província do Rio de Janeiro, de 1850.<sup>259</sup> Na listagem de eleitores da freguesia do Sacramento arrolam os nomes de Eleutério José de Sousa – que pode ser o pai do proprietário d’ *O Espelho* – e de mais dois nomes importantes para a revista, possivelmente os colaboradores de mais idade que a revista teve, os membros do grupo da *Marmota* Francisco de Paula Brito e Justiniano José da Rocha.<sup>260</sup> Ademais, Eleutério José de Sousa apareceu também na listagem de membros do partido conservador, publicada em 1848, onde foi citada sua ocupação de capitalista. Nesta mesma listagem apareceram Francisco de Paula Brito – impressor e

---

<sup>258</sup> BRITO, Francisco de Paula Brito. *A Marmota*, n.º 574, 16/04/1855.

<sup>259</sup> *Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro*. Nº. 7, 1850, p. 41 e 42.

<sup>260</sup> Proprietário da *Typ. Americana* até 1854, quando a vende para Jose Soares de Pinho, que acrescentou “de José Soares de Pinho” no nome da Tipografia. Foi nesta tipografia que os números 14, 15, 16 e 17 do *Espelho* foram publicados. Cf. BERGER, Paulo. *A Tipografia do Rio de Janeiro*. Impressores Bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia. Ind. de Papel Pirahy, 1984.

Justiniano José da Rocha – Lente.<sup>261</sup> Pode não passar de uma coincidência, mas a correspondência do mesmo nome *Eleutério José de Sousa*, pode sugerir que o pai de Francisco Eleutério de Sousa e os donos de duas das Tipografias por onde *O Espelho* passou moravam ou votavam na mesma freguesia<sup>262</sup> e eram membros do mesmo partido político. Não seria o Sr. Eleutério José de Sousa o elo entre seu filho Francisco Eleutério de Sousa e o editor e tipógrafo Francisco de Paula Brito? Ainda não se pode concluir, mas é um caminho a ser investigado. Por ora, o caminho leva a Tipografia e seu proprietário Francisco de Paula Brito, o segundo espaço de sociabilidade dos colaboradores da revista *O Espelho*.

### 2.3 A Tipografia de F. de Paula Brito

O espaço da tipografia torna-se uma possibilidade de estudo que pode partir do objeto revista quando se faz uma reflexão sobre a relação que tinha o impresso com o espaço em que foi produzido. Este lugar de produção pode ser analisado não somente como um ambiente que guardava a maquinaria do prelo e suas atividades, tanto de trabalho quanto de comércio, mas também como uma espécie de cenáculo, onde amigos e frequentadores o elegiam como um ponto de encontro para o debate de ideias, formando deste modo novas sociabilidades. “[...] ao buscarem produtos e/ou notícias na própria tipografia, os habitantes da Corte, inauguravam uma prática nova, muito relacionada aos postulados *iluministas*”.<sup>263</sup> Neste sentido, pode-

---

<sup>261</sup> *O Brasil*, n. 1463, 03/08/1849.

<sup>262</sup> Rodrigo Camargo de Godoi, para sua tese de doutorado, analisou o *Livro de casamentos de livres da Freguesia do Santíssimo Sacramento*, AP 0134, fls. 145v, 01/05/1833, onde está exposto que Francisco de Paula Brito era natural e batizado na freguesia do Sacramento. Cf. GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império*. Op. Cit.,

<sup>263</sup> PIRES, Myriam Paula Barbosa. *Impressão, sociabilidade e poder: Três faces da Tipografia do Diário na Corte do Rio de Janeiro (1821-1831)*. 2008.

se refletir sobre o espaço tipográfico como uma parte integrante, enquanto influenciado e influenciador, do processo de modernização da corte imperial oitocentista. Pegando emprestadas palavras de um ativo colaborador da revista *O Espelho*, a tipografia poderia ser considerada “filha das luzes”,<sup>264</sup> ou seja, um espaço de encontro de homens de letras que tinham como missão a promoção e a disseminação de uma prática cultural relacionada às práticas de escrita e leitura, que por sua vez colaborou na concretização de um desejo de progresso e moderno que existiu na corte imperial.

Como já mencionado, *O Espelho* foi impresso em quatro tipografias diferentes, como mostra a tabela número três, no *Anexos*. Estas mudanças de tipografias que ocorreram durante a “vida” d’*O Espelho*, podem estar relacionadas à concorrência que havia entre as tipografias na época, o que possibilitou que os redatores e proprietários dos impressos tivessem uma maior margem de negociação com os impressores. Deste modo, contratavam os serviços daquele impressor que mais vantagens pudessem oferecer.<sup>265</sup>

A Tipografia Comercial de F. O Queiroz Regadas foi a que mais imprimiu números d’*O Espelho*; dez dos dezenove números da revista foram impressos nesta tipografia. Segundo Paulo Berger, esta tipografia foi registrada por Francisco de Oliveira Queiroz Regadas em 20 de fevereiro de 1857, na Rua da Constituição número 9, permanecendo neste local até 1859.

---

170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.btdt.uerj.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

<sup>264</sup> AZEVEDO, Moreira de. *Origem e desenvolvimento da imprensa no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: *Revista Trimestral do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro*, t. XXVIII, quarto trimestre de 1865.

<sup>265</sup> GODOI, Rodrigo Camargo. *Um editor no Império* Op. Cit., p. 87-89.



Na tipografia Americana de José Soares Pinho, fixada na Rua da Alfândega n.º 197, foram impressos quatro números da revista. Esta última fora registrada em nome de Justiniano José da Rocha – também colaborador d’*O Espelho* – em 21 de março de 1853. No entanto, em fins de 1854, José Soares de Pinho tornou-se proprietário da tipografia, que permaneceu na Rua da Alfândega, número 197, até 1864. A Tipografia de B.X Pinto e Sousa, que publicou apenas um número d’*O Espelho*, era de propriedade de Bernardo Xavier Pinto de Sousa que a registrou em 13 de agosto de 1857, permanecendo na Rua dos Ciganos até 1865.<sup>266</sup>

Os motivos que levaram a investigação da Tipografia de Francisco de Paula Brito – onde foram lançados os quatro primeiros números da revista<sup>267</sup> – em detrimento das outras tipografias, partem de algumas considerações. A primeira partiu do que foi escrito por Moreira de Azevedo, colaborador d’*O Espelho*, para quem era comum a visita a esta tipografia;

Nenhum estabelecimento do Rio de Janeiro era mais conhecido do que a Tipografia de Paula Brito na Praça da Constituição, n. 64. Este estabelecimento se tornou popular, como seu dono. Aí iam todos, ou para comprar algum livro que não havia em outra loja, ou para fazer alguma impressão rápida e importante, ou para fazer imprimir algum

---

<sup>266</sup> BERGER, Paulo. Op. Cit.,

<sup>267</sup> A Tipografia de Francisco de Paula Brito passou por diversas fases, nomes e locais desde 1831, quando Paula Brito adquiriu a loja de papel, cera e chá, de seu primo Silvino José de Almeida. O historiador Rodrigo Camargo de Godoi, em sua tese de doutorado, perpassou por todas as fases da Tipografia até chegar em 1858, quando a mesma ganhou o nome de *Typographia de F. de Paula Brito*. Foi também neste momento que a tipografia se estabeleceu na Praça da Constituição, número 64. Sobre a história de Paula Brito e sua tipografia conferir em: GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império*. Op. Cit.,

trabalho que não podia ser feito em outra parte por falta de meios [...].<sup>268</sup>

Esta popularidade pode estar relacionada ao fato de que a Tipografia de Francisco de Paula Brito funcionou também como livraria, onde era possível encontrar, além de impressos de todos os tipos, uma infinidade de outros produtos, desde bonecas a sabonetes ingleses. É importante considerar, como apontou o historiador Rodrigo Godoi, que o conceito de livraria nas primeiras décadas do Rio de Janeiro oitocentista diferia bastante do que se concebe hoje. “Eram ‘livrarias’ que não vendiam apenas livros e jornais, mas uma infinidade de outros produtos.”<sup>269</sup> O que pode sugerir uma maior movimentação e circulação de pessoas no estabelecimento. Ademais, a loja de Francisco de Paula Brito funcionou como um poderoso centro em que o amor às letras, à pátria e à humanidade reunia talentos, classes e partidos políticos opostos.<sup>270</sup> A tipografia de Paula Brito foi de suma importância e muito frequentada pelos habitantes da corte; “O negócio, que compreendia uma impressora, uma casa editora e uma loja comercial, era, portanto, muito importante, sobretudo para a época.”<sup>271</sup>

Laurence Halewell também considerou a tipografia de Francisco de Paula Brito um ponto de encontro literário onde

---

<sup>268</sup> AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de. Biografia. In BRITO, Francisco de Paula. Poesias de Francisco de Paula Brito. Rio de Janeiro, Tipografia Paula Brito, 1863.

<sup>269</sup> GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império*: Francisco de Paula Brito. Op. Cit.,

<sup>270</sup> SIMIONATO, Juliana. A Marmota de Paula Brito. In: RAMOS, José de Paula; DAECTO, Marisa Midori; Filho, Plínio Martins. *Paula Brito, editor poeta e artífice das letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com Arte, 2010.

<sup>271</sup> MASSA, Jean Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Op. Cit., p. 84.

escritores e intelectuais encontravam-se para conversas e debates. Portanto, essa tipografia subteu um espaço no qual se realizou atividades de natureza múltiplas, um espaço promotor de sociabilidade. O que não aconteceu com as outras tipografias onde *O Espelho* foi também impresso. Outrossim, aqueles que frequentaram o estabelecimento de Paula Brito eram os *homens de letras* que escreviam para *A Marmota* e, por conseguinte, colaboradores d'*O Espelho*. Assim como o proprietário da tipografia Francisco de Paula Brito, que além de idealizador da *Marmota*, foi também colaborador da revista de Eleutério de Sousa.

### 2.3.1 Francisco de Paula Brito

Com um pouco mais de vinte anos de idade, Francisco de Paula Brito instalou sua tipografia em uma antiga loja de chá, cera, papelaria e encadernação, situada na Praça da Constituição, antigo Largo do Rossio. “Era uma papelaria e oficina de encadernação onde também se vendia chá: daí a referência ao estabelecimento de Paula Brito como a ‘loja de chá, do melhor que há’”.<sup>272</sup> Adquiriu-a de um primo chamado Silvino José de Almeida Brito, o antigo proprietário, e foi com este pequeno estabelecimento comercial que conseguiu dar início ao movimento editorial brasileiro, campo até então monopolizado por imigrantes ou filhos de imigrantes.<sup>273</sup> Hallewell afirmou que Paula Brito foi o livreiro preferido da elite carioca e o sucessor de Plancher como principal editor da época.<sup>274</sup>

---

<sup>272</sup> HALLEWELL, Laurence. *Op. Cit.*, p. 157.

<sup>273</sup> Segundo Hallewell, até 1863, entre as 7224 empresas comerciais existentes no Rio de Janeiro, apenas 1373 pertenceu a brasileiros. *Idem*, *Ibidem*.

<sup>274</sup> *Idem*, *Ibidem*.

Filho de uma família de libertos afeita às letras, Francisco de Paula Brito teve acesso à leitura ainda muito jovem. Em 1824 ingressou como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Imperial e Nacional, permanecendo neste estabelecimento por quatro anos. Logo em seguida foi empregado nas oficinas de René Ogier e na de Pierre Plancher, consecutivamente. Segundo Godoi, pode ter sido na oficina de Plancher que Paula Brito aprendeu e aperfeiçoou seus conhecimentos da língua francesa (n' *O Espelho* assinou as traduções das fábulas de Lachambeaudie). Sua ascensão social enquanto editor se deu a partir da década de 1840. No entanto, foi a partir de 1852 que seu nome passou a aparecer no *Almanak Laemmert* como um mercador de livros. Passou por diversas dificuldades depois da bancarrota de sua *Companhia Dois de Dezembro*,<sup>275</sup> mas ainda assim continuou a editar jornais, revistas (*O Espelho* foi um deles) e também autores brasileiros no seu estabelecimento; Praça da Constituição nº 64. O único endereço que restou depois dos problemas financeiros causados pelo fim de sua Companhia.<sup>276</sup>

Foi possível constatar uma ligação entre Francisco de Paula Brito e a Imperial Academia de Medicina da corte. Poder-se-ia dizer que esta última foi também um lugar onde os destinos de alguns colaboradores d'*O Espelho* se encontraram, antes mesmo da revista de Eleutério ser lançada. Eram eles estudantes de medicina que também colaboravam para *A Marmota*, como, por exemplo, Francisco Eleutério de Sousa e os colaboradores Laurindo José da Silva Rabello, Constantino José Gomes de

---

<sup>275</sup> Cf. GODOI, Rodrigo Camargo de. *Um editor no Império*. O. Cit.,

<sup>276</sup> Idem, *Ibidem*.

Sousa,<sup>277</sup> Joaquim Bento de Sousa Andrade<sup>278</sup> e Manoel Duarte Moreira de Azevedo.<sup>279</sup> Esta proximidade tanto entre os espaços de sociabilidade, que eram a tipografia de Francisco de Paula Brito e a Imperial Academia de Medicina, bem como Paula Brito e grande parte dos médicos da corte, pode ter se iniciado quando da promulgação da Lei – De 3 de outubro de 1832, que versou sobre “nova organização às [...] Academias Médico - cirúrgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia.”<sup>280</sup> O artigo 26 desta lei ocupou-se das teses de seus estudantes:

---

<sup>277</sup> Gomes de Sousa transferiu-se para a Academia de Medicina da Bahia, mas retornou ao Rio de Janeiro em 1849, onde se formou em 1853. Sua assinatura apareceu duas vezes n’*O Espelho*; duas poesias *Louvres a Deus I* – no n.º 6 de 09/10/1859 – e *Adeus à vida* – no n.º 12, 20/11/1859. Foi também colaborador da *Marmota*. Cf. MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978.

<sup>278</sup> Neste período foi colaborador dos periódicos *A Abelha*; *A Pátria e O Acadêmico*, nestes dois últimos publicou o mesmo e único texto que apareceu, de sua autoria, n’*O Espelho* – O Templo e o Cemitério. Foi possível encontrar textos seus no *Correio da Tarde*, *Courrier do Brésil* e *Correio Mercantil*. Casou-se com Joanna Alencar de Sousa Andrade, irmã de José de Alencar. Cf. ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 1990. Disponível em <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> Acesso em 31 Ago. 2015.

<sup>279</sup> Azevedo escreveu, para *O Espelho*, cerca de 20 textos. Com as assinaturas: *Moreira de Azevedo*; *M. de Azevedo*; *M, de Azevedo*; *M de Azevedo* esteve entre os colaboradores mais assíduos da revista, ficando atrás apenas de Machado de Assis. Médico já conhecido nas páginas da *Marmota*, ora através de anúncios referentes à sua profissão, ora como colaborador. Escreveu também em periódicos como *A Pátria*, *O Conservador* e o *Jornal das Famílias*. Foi colecionador das poesias de Paula Brito, publicando-as em 1863, sendo considerado o primeiro biógrafo do editor. Cf. MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978.

<sup>280</sup> Lei de 3 de Outubro de 1832. Dá nova organização às atuais Academias Médico-cirúrgicas das cidades do Rio de Janeiro, e Bahia. In: *Coleção das*

Art. 26. Passados todos os exames, o candidato não obterá o título de Doutor, sem sustentar em público uma tese, o que fará, quando quizer. As faculdades determinarão por um regulamento *a forma destas teses, que serão escritas no idioma nacional, ou em latim, impressa à custa dos candidatos*; os quais assim como os farmacêuticos e Parteiras, pagarão também as despesas feitas com os respectivos diplomas.<sup>281</sup>

Essa Lei sugeriu que os estudantes de medicina, por terem que custear a produção de suas teses, tornaram-se clientes em potencial das tipografias das cidades do Rio de Janeiro e Bahia. Segundo Rodrigo Godoi, entre os anos de 1844 e 1845, a Tipografia de Paula Brito foi aquela que mais imprimiu as teses dos jovens recém-formados da escola de medicina e que o bom serviço prestado a impressão e distribuição do periódico da Imperial Academia de Medicina – *A Revista Médica Fluminense* – pode ter sido fator determinante para esta preferência. Desta maneira, Francisco de Paula Brito já tecia redes de sociabilidade com os membros da Academia desde a década de 1830, ano de publicação da *Revista Médica Fluminense*. Anos mais tarde, poderia ter sido também este o motivo – além da aproximação entre seu pai Eleutério José de Sousa e Francisco de Paula Brito – para que Francisco Eleutério de Sousa, um estudante da Imperial Academia de Medicina, procurasse o editor e livreiro Paula Brito para a impressão e distribuição da revista *O Espelho*.

Outra prática comum a Francisco de Paula Brito foi o abrigo, em sua tipografia, a jovens iniciantes da pena, que

---

*Leis do Império do Brasil*. V. 1, 1832, p. 87. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18461>.

<sup>281</sup> Ibidem, p. 93. Disponível em: <http://bd.camara.leg.br/bd/handle/bdcamara/18461>. [*grifo nosso*].

posteriormente tornar-se-iam autores conhecidos do campo editorial brasileiro. Além de dar-lhes trabalho, oferecia também as colunas de sua *Marmota* para colaboração. Com efeito, foi através do seu trabalho em sua tipografia e dos laços de amizades costurados neste estabelecimento e também fora dele que Francisco de Paula Brito tornou-se uma espécie de catalisador da cultura nacional oitocentista. Entre os colaboradores d'*O Espelho* trabalharam em sua tipografia e livraria o romancista Bruno Henrique Seabra,<sup>282</sup> Casimiro de Abreu e, possivelmente, Machado de Assis. Segundo a autora Lucia Miguel Pereira, Machado de Assis foi, em 1858, revisor de provas “na casa de seu amigo Paula Brito, função que um ano depois exerceu no *Correio Mercantil*. ”<sup>283</sup> Para a autora, foi esse novo ofício que o tirou de vez da condição de operário e o lançou na imprensa. Existe também “a afirmação de Salvador de Mendonça de que Machado de Assis foi caixeiro da loja de livros e tipógrafo de Paula Brito. ”<sup>284</sup> Se assim o for, é possível conjecturar que

---

<sup>282</sup> Bruno Henrique de Almeida Seabra foi romancista, teatrólogo e poeta. Dedicou-se ao serviço público e a literatura. Foi secretário da Alfândega do Rio de Janeiro, onde trabalhou também Francisco Eleutério de Sousa. Popularizou-se com o romance *Flores e Frutos*, considerado por Silvio Romero um dos melhores romances da literatura romântica brasileira. Cf. MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. P. 621-622. N.º *O Espelho*, sob a assinatura B., colaborou com uma poesia; *Sossega coração*, no n.º 4, de 25/09/1859 e com um artigo sobre uma viagem a Minas Gerais, *A Hospitalidade em Minas Gerais*, publicado em seis partes (das edições de número cinco ao dez). Sob a assinatura B. Seabra escreveu duas poesias; *O Branco e o Timbira (indígena brasileira)*, no n.º 5, 02/10/1859; *O Canto do sertanejo (indígena brasileira)*, no n.º 7 de 16/10/1859 e um conto em prosa; *No álbum de minha filhada Branca Rosa Americanas*, no n.º 18, 01/01/1860. Totalizando cinco textos.

<sup>283</sup>. Cf. PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6º Ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988. p. 60.

<sup>284</sup>Cf. MASSA, Jean. Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Op. Cit., p. 88. Cf. *O Século* n.º 1869, 16.09.1912.

Machado de Assis esteve presente nas reuniões da Sociedade Petalogica do Rossio Grande desde meados de 1858, pois os encontros aconteciam na tipografia de Francisco de Paula Brito. Essa sociedade, sem estatutos, é o terceiro espaço de sociabilidade dos colaboradores da revista *O Espelho*.

## 2.4 A Sociedade Petalogica do Rossio Grande

Quereis saber do último acontecimento parlamentar? Era ir a Petalogica. Da nova ópera italiana? Do novo livro publicado? Do último baile de E\*\*\*? Da última peça de Macedo ou Alencar? Do estado da praça? Dos boatos de qualquer espécie? Não precisa ir mais longe, era ir a Petalogica.<sup>285</sup>

Assim lembrou-se Machado de Assis, em 1865, dos tempos da “[...] Petalogica de Paula Brito – o café Procópio de certa época – aonde ia toda a gente, os políticos, os poetas, os dramaturgos, os artistas, os viajantes, os simples amadores, amigos e curiosos.”<sup>286</sup> Segundo Laurence Halewell, era difícil encontrar na cidade do Rio de Janeiro, entre os anos de 1830 e 1860, artista, homem de letras ou político que não frequentassem tal sociedade. Como afirmou também Machado de Assis; “Quereis um médico, um advogado, um procurador, um padre, um militar, um artista, enfim uma autoridade política, civil, ou militar [...] procure-o na *Sociedade Petalogica*”.<sup>287</sup> O literato relatou que os iniciados<sup>288</sup> na *Sociedade* estavam “espalhados

---

<sup>285</sup> ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*, 03/01/1865.

<sup>286</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>287</sup> *A Marmota*, nº 308, 05/07/1853.

<sup>288</sup> Havia os *iniciados* na *Petalógica* e os *não iniciados*. Isto aconteceu porque as reuniões eram abertas para todos, membros e não membros. O que levou a reflexão sobre o título da agremiação. Na imprensa, o nome *Petalógica* apareceu ora de forma isolada, ora antecedido pela palavra *Sociedade*. Esta



por toda superfície da cidade”<sup>289</sup>, dando a entender o quão numerosos poderiam ser.

A Sociedade Petalógica empenhou-se no estudo da mentira e ao contrário da efemeridade das agremiações que lhe eram contemporâneas, impressionou por sua duração, contabilizando cerca de trinta anos de existência. O título da Sociedade referiu-se “[...] à rédea solta que seus membros

---

forma completa do título; *Sociedade Petalógica* – acrescida ainda pelo indicativo de localidade; *do Rossio Grande* – pode levar o pesquisador a julgá-la, de forma equivocada, como uma “hermética agremiação literária.” O que parecia ser o contrário, especialmente se for levado em conta o funcionamento das reuniões da *Sociedade*. Segundo artigo publicado na *Marmota*, bastava um ajuntamento de algumas pessoas dispostas a uma conversa que a sessão iniciava: “A *Sociedade Petalógica* é permanente; para haver sessão basta que esteja presente um membro; porque se ele começa a orar (isto é, a mentir) há na casa quem lhe esteja tomando o discurso. A Sociedade abre-se e fecha-se sem formalidades; não tem dias, nem horas determinadas; não segue ordem, nem quer desordem, porem de tal sorte se acha organizada, que parecendo assim a coisa mais irregular, é toda ela regular e metódica” (*A Marmota*, n.º 380. 05/07/1853.) Esta passagem pode indicar que qualquer pessoa que estivesse no estabelecimento de Paula Brito, no momento da abertura da sessão, poderia participar da reunião. No entanto, havia duas personagens que eram fundamentais para dar início á ela; era preciso que estivesse “presente um membro” (um iniciado) para que iniciasse a “oração”, mas também era fundamental que estivesse na casa aquele que lhe estivesse “tomando o discurso” (não iniciado). Seguindo uma das pretensões da *Petalógica*, que era “contrariar aos mentirosos, mentindo-lhes”, onde há o mentiroso e também aquele que mente, mas com o objetivo de usar a mentira para fazer o “bem”, ou seja, contrariar e fazer envergonhar-se o mentiroso, que por sua vez era aquele que tomava nota da mentira e, sem criticá-la, a passava adiante como sendo uma verdade. Cf. MARTINS, Bruno Guimarães. *Corpo sem cabeça: Paula Brito e a Petalógica*. 2013. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Letras, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2013. P 169. Disponível em: <[http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912682\\_2013\\_completo.pdf](http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/0912682_2013_completo.pdf)>. Acesso em: 25 jul. 2015.

<sup>289</sup>ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*, 03/01/1865.

davam a imaginação (uma peta = uma mentira).”<sup>290</sup> No Dicionário de Luiz Maria da Silva Pinto, a palavra *peta*, em seu sentido figurado, equivale a palavra mentira.<sup>291</sup> Este foi o sentido empregado no título da *Petalógica*, que pretendia, através da invertida lógica de “contrariar aos mentirosos, mentindo-lhes.”<sup>292</sup> Constranger e envergonhar aqueles que tomavam e apregoavam como verdades tudo o que ouviam. Pretendia também que os mesmos mentirosos, logo após que obtivessem o conhecimento de que a notícia que tomavam e disseminavam como sendo verdadeira constituía-se em uma notícia petalógica, “se corressem de envergonhados e se corrigissem”,<sup>293</sup> pois a Sociedade foi instituída, segundo seu fundador, “para dizer a verdade como deve ser dita a quem quer que seja”.<sup>294</sup>

Não foi possível datar com precisão a criação desta *Sociedade*. Na edição nº 380 da *Marmota*, foi publicado um texto – sem menção de autor –, que indicou: “A Sociedade Petalógica [...] é um ajuntamento de pessoas, mais ou menos instruídas, que, há cerca de 20 anos se reúnem [...].”<sup>295</sup> A partir desta passagem pôde-se deduzir o ano de 1833 para a sua fundação. No entanto, Célia Maria de Azevedo e também Gondin da Fonseca, indicaram que a *Petalógica* foi criada por Francisco de Paula Brito quando o mesmo tinha 21 anos de

---

<sup>290</sup> HALLEWELL, *Ibidem*, p. 154.

<sup>291</sup> PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario de lingua brasileira*. Ouro Preto, Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br>. Acesso em: 03 de Agosto de 2015.

<sup>292</sup> BRITO, Francisco de Paula. *A MARMOTA*, nº 1077, 29/07/1859.

<sup>293</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>294</sup> *Idem*, *Ibidem*.

<sup>295</sup> *A MARMOTA*, nº 308, 05/07/1853.

idade. Ou seja, foi no ano de 1831 que começou a reunir literatos, artistas e políticos nos fundos de sua casa e posteriormente transferiu estas reuniões para a sua livraria, na Praça da Constituição n. 51. Conhecido nesta época como o Largo do Rossio, o que completou o nome da sociedade: *Petalogica do Rossio Grande*.<sup>296</sup>

Machado de Assis, por ocasião da morte de Paula Brito, escreveu no *Diário do Rio de Janeiro*, em 1861, que os membros da Petalogica já se reuniam na antiga casa do editor; “Quando a sociedade nasceu já estava feita; não se mudou nada ao que havia, porque os membros de então eram aqueles que já se reuniam diariamente na casa do finado editor e jornalista.”<sup>297</sup> Em 1863, dois anos após a morte de Paula Brito, Machado de Assis escreveu sobre a inauguração de um retrato do falecido editor na “sala das sessões da Sociedade Petalogica”,<sup>298</sup> dando a entender que a Sociedade estava ainda em atividade, mesmo com a morte do seu fundador.

A Petalogica, portanto, tinha como espaço físico para os encontros o estabelecimento de Francisco de Paula Brito. Laurence Hallewell argumentou que a livraria de Louis Mongie foi um dos primeiros exemplos da tendência brasileira em converter livraria em uma espécie de clube literário informal, padrão que foi posteriormente seguido pelos *habitués* da casa de Garnier. No entanto, para o autor, como ponto de encontro literário, Mongie foi totalmente eclipsado pelo estabelecimento

---

<sup>296</sup> Cf. AZEVEDO, Celia Maria Marinho. *Maçonaria, Anti-Racismo e Cidadania: Uma História de Lutas e Debates Transnacionais*. São Paulo: Annablume, 2010. e Cf. FONSECA, Gondim da. *Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução biográfica*. São Paulo, Editora Fulgor Limitada: 1960.

<sup>297</sup> ASSIS, Machado de. *Diário do Rio de Janeiro*, 24/12/1861.

<sup>298</sup> Idem, *Futuro*, 01/01/1863

de Francisco de Paula Brito no que se referiu ao sucesso da tipografia e livraria enquanto espaço de sociabilidade, em motivo da existência da *Sociedade Petalogica*.<sup>299</sup>

A imprensa da época foi parcimoniosa em revelar os nomes dos membros da *Petalogica* e quando os mesmos foram mencionados, em grande parte das vezes, fez-se o uso de pseudônimos. Ainda assim, Rodrigo Godoi, em pesquisa para sua tese de doutorado, encontrou alguns nomes dos iniciados nos grandes jornais diários. Dentre eles estavam alguns colaboradores d'*O Espelho* como: Constantino Gomes de Souza; Laurindo Rabello; Justiniano José da Rocha. Foi plausível concluir que os membros do grupo da *Marmota* faziam parte da Sociedade; “Em certo sentido, a *Marmota Fluminense* e a *Petalogica* são as duas faces da mesma moeda.”<sup>300</sup> Pode-se considerar o jornal de variedades *A Marmota* a voz da *Petalogica* na imprensa. Certamente não foi idealizado para servir a Sociedade, mas os mesmos estavam interligados, seja por seu fundador e idealizador – Paula Brito – seja pelas Atas das reuniões da *Sociedade* que foram publicadas no jornal e pelas diversas informações, bem como artigos publicados que tinham a *Petalogica* como assunto.

#### 2.4.1 Joaquim Maria Machado de Assis

Quando colaborador do *Espelho*, Machado de Assis era ainda *une tête de vingt ans*, um “prosador novato”, cheio de entusiasmo, mas que ainda estava a tatear. Em 1877 lembrou-se ele dos tempos relativos aos seus vinte anos de idade e assim o descreveu:

---

<sup>299</sup>Cf. HALLEWELL, Laurence. *Op. Cit.*, p. 154

<sup>300</sup> MASSA, Jean. Michel. *Op. Cit.*, p. 85

Ó Tempos! Ó saudades! Tinha eu vinte anos, um bigode em flor, muito sangue nas veias e um entusiasmo, um entusiasmo capaz de puxar todos os carros [...] Bom tempo!<sup>301</sup>

O entusiasmo que era capaz de puxar todos os carros descreveu muito bem o Machado de Assis de 1859. Segundo Jean Michel Massa, foi nesta época que o literato passou a se exercitar em direções diferentes, estabelecendo o princípio de um equilíbrio entre os gêneros literários. Já não era mais o menino que aos quinze e dezesseis anos aventurou-se apenas na poesia, ou conjugou sua experiência poética as primeiras experiências prosaicas.<sup>302</sup> Em 1859 a poesia já não ocupava mais o centro das preocupações literárias de Machado e o espaço dedicado ao jornalismo aumentou. Era chegada a hora do crítico que golpeou valentemente.

Apesar do deslocamento da poesia do centro dos seus interesses literários, Machado não cessou de escrevê-las. Para *O Espelho* escreveu aproximadamente oito poesias. Entre elas a que foi publicada no número 13 da revista, intitulada *Um Nome*, pode ser entendida como uma (auto)descrição poética de Machado de Assis em fins de 1859. Nela foi possível observar os temores e esperanças que tinha *um nome* ainda desconhecido:

Dormi ébrio no seio do infinito/Ao fogo da ilusão que me consome;/A lira tateei na treva... embalde!/Nem uma planta corouu

---

<sup>301</sup> ASSIS, Machado de. *Ilustração*, n.º 15, 7.1877.

<sup>302</sup> Para Jean Michel-Massa, nesta época foi mais lisonjeiro ser poeta, do que ser prosador. Os jovens literatos entravam na carreira escrevendo versos. Assim como aconteceu com Machado de Assis, pode-se pensar em Francisco Eleutério de Sousa, Casimiro de Abreu, Macedinho. Todos jovens aspirantes a homens de letras que viram a poesia como carta de entrada para a carreira literária. Cf. Massa, Op. Cit., p. 158.

meu nome!/Os meus cantos morreram no deserto,/Quebrou-me as notas um noturno vento,/E o nome que eu quisera erguer tão alto/No abismo há de cair do esquecimento/Sou bem moço, e talvez numa esperança/Pudesse ainda me despir do lodo;/E ao sol ardente de um porvir de glórias/Engrandecer, purificar-me todo./Talvez, mas esta sede era tamanha!/E agora o desespero entrou-me n'alma;/A brisa de verão queimou passando/A jovem rama da nascente palma!/E esse nome, esse nome que eu quisera/Erguer como um troféu, tornou-se em cruz;/Não cabe aqui, senhora, em vosso livro, /Pobre como é de gloria e de luz./Mas se não tem as palmas que esperava,/Filho da sombra, em jogo de ilusões/Vossa bondade, a unção das almas puras/ Há de dar-lhe a palavra dos perdões! Machado de Assis<sup>303</sup>

Esse nome ainda desconhecido e com aspirações para o gozo da glória apareceu em outro momento, nos versos da poesia *estrela da tarde*;

[...]

Meu lábio secou-se no sol do deserto/Nem fonte ai perto! Cruenta aflição!/Passei tateando nas sombras da vida /Como ave caída nos lodos do chão!/A taça dourada do amor e ventura/Achei-a bem pura – mas não a bebi,/Do éden da vida rocei pelas portas:/As mãos eram mortas; ninguém veio ali,/Passei; fui sozinho no longo da estrada;/A noite pesada descia sem

---

<sup>303</sup> ASSIS, Machado de. Um Nome. *O Espelho*, n.º13 27/11/1859.

luz,/Segui tropeçando num frio  
 sudário;/Agora um calvário, mais tarde uma  
 cruz! /Estrela! Cansado das lutas,  
 vencido,/Dos sonhos descritos, ressurjo,  
 aqui estou!/O manto da vida que cai-me aos  
 pedaços/Recose-me aos que o frio engelou./  
 São crenças que eu peço de um gozo celeste:  
 /No tronco ao cipreste – rebentos de  
 flor;/Aos prantos que choro mais rir de  
 doçura,/Mais pão de ventura, mais sonhos  
 de amor![...] Machado D’Assis<sup>304</sup>

Estas poesias podem denotar um Machado de Assis, que aos vinte anos de idade e redator d’ *O Espelho* ainda era um nome desconhecido fora de seu grupo, mas que dentro da revista tinha em uma posição privilegiada de cronista: “Talvez não me conheçam, mas é fácil; um cronista é reconhecido entre um povo de cabeças. Eu então cheiro a folhetim a duas léguas de distância. Não é modéstia...”;<sup>305</sup> “A plateia ficou completamente incomodada e eu na minha imparcialidade de cronista devo relatá-lo por amor da verdade.”;<sup>306</sup> “A minha probidade de cronista está satisfeita”;<sup>307</sup> “O meu dever de cronista”;<sup>308</sup> “Cronista como sou dos fatos teatrais, moço e crente, com este sentimento do gosto, com este entusiasmo do belo...”.<sup>309</sup> A revista de Francisco Eleutério de Sousa e as relações e aproximações com outros nomes do campo literário que a mesma proporcionou, tornou a participação de Machado de

---

<sup>304</sup> ASSIS, Machado. Estrela da tarde. *O Espelho*, n.º1, 04/09/1859.

<sup>305</sup> ASSIS, Machado. Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>306</sup> Idem, Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

<sup>307</sup> Idem, Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 11, 13/11/1859.

<sup>308</sup> Idem, Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 15, 11/12/1859.

<sup>309</sup> Idem, Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 17, 25/12/1859.

Assis n' *O Espelho* um divisor de águas na sua experiência literária.

Antes de ser colaborador d' *O Espelho*, Machado de Assis apareceu com irregularidade na imprensa brasileira. “É neste periódico que aparece, pela primeira vez, colaboração de Machado de Assis, de caráter obrigatório.”<sup>310</sup> Na *Marmota*, data de 1855 as primeiras aparições de textos de sua autoria.<sup>311</sup> Segundo tradição biográfica, como apontado anteriormente, é possível que também no ano de 1855, Machado de Assis tenha sido empregado de Francisco de Paula Brito, prestando serviço em sua tipografia. Portanto, é possível que também em torno desta época tenha começado a frequentar as reuniões da Sociedade Petalogica do Rossio Grande.<sup>312</sup>

Machado de Assis quando começou a frequentar as reuniões da Petalogica encontrou um grupo já constituído, com seus hábitos, usos e cacoetes. “Esta associação tinha os seus príncipes, o seu papa, em resumo, apresentava uma tradição”.<sup>313</sup>

---

<sup>310</sup> SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro, 1955. 773 p.

<sup>311</sup> Cf. MASSA, Jean-Michel. Op. Cit., e Cf. MAGALHÃES JR., R. *Machado de Assis. Vida e Obra*. Op. Cit.,

<sup>312</sup> Há um descompasso em afirmar qual foi a primeira aparição de Machado de Assis n' *A Marmota*. No entanto, entre seus biógrafos, há o consenso de que foi em Janeiro de 1855. Segundo Massa, é possível que Machado de Assis tenha começado a trabalhar na cidade do Rio de Janeiro, em alguma casa comercial, ou como caixeiro ou como guardador de livros, por volta de 1855. Massa apontou que o fato de seus primeiros amigos serem ligados ao grupo dos caixeiros pode confirmar a hipótese. Mesmo que se ignore a exata atividade a que estava ligado Machado de Assis, parece verossímil que a publicação de seus primeiros poemas corresponda a sua vinda para a cidade para exercer alguma atividade remunerada. Cf. MASSA, Jean. Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Op. Cit.,

<sup>313</sup> MASSA, Jean. Michel. Op. Cit., p. 85



Para o autor, foi através destes contatos, “durante as reuniões de sábado à tarde”, com jovens e pessoas mais idosas ou mais avançadas na carreira das letras, que o menino Machadinho progrediu mais rapidamente. Nesta época, descobriu-se em suas primeiras experiências literárias, mas também descobriu uma república de amigos. “Em pouco tempo Machado de Assis ficou amigo dos diversos colaboradores da revista [*A Marmota*], igualmente assíduos à *Petalógica*”.<sup>314</sup> É muito provável que tenha conhecido Francisco Eleutério de Sousa nestas reuniões.  
315

Segundo Lucia Miguel Pereira, Machado de Assis tinha grande vocação para essas agremiações; “[...] toda a vida, andou ou procurou andar às voltas com elas, como se o movesse uma profunda necessidade de fazer parte de um grupo [...] parecia sempre estar à cata de companheiros”.<sup>316</sup> Além das associações literárias,<sup>317</sup> foi nesta época um frequentador do escritório do advogado, poeta e político baiano; Caetano Alves de Sousa Filgueiras.<sup>318</sup> Neste local, reuniu-se habitualmente com outros

---

<sup>314</sup> Idem, p. 97.

<sup>315</sup> Idem, p. 149.

<sup>316</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. Op. Cit., p. 67

<sup>317</sup> Segundo a autora Lucia Miguel Pereira, Machado de Assis frequentou nesta época, além da *Petalógica*, o *Clube Literário Fluminense*, fundado por Joaquim Pessanha Póvoa e possivelmente pode ter frequentado a *Sociedade Filomática*. Cf. Idem, p. 66.

<sup>318</sup> Há uma discrepância com relação aos anos em que se reuniram o grupo dos cinco. No prefácio de *Crisalidas* (o primeiro livro de versos de Machado de Assis), escrito em 1864, o prefaciador Caetano Alves de Sousa Filgueiras relembra os encontros destes jovens em seu escritório; “Há dez anos...sim... dez anos!” No entanto, tudo levou a crer que Filgueiras não foi exato ao tempo quando trouxe a memória o grupo. Dois dos “cinco”, como Casimiro de Abreu que voltou ao Rio de Janeiro por volta de Setembro de 1857 e Macedinho que se mudou para o Rio de Janeiro apenas em 1858, ainda não estavam na corte carioca em 1854. Portanto, é possível que estes encontros

três jovens com propensões literárias; Gonçalves Braga, Casimiro de Abreu e José Joaquim Cândido de Macedo Junior, o Macedinho. Estes dois últimos também colaboradores d'*O Espelho*. Segundo Magalhães Junior, Casimiro de Abreu conheceu Macedinho quando este ainda era estudante de matemática na Escola Central, em 1858. A partir de então, Macedinho passou também a frequentar o escritório de Filgueiras e provavelmente ali conheceu Machado de Assis, que já frequentava o local.<sup>319</sup>

Joaquim Candido Manoel de Macedo Junior, menino vindo do Rio Grande do Sul e afeito aos números e as letras, matriculou-se na Academia Militar em 1858, ano em que se mudou para a Corte Imperial. Completando quinze anos na época d'*O Espelho*,<sup>320</sup> ficou responsável pelas *crônicas elegantes* e assinou lendas e poesias para a revista, assinando como *J.J.C. DE MACEDO JUNIOR, MACEDO JUNIOR* e com a abreviatura *J.C.* e *M.J.* Seu nome apareceu também no *Almanak do Ministério da Guerra*, como membro da *Comissão*

---

no escritório de Filgueiras tenham acontecido na mesma época em que se frequentou também a *Sociedade Petalogica*, por volta de fins de 1857 e início de 1858. Cf. MAGALHÃES, R. Junior. Op. Cit., p. 39-40.

<sup>319</sup> Idem, Ibidem.

<sup>320</sup> Segundo Dicionário dos autores Sacramento Blake e Raimundo de Menezes, José Joaquim Cândido de Macedo Junior nasceu em 10 de Março de 1842. No entanto, Casimiro de Abreu em 1858 lhe dá catorze anos de idade (Cf. MASSA, Jean Michel. Op. Cit., p.152). O que conferiu com o obituário publicado no *Correio Mercantil*, ed. 73 de 14/03/1860; “Sepultaram-se nos cemitérios públicos no dia 5 do corrente, 31 pessoas livres, a saber: [...] José Joaquim Cândido de Macedo Junior, rio-grandense, 15 anos, solteiro. Febre amarela”. Considerando o dia e mês – 10 de Março – de seu nascimento, caso tenha falecido nos primeiros cinco dias do mês de Março, ainda não teria completado seus 16 anos. Cf. BLAKE, Op. Cit., p. 470; Cf. MENEZES, Op. Cit., p. 389 e Cf. *Correio Mercantil*, ed. 73. 14/03/1860. Deste modo, a opção de escolha foi pela data de 1844 para seu nascimento.

de redação da *Academia Philosophica*,<sup>321</sup> ao lado de outro colaborador d'*O Espelho*; Bruno Henrique Seabra.<sup>322</sup>

Foi possível conjecturar que Macedinho e Casimiro de Abreu tenham chegado a Francisco Eleutério de Sousa por intermédio de Machado de Assis. Esta hipótese pode sustentar-se no fato de que os laços de amizade dos três literatos já teriam se formado ainda no escritório de Filgueiras, antes mesmo da participação de Casimiro e Macedinho no grupo da *Marmota* e nas reuniões da Petalogica.

Casimiro de Abreu viajou para Portugal em 1853, permanecendo por lá até julho de 1857. Ao regressar para o Brasil, dirigiu-se para a fazenda de seu pai em Indaiáçu, retornando ao Rio de Janeiro apenas em setembro do mesmo ano. É possível que tenha passado a frequentar as reuniões de Filgueiras a partir de setembro de 1857.<sup>323</sup> A participação de Casimiro de Abreu no jornal de variedades *A Marmota* se deu entre fins de 1858 e início de 1859, pelo menos um ano depois de sua participação nas reuniões do escritório de Filgueiras. Conheceu Macedinho em 1858, quando o mesmo mudou-se para o Rio de Janeiro. Apesar de Michel-Massa mencionar Macedinho como colaborador da *Marmota*, até o momento não se encontrou nenhum vestígio de sua participação neste jornal. No entanto, as diversas homenagens que lhe foram atribuídas por ocasião de sua morte sugerem que o menino Macedinho foi bastante conhecido entre o grupo da *Marmota*.<sup>324</sup> Ao levar-se

---

<sup>321</sup> Como já argumentado Macedinho morreu nos primeiros meses do ano de 1860, acometido de febre amarela. Cf. *Correio Mercantil*, ed. 73. 14/03/1860. Portanto é possível que não tenha assumido o cargo.

<sup>322</sup> *Almanak do Ministério da Guerra*, n.º 17, 1860.

<sup>323</sup> MAGALHÃES JR., R.. *Machado de Assis. Vida e Obra*. Op. Cit., p. 40

<sup>324</sup> As homenagens ao escritor Macedinho aparecem na *Marmota* desde Março de 1860, por ocasião de sua morte, até Agosto de 1861. São poesias e

em conta a participação de Casimiro de Abreu neste jornal, a possibilidade de que os dois rapazes que integraram *o grupo dos cinco* – Casimiro e Macedinho – tenham conhecido o proprietário d’*O Espelho* apenas depois de terem conhecido Machado de Assis, pode ser conjecturada.

Casimiro de Abreu apareceu em situações diversas n’*O Espelho*, ora como homenageado, ora como autor. Um artigo intitulado *Primaveras*, de autoria de Justiniano José da Rocha, descreveu o talento do jovem poeta que, segundo o autor, recebeu dos céus as sublimes inspirações para suas *Primaveras*, que possuíam versos fluentes, ricos de melodia e doces como foi também Casimiro.<sup>325</sup> Como autor, escreveu duas poesias; *A Taberna*<sup>326</sup> e *A um poeta*.<sup>327</sup> Esta última, “possivelmente com endereço a Machado de Assis”,<sup>328</sup> expressou um pouco do espírito dos dois jovens, para quem a verdadeira riqueza não cabia no bolso e sim na cabeça:

O viajor perdido ao declinar do dia/Dirige  
ao céu sereno o seu olhar aflito,/Mas a  
coragem volta e novas forças cria

/Se voz amiga ao longe responder-lhe ao  
grito. /Nós que somos irmãos na luta e no

---

textos saudosos do menino “que tinha qualidades notáveis para um homem social”. Um destes textos foi assinado por Manoel Duarte Moreira de Azevedo, colaborador d’*O Espelho*. O que pareceu que Macedinho – que conheceu a morte de forma prematura – foi muito quisto entre os membros do grupo da *Marmota*, mesmo com sua pouca idade. Conferir nas edições da *Marmota*, números 1141; 1145; 1160; 1298.

<sup>325</sup> ROCHA, Justiniano José da. *Primaveras*. *Espelho*, n.º 5 de 02/10/1859.

<sup>326</sup> *O Espelho*, n.º 4 de 15/09/1859.

<sup>327</sup> *O Espelho*, n.º 8 de 23/10/1859.

<sup>328</sup> JUNIOR, Magalhães R. Op. Cit., p. 124.

cansaço/Nós que ao mesmo calvário a  
 mesma cruz levamos/Depois do aperto  
 amigo e do fraterno abraço/Com novo ardor  
 e vida nos dizemos- Vamos! /Mova-se o  
 passo afoito no abrasar da areia, /A vista  
 esperançosa alcance a fonte amada/E o  
 braço juvenil na escuridão tateia/Por entre  
 as silvas bravas o sinal da estrada./  
 Caminhar! Caminhar! A terra  
 prometida/Por trás dos alcantis talvez nos  
 apareça./ Caminhar, caminhar! Sem  
 maldizer da vida, - O nosso patrimônio  
 existe na cabeça.

Cazimiro d'Abreu<sup>329</sup>

A revista de Francisco Eleutério de Sousa foi muito importante para a vida literária e também pessoal de Machado de Assis, pelas relações de amizades que estabeleceu. Com a fundação d'*O Espelho*, o literato passou de escritor eventual para um redator de revista;

Durante o último trimestre do ano de 1859, operou-se uma mudança radical na atividade de Machado de Assis. Ele era ainda uma espécie de diletante da pena. Aqui e ali aceitavam, em seguida procuravam sua colaboração, mas esta permanecia episódica. Ele já assinara algumas traduções e quebrara algumas lanças (por exemplo, na polemica dos “Cegos”), mas sua pena não havia ainda achado emprego. Com a fundação do *Espelho*, deu um passo à frente. Ele se tornou um dos redatores de uma revista ainda “confidencial” mas, ao menos para

---

<sup>329</sup>ABREU, Casimiro de. A Um poeta. *O Espelho*, n.º 8 de 23/10/1859.

ele, era uma etapa decisiva, porque seus escritos foram tomados em consideração. Assim se explica a impetuosidade com que participou do empreendimento. Era a sua primeira oportunidade verdadeira.<sup>330</sup>

Ao refletir sobre os números de sua colaboração na imprensa carioca, foi possível entender a importância da revista de Eleutério na carreira literária de Machado de Assis. Seguindo o índice cronológico feito por Galante de Sousa<sup>331</sup> e acrescentando uma poesia de autoria de Machado de Assis, publicada em 1854, que foi encontrada posteriormente a publicação do índice, em 1972,<sup>332</sup> pôde-se concluir que entre os anos de 1854 e 1858, Machado apareceu como autor de 52 textos, na imprensa carioca. Já n'*O Espelho*, em 1859, nos quatro meses que esteve envolto a revista, escreveu aproximadamente 38 textos, mais do que escreveu em quase três anos; 1855 a 1857, quando escreveu um total de 36 textos.

---

<sup>330</sup> MASSA, Michel. Op. Cit., 2009. p. 209.

<sup>331</sup> SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro, 1955.

<sup>332</sup> Segundo Magalhães Junior, foi o pesquisador José Galante Sousa quem descobriu, em 1972, a primeira produção poética de Machado de Assis publicada na imprensa; a poesia intitulada “Soneto”, publicada em três de outubro de 1854, no *Periódico dos Pobres*. Cf. MAGALHÃES, R. Júnior. p. 31.

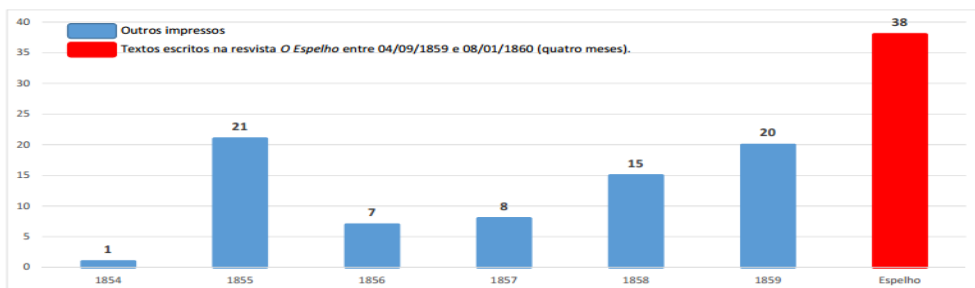


Gráfico 1 Linha evolutiva dos textos de Machado de Assis escritos para a imprensa carioca entre os anos de 1854 e 1860.

Além disso, *O Espelho* refletiu um Machado de Assis, até então, conhecido apenas do grupo de amigos que atuou em torno de Paula Brito. Depois de sua participação na revista de Eleutério, sua colaboração<sup>333</sup> e seu reconhecimento na imprensa carioca tomaram outros rumos. Assim como na *Marmota*, sua pena passou a ser destacada nos demais jornais e revistas que circularam na corte e províncias. Em março de 1860, por exemplo, dois meses depois de cessada a circulação d'*O Espelho*, o *Correio Mercantil* se referiu a Machado de Assis como uma pena bem conhecida e conceituada.<sup>334</sup> Ou seja, o pássaro estava a sair do ninho – o grupo que lhe era familiar – “o canto se diversificava, se ampliava”.<sup>335</sup>

A hipótese lançada é a de que Machado de Assis não foi somente um colaborador d'*O Espelho*, mas que, além de um dos principais redatores, ajudou diretamente na criação e

<sup>333</sup> Ainda segundo o índice cronológico de Galante de Sousa, em 1859 Machado de Assis publicou 49 textos na imprensa carioca e 69 textos entre os anos de 1860 e 1861. Cf. SOUSA, J. Galante de. Op. Cit.,

<sup>334</sup> *Correio Mercantil*, 30.03.1860.

<sup>335</sup> MASSA, Jean Michel. *A Juventude de Machado de Assis*. Op. Cit., p. 131.

organização da revista, participando das decisões acerca da linha editorial, assuntos abordados, entre outros. Lucia Miguel Pereira afirmou que Machado de Assis ajudou Eleutério de Sousa na fundação de sua revista semanal.<sup>336</sup> Não foi descomedido pensar, como foi conjecturado anteriormente, que Machado de Assis também recrutou colaboradores, como Casimiro de Abreu, Macedinho e talvez Ernesto Cibrão.<sup>337</sup> Este último – que não fez parte do grupo da *Marmota* – ao que parece, já era amigo de Machado de Assis desde os anos de 1856 e/ou 1858. Em determinadas crônicas, Machado de Assis recordou que conheceu Cibrão no início de sua carreira literária. Apesar do português não ter sido colaborador da *Marmota*, talvez tenha frequentado a Sociedade Petalógica.<sup>338</sup> Em crônica para *O Espelho*, onde escreveu sobre a peça *Luiz*, de Cibrão, Machado de Assis manifestou sua amizade pelo português quando mencionou conhecer a fundo a alma do jovem autor.

O Sr. Ernesto Cibrão é português, terá um lugar distinto entre os escritores de sua terra, mas no meio dessas palmas que o esperam não se esquecerá de sua estreia no pequeno teatro do Ginásio. Seria uma ingratidão, mas quem escreve estas linhas sabe por tradição que não é esse o fundo da alma do jovem autor.<sup>339</sup>

---

<sup>336</sup> PEREIRA, Lucia Miguel. Op. Cit., p. 66.

<sup>337</sup> Ernesto Cibrão apareceu N’*O Espelho* três vezes. Nos números: 13, de 27/11/1859, com a poesia intitulada *Recordações*; 16, de 18/12/1859, com a poesia intitulada *Pois sim...*; e no número 18, de 01/01/1860, com a poesia intitulada *Jacques Rolla. (Fragmento de uma versão)*.

<sup>338</sup> MASSA. Jean Michel. A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit., p 151.

<sup>339</sup> Assis, Machado. Revista de Teatros. *O Espelho*, nº 5 de 02/10/1859.



O espaço que os escritos de Machado de Assis ocupou na revista, denotou seu comprometimento com o empreendimento. “[...] a exemplo da Santíssima Trindade, conseguiu ser ao mesmo tempo trino e uno, na pequena revista *O Espelho*, de que participou ativamente.”<sup>340</sup> Nela, colaborou como poeta, cronista e crítico teatral. Foi este o momento em que se lançou na carreira de literato. Na revista, Machado de Assis ocupou uma espécie de lugar de honra de cronista. Isto porque suas críticas teatrais captaram o maior espaço geográfico do impresso, apropriando-se em média de duas das doze páginas que completavam cada edição. Comparando aos demais autores, cujos artigos, muitas vezes, não atingiram uma página completa, Machado de Assis desfrutou de um espaço considerável nas páginas d’*O Espelho*, pois além das críticas, escreveu nas mesmas edições poesias e crônicas. O literato ocupou, em média, por edição, cinco das 12 páginas que eram publicadas, quase a metade das páginas da revista, por número.

Para *O Espelho*, Machado de Assis escreveu dezoito críticas teatrais na sessão “Revista de Teatros”, onde comentou sobre os espetáculos que assistiu semanalmente. E três artigos intitulados “Ideias sobre o teatro”, no qual comentou sobre a importância do teatro para a sociedade “na estrada da civilização.” Ao mesmo tempo fez uma reflexão sobre os problemas do teatro brasileiro, que por falta de iniciativas do governo e estímulo do público – que entendia o teatro como passatempo – caminhou por caminhos adversos e sofreu da falta de um cunho nacional. O assunto teatro foi também constante nas reuniões da *Petalogica*; “Quereis saber [...] Da última peça de Macedo ou Alencar? [...] era ir à Petalogica”.<sup>341</sup> Durante as

---

<sup>340</sup> MAGALHÃES, R. Júnior, Op. Cit., p.119.

<sup>341</sup> Machado de Assis. *Diário do Rio de Janeiro*, 03/01/1865.

reuniões eram evocados os espetáculos oferecidos nos teatros em funcionamento no Rio de Janeiro.<sup>342</sup>

No entanto, muitas vezes, o que foi discutido nestas reuniões, não dizia respeito propriamente ao teatro, mas às atrizes teatrais. “às vezes, se discutia a superioridade das divas do tempo.”<sup>343</sup> Várias atrizes de teatro disputaram a preferência do público; “Esta competição dava um ar picante à vida do espetáculo”.<sup>344</sup> Nesta atmosfera, as *divas* causaram aos homens de letras românticos verdadeira fascinação. A ponto de os mesmos suprirem pelas atrizes uma paixão que se tornou quase doentia, exacerbada pela distância – um amor platônico. Este foi o ambiente vivido por Machado de Assis, que também versou amor e admiração pelas *divas* teatrais. “Com a sua juventude, os versos eram os únicos presentes que podiam oferecer”.<sup>345</sup> N’*O Espelho*, endereçou uma poesia a atriz portuguesa Gabriela da Cunha,<sup>346</sup> membro da companhia de Furtado Coelho, que se apresentou diversas vezes no Ginásio. A menção a esta companhia foi constante nas críticas teatrais de Machado de Assis e o ligou ao seu amigo português Antônio Moutinho de Sousa, que foi um dos atores integrantes da companhia. Moutinho, por sua vez, também escreveu para *O Espelho*.

Antônio Moutinho de Sousa chegou ao Brasil em fevereiro de 1858. Meses mais tarde mudou-se do Porto para o Rio o seu muito amigo Faustino Xavier de Novaes, futuro

---

<sup>342</sup> MASSA, Jean Michel. A Juventude de Machado de Assis. *Op. Cit.*, p. 85.

<sup>343</sup> Machado de Assis. *Diário do Rio de Janeiro*, 03/01/1865.

<sup>344</sup> MICHEL, Jean Michel. *Ibidem*, p. 93.

<sup>345</sup> *Idem*, *Ibidem*, p. 122.

<sup>346</sup> ASSIS, Machado de. A D. Gabriella da Cunha. (22 de Dezembro de 1859). *O Espelho*, n.º 17, 25/12/1859.

cunhado de Machado de Assis<sup>347</sup> e genro da atriz Gabriela Cunha, mãe de sua esposa Ludovina, atriz que também povoou as críticas teatrais de Machado de Assis n’*O Espelho*. Ao chegar ao Rio de Janeiro, Moutinho tornou-se ator e logo ganhou notoriedade. Foi muito elogiado por Machadinho em suas crônicas teatrais, assim como toda a companhia de Furtado Coelho. Na edição número cinco da revista de Eleutério, Machado de Assis escreveu sobre a peça *Luiz*, de autoria, como já observado, do também português Ernesto Cibrão, onde atuaram “o Sr. Furtado, o Sr. Moutinho e a Sr. Gabriella.” Nesta mesma crônica, escreveu sobre a peça *Um Bernardo*, de Xavier de Novaes, “feita para rir, cujo fim preenche completamente. A Companhia de Furtado Coelho e principalmente aos seus amigos portugueses ligados ao teatro pulularam as críticas de Machado para *O Espelho*. Eram muitos, seus amigos portugueses, nesta época. Possivelmente a análise destes laços de amizade daria por si só outro trabalho. O que pode, inclusive, explorar um problema ainda mais amplo, que é a aproximação da história literária brasileira e portuguesa.

A fim de concluir este capítulo, entendeu-se, portanto, que o grupo d’*O Espelho* surgiu destes três espaços de sociabilidades e principalmente destas trajetórias individuais que se encontraram. Foi destes lugares de destinos cruzados que surgiu a revista de Francisco Eleutério de Sousa. É possível que este grupo d’*O Espelho*, advindo, em grande parte, do grupo da *Marmota*, mas principalmente dos membros da *Petalógica*, teve nas figuras de Francisco Eleutério de Sousa, Francisco de Paula Brito e Machado de Assis os laços que ataram contatos e

---

<sup>347</sup> Machado de Assis casou-se com a irmã de Xavier Novaes; Carolina Novaes, em 12/11/1869. Cf. MASSA, Jean Michel Massa. *Um amigo português de Machado de Assis*: Antônio Moutinho de Sousa. Tradução de Lucia Granja. *Machado de Assis linha*. Rio de Janeiro, v.5, n.10 dez.2012. Disponível em: <[scielo.br/pdf/mael/v5n10/a3v5n10.pdf](http://scielo.br/pdf/mael/v5n10/a3v5n10.pdf)> Acesso em: 20/01/2016.

articulações fundamentais para a criação e existência da revista. Estes *homens de letras*, engajados na vida da cidade, testemunhando, produzindo e difundindo cultura e bens simbólicos, assimilando e compreendendo o mundo, bem como compartilhando significados através da sociabilidade, produziram sua marca e a apresentaram na revista *O Espelho*, que foi a voz deste grupo na imprensa. Sobre a marca que os singularizou, foi assunto do próximo capítulo.

### CAPÍTULO III PASSANDO EM REVISTA: O MODERNO EM LITERATURA, MODAS, INDÚSTRIA E ARTES

Espelho à *rebours*, só reflete o passado, e por ele chora como uma criança. É a elegia viva do que foi, salgueiro do carrancismo, carpideira dos velhos sistemas. Reforma, é uma palavra que não se diz diante do empregado público aposentado. Há lá nada mais revoltante do que reformar o que está feito! [...] O empregado público aposentado é um dos tipos mais curiosos da sociedade. Representa o lado cômico das forças retroativas que equilibram o avanço das civilizações nos povos.

[...] Tudo quanto tende ao desequilíbrio das velhas usanças é um crime para esse viúvo da secretaria, arqueólogo dos costumes.<sup>348</sup>

O empregado público aposentado descrito por Machado de Assis foi, em 1859, a personificação do personagem *Ginja* do também *Espelho* do início do século. Assim como este último, o empregado público aposentado ou a “múmia tradicional do passado” – como o chamou Machado– carregou, por muito tempo, a ideia de progresso debaixo de sua língua fulminante; “Estradas de ferro! É uma loucura do modernismo! Pois não bastavam os clássicos de transporte que até aqui punham em comunicação localidades afastadas? Estradas de ferro!”<sup>349</sup>

E não foi só na vociferação contra o moderno que o empregado público reproduziu o *Ginja*. O prestígio do primeiro

---

<sup>348</sup> ASSIS, Machado de. Aquarelas III. O Empregado Público Aposentado. *O Espelho*, nº 7, 16/10/1859.

<sup>349</sup> Idem, *Ibidem*.

estava na caixa de rapé, “a boceta de pandora” e estendia-se também por todos os seus acessórios, como “na gravata, na presilha, na bengala”, ou seja, o empregado público aposentado era um tipo fácil de reconhecer, pois trazia qualidades especiais que o denunciava entre mil cabeças.<sup>350</sup> Assim assemelhou-se ao segundo, que vestido em seus calções de lila, meias azuis, sapatos com fivelas, babado de renda da terra, casaca do tempo do Vice Reinado do Conde Rezende e chapéu do tempo do despotismo, foi a personificação do ultrapassado e antiquado.<sup>351</sup>

Mas por que este retorno? Para que trazer de volta ao terceiro capítulo o *Ginja* que foi apresentado na introdução desta dissertação? O tipo social *Ginja* é o ponto chave para todos os grandes temas que *O Espelho* disseminou e problematizou. Através destes tipos sociais – que na revista de Eleutério de Sousa foram também identificados como parasitas, fanqueiros literários, *morfeu's* modernos, gralhas sociais, entre outros – que será possível, primeiramente ao leitor, entender a escolha do trabalho com o conceito moderno nesta dissertação e como ele foi uma espécie de tópico que permeou a maior parte dos diversos assuntos abordados na revista. Com este intento, o primeiro passo que se seguiu foi refletir sobre o conceito de moderno e de que maneira ele apareceu n’*O Espelho*.

### 3.1 O Moderno n’*O Espelho*

A década de 1850 e a primeira metade de 1860 foi uma espécie de “*belle époque* em ponto pequeno”.<sup>352</sup> Os habitantes do Rio de Janeiro estavam experimentando uma efusão de carruagens confortáveis, estabelecimentos luxuosos como lojas, confeitarias, salões servidos por escravos que falavam francês.

---

<sup>350</sup> Idem, *Ibidem*.

<sup>351</sup> *O Espelho Diamantino*, loc. cit.

<sup>352</sup> MACHADO, Ubiratan. Op. Cit., p. 23

Todo este processo de mudança figurou um deslumbramento do progresso e um verniz da modernização que acabava encobrendo problemas graves que passava o Rio de Janeiro da época.<sup>353</sup> Um destes problemas era a falta de incentivo e valorização da literatura e do *homem de letras* nacional. Este assunto com certeza inquietou alguns colaboradores d'*O Espelho* que buscaram e incitaram os leitores e leitoras a entenderem o país em que viviam. Havia um inconformismo nas páginas d'*O Espelho*, principalmente, com a situação da literatura e do homem de letras nacional.

No entanto, a revista se valeu do moderno para abordar os mais diversos assuntos que tinham como temas centrais moda, indústria, artes e literatura. Desta maneira havia um projeto de moderno n'*O Espelho*. Neste interim, o conceito de moderno foi utilizado nesta dissertação como estratégia para passar em revista todos estes temas abordados pelo *Espelho* e explorar a revista nas suas mais variadas características, pois, como já argumentado, o objeto de investigação deste trabalho é a revista *O Espelho*. Como a palavra moderno apareceu em diversos momentos na revista de Francisco Eleutério de Sousa, tanto nos textos, quanto nos títulos dos artigos e crônicas que ali foram publicados, um dos questionamentos que norteou a investigação foi identificar o moderno mencionado pelos colaboradores, visto que o sentido de moderno possui um caráter polissêmico e é bastante polêmico.

Com a investigação, algumas constatações puderam ser feitas: em uma reflexão prefacial foi possível observar que n'*O Espelho* o sentido de moderno utilizado foi aquele vinculado à Revolução Industrial, que tinha como símbolos as estradas de ferro e as estações ferroviárias, a iluminação à gás, a fotografia, entre outros. Associado ao início de um processo de

---

<sup>353</sup> Idem, *Ibidem*.

modernização e transformação do espaço e dos costumes que se deu, na cidade do Rio de Janeiro em específico, a partir da segunda metade do século XIX. Quando – mesmo que ainda preservada sob uma estrutura material escravista – a cidade era cada vez mais transformada pelas novas redes de relações sociais que se consolidavam no espaço urbano. Estas transfigurações e emergência de elementos novos refletiram n’*O Espelho* e por ele foram reproduzidas. Ainda não era aquela modernidade vivenciada por Lima Barreto, no final do mesmo século e início do XX, mas já prenunciava muito dela.

O significado atribuído à palavra moderno no Dicionário oitocentista de Língua Portuguesa, de Luiz Maria da Silva Pinto, ilustra aquilo que é recente, “novo, de pouco tempo.”<sup>354</sup> Ou aquilo que, em um dicionário vigente, está no gosto atual; o “Que está na moda” e o que é considerado “Evolucionista, progressista”.<sup>355</sup> À expressão “O que está na moda” foi atribuído um valor positivo, significou estar em evidencia. Ser fotografado, por exemplo, segundo *O Espelho*, estava na moda, assim como ir à exposição de fotografias do Sr. Frond. A própria fotografia estava na moda, onde estava subentendido o bom, bonito, civilizador e onde também se mostrava um lugar de interesse social. Além do mais, o fotógrafo Victor Frond era estrangeiro, francês, e muito do que vinha do estrangeiro foi propagado, na época, como “o que de mais novo havia no mundo”.

No entanto, nem tudo o que era novo era indispensável, necessário. Portanto mais uma consideração é preciso ser feita; é sabido que ao atribuir a um objeto o conceito de *moderno*, não é possível considerá-lo, com precisão, belo ou feio, bom ou ruim, necessário ou frívolo. O sentido de belo/feio, bom/ruim foi

---

<sup>354</sup> PINTO, Luiz Maria da Silva. Op. Cit.,

<sup>355</sup> MICHAELIS. Op. Cit., p. 580.



permeado pela subjetivação do sujeito que, no caso d’*O Espelho*, experimentou a modernização. Este moderno problematizado foi ao encontro da modernidade, complexa e ambígua, de Baudelaire. Como explicou a historiadora Mara Rúbia Sant’Anna;

– a experiência da contradição que o moderno traz em si não é indelével, pois processa subjetivações que não apenas transformam as noções do tempo, do mundo e dos sujeitos em separado, mas de todos esses elementos em ação conjunta sobre si mesmo.

[...] Baudelaire enfatiza, portanto, essa ação conjunta permeada pela dimensão das diferenças sociais no gozo do mundo modernizado vivido na Paris do século XIX. [...]

Se a cidade modernizada fascinava em suas transformações espaciais os sujeitos que por ela circulavam também eram convidados a se relacionar consigo mesmos, com outros e com o espaço e o tempo de forma diferenciada.<sup>356</sup>

Neste sentido, foi possível perceber na revista *O Espelho*, através dos textos de seus colaboradores, principalmente daqueles escritos por Machado de Assis, uma tentativa de combater a ideia de um moderno “pronto”, adquirido, que “vestiu” como uma luva a mão brasileira. Foi possível, em alguns momentos, encontrar na revista a problematização de um moderno atrelado ao estrangeiro, principalmente ao europeu. *O*

---

<sup>356</sup> SANT’ANNA. Mara Rúbia. Teoria de Moda: Sociedade, Imagem e consumo. 2ª edição Ver. e atualizada. São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2009. p. 34.

*Espelho* disseminou a ideia de que as transformações, as novidades e inovações que a sociedade estava experimentando, serviam para incitar nos leitores e leitoras da revista novas maneiras de pensar e refletir sobre a sociedade em que estavam inseridos.

Foram os tipos sociais erigidos por este processo modernizador, os que mais apareceram n' *O Espelho*. Existiu uma parte da sociedade, que preocupada em legislar em causa própria, gerou tipos sociais avessos às mudanças modernizantes. *Ginjas* que também apontaram a ambiguidade da experiência de modernização, seja por não aceitar este processo, seja por considerar bom só aquilo que provinha de outras terras e conceber por moderno o que provinha de países estrangeiros, principalmente da Europa. Assim como fez o fazendeiro que derrubou e lançou fogo aos seus cafezais para em seu lugar plantar cerejeiras que havia importado e que dificilmente se adaptariam ao clima tropical.<sup>357</sup> Seja também por transformar tudo ao seu redor em mercadoria. *O Espelho*, portanto, buscou denunciar e combater estes tipos sociais, refletindo a ideia de que era possível sim ser brasileiro e, ao mesmo tempo, civilizado.

Estes tipos sociais representaram os bajuladores que buscaram, através do apadrinhamento, um meio para galgar privilégios, como sinecuras e posições de destaque na sociedade, como postos diplomáticos, alto escalão do funcionalismo público, entre outros. Os colaboradores mais assíduos d' *O Espelho* imprimiram na revista uma aguda preocupação com o cultural e o social, que se materializou, principalmente, através da crítica mordaz á estes tipos sociais e ao governo da época, o grande responsável pela miséria do povo e pela falta de incentivo à arte, principalmente a dramática. Criticaram os costumes e a

---

<sup>357</sup> Ópera Nacional II. *O Espelho*, n.º 7 16/10/1859.

ideologia dominante, principalmente a ideologia puramente materialista, que encarou a arte como entretenimento, passatempo.

### 3.1 Revista Hoffmanniana

Antes de partir para a análise do moderno e os tipos sociais passados em revista *n'O Espelho*, foi preciso refletir sobre a aproximação da revista com um dos pilares da literatura romântica na Alemanha; Ernst Theodor Amadeus Hoffmann, cujas obras inspiraram românticos franceses, ingleses e também brasileiros.<sup>358</sup> O que chamou a atenção foi o número de vezes que Hoffmann foi citado na revista de Eleutério; na edição de número três, na crônica *Os Imortais (lendas) O Caçador de Harz* e na continuação, publicada na edição número quatro, *Os Imortais (lendas) O Marinheiro Batavo*. Textos que foram, inclusive, arrolados por J. Galante de Sousa como sendo de autoria de Machado de Assis, mas com ressalvas. Esta autoria foi colocada em questão por Jean Michel Massa, já que a abreviatura que assinou as crônicas – *M.A* – podia também ter pertencido a Moreira de Azevedo.<sup>359</sup> Nesta dissertação, estas duas crônicas não foram arroladas entre os textos considerados de autoria de Machado de Assis.

Na primeira crônica, publicada em 18 de setembro de 1859, o autor mencionou os contos populares dos imortais e escreveu: “Um apanhado ligeiro de algumas dessas lendas, vai ao leitor

---

<sup>358</sup> VOLOBUEF, Karin. Mesa-Redonda: Pontos de Contato entre o Romantismo Alemão e o Romantismo Brasileiro - E. T. A. Hoffmann e o Romantismo Brasileiro (UNESP/Araraquara, 2002). Disponível em: <http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol6/eta.PDF> Acesso em: 05/12/2015.

<sup>359</sup> SOUSA, José Galante de. Bibliografia de Machado de Assis. Op. Cit., p. 702, (nota II). Jean-Michel Massa fez uma discussão sobre esta autoria. Cf. MASSA, A Juventude de Machado de Assis. Op. Cit., p.210-211.

contemplar diante de si. Começo por uma balada alemã; o povo alemão é o primeiro povo para essas concepções fantásticas, como um livro de seu compatriota Hoffmann.”<sup>360</sup> Na segunda crônica, publicada em 25 de setembro de 1859, o nome Hoffmann foi citado da seguinte maneira: “A lenda de Harz, narrada ligeiramente na primeira página desta revista Hoffmannica [...] lenda das montanhas; revela claramente o caráter do país das brumas, dos nomes, e dos lagos.”<sup>361</sup>

A primeira crônica contou a lenda de um cavaleiro perdido na floresta de Harz, que foi condenado por Deus – por ser viciado em caça e não frequentar a igreja, ou por não oferecer esmola ao irmão – a vagar pelas florestas das montanhas de Harz pela eternidade. Segundo a lenda, todas as noites o povo acreditava ouvir o caçador de Harz, vagando pela floresta em busca de novas vítimas.

Não é talvez mais que um efeito de imaginação esse rumor da montanha produzido pelo sopro de um vento dominante nesta floresta; mas o povo crê, e não convém destruir as fábulas do povo.

Se é um fato, se é a demonstração de uma máxima, não podemos aqui discutir; eis aí a tradição que o engenho popular construiu, e a religião das lendas tem conservado.<sup>362</sup>

---

<sup>360</sup> M.A. Os Imortais (LENDAS). O Caçador de Harz. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

<sup>361</sup> Idem, Os Imortais (LENDAS). O Marinheiro Batavo. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

<sup>362</sup> M.A. Os Imortais (LENDAS). O Caçador de Harz. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

A segunda crônica contou a lenda de um marinheiro batavo que partiu da Holanda, no século XVII, em direção ao Oriente; o Empório da Índia. No entanto, seu barco sofre naufrágio e ele, em cima dos destroços, tenta passar por aquele ponto do mar conhecido por ser perigoso. Segundo a lenda, o marinheiro batavo, mesmo lutando com bravura contra a força das águas, ficou preso naquele ponto do mar, eternamente.

Fala-se mesmo que alguns navegantes têm encontrado nessa altura do mar – um navio fantasma dirigido por um homem [...] caminhando em direção do cabo para atravessá-lo: - mas que um vento agita e sacode ambos para longe do desejado caminho. A física tem mesmo querido explicar esse fato asseverado por testemunhas, com as leis dos reflexos – mas o povo ingênuo e sem fé das verdades, quer ao menos crer na fábula, e pouco apreço dá às demonstrações científicas.

Esta é a grande lenda do mar – que respira largamente um delírio de serão marinho na amurada, alta noite. É o Sísifo moderno, o Sísifo do oceano modelado sobre a ideia robusta e simples da lenda.<sup>363</sup>

Ernst Theodor Amadeus (1776 - 1822), compositor e escritor alemão, foi o nome exponencial da literatura fantástica na transição entre o século XVIII e XIX. Foi um escritor de libretos de ópera, ensaios de críticas musicais, romances, novelas, mas foram os seus contos que lhe deram grande repercussão, lançando-o além das fronteiras alemãs. Fez grande sucesso na França entre 1828 e meados de 1840. Sua literatura fantástica foi

---

<sup>363</sup> Idem, Os Imortais (LENDAS). O Marinheiro Batavo. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

inserida em uma época onde os pensamentos teológicos e a metafísica – herança medieval – estavam sendo rejeitados pelo século das luzes, mas que mesmo assim ainda continuavam povoando a imaginação do público leitor. Foi considerado, o gênero fantástico, uma literatura metade divertida, metade séria, que ao fazer o leitor hesitar entre o mundo real e as esferas do maravilhoso, tinha como objetivo uma atividade imaginativa.<sup>364</sup> Ao refletir sobre estas duas crônicas pôde-se considerá-las, como o próprio autor as considerou, “concepções fantásticas, como um livro de seu patriota Hoffmann.” Por se encaixar em pelo menos duas, das três premissas do fantástico elaborada por Tzvetan Todorov por intermédio de uma abordagem estruturalista:

Primeiro, é preciso que o texto obrigue o leitor a considerar o mundo das personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados. A seguir, esta hesitação pode ser igualmente experimentada por uma personagem; desta forma o papel do leitor é, por assim dizer, confiado a uma personagem e ao mesmo tempo a hesitação encontra-se representada, torna-se um dos temas da obra [...]. Enfim, é importante que o leitor adote uma certa atitude para com o texto: ele

---

<sup>364</sup> BATALHA, Maria Cristina. A importância de E.T.A Hoffmann na cena romântica francesa. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.257-271, dez. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2003000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2003000200008)>. Acesso em: 06 jan. 1859.

recusará tanto a interpretação alegórica quanto a interpretação “poética”.<sup>365</sup>

Ao analisar as crônicas citadas anteriormente, pôde-se creditar a elas pelo menos duas características da literatura fantástica; a hesitação entre uma explicação natural e outra sobrenatural (o crer ou na fábula ou nas explicações científicas) e o personagem que representou esta hesitação, que no caso das crônicas foi um personagem coletivo; “Fala-se mesmo que alguns navegantes têm encontrado nessa altura do mar – um navio fantasma dirigido por um homem, envolvidos ambos nas brumas de uma atmosfera pesada”<sup>366</sup>; “Todas as noites o povo crê ouvir o caçador eterno com toda sua comitiva em busca de vítimas na floresta.”<sup>367</sup>

Além destas crônicas, as fábulas de *Lachambeaudie*, traduzidas e modificadas por Francisco de Paula Brito: como *A Flor e a Nuvem*,<sup>368</sup> *A Locomotiva e o Cavalo*<sup>369</sup> e *O Dogue*<sup>370</sup>, bem como a lenda de *Amor e morte*<sup>371</sup>, de Macedo Junior; *Amor*

---

<sup>365</sup> TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 38-39.

<sup>366</sup> M. A, loc. cit.

<sup>367</sup> Id. Ibid.

<sup>368</sup> *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.

<sup>369</sup> *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

<sup>370</sup> Paula Brito acrescentou um verso em prosa em todas as fábulas que traduziu para *O Espelho*. Cf. *O Espelho*, n.º 9, 23/10/1859.

<sup>371</sup> *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859.

e *Loucura*<sup>372</sup>, de Moreira de Azevedo; *Uma alma remida*<sup>373</sup>, assinado por Ver. De. R; *O judeu errante*<sup>374</sup>, de Ramalho Luz; *Capítulo dos Milagres (contos da meia noite)* e *Capítulo dos Milagres (Contos da meia noite)*<sup>375</sup>, traduzidos por R. de Rezende, possuem elementos e traços narrativos que os aproximaram da literatura, que no século XX se convencionou chamar de fantástica. Elementos como a inconformidade pelos padrões estabelecidos, a utilização e a preferência por elementos noturnos, sobrenaturais, o suspense, os feitos escabrosos, a temática do socialmente inaceitável, a ideia do mirabolante e do exagerado.<sup>376</sup>

O elemento noturno remeteu ao conceito que, segundo Eloá Di Pierro Heise, se reportou a um gênero de composição para piano, de caráter melancólico e sonhador, consagrado por F. Chopin (1810-1849). A origem do termo noturno, segundo a autora, está ligada à pintura da Renascença; quadros caracterizados por efeitos de contrastes entre claros e escuros, os *nocturnae*. Para Di Pierro Heise, nesta modalidade narrativa de Hoffmann:

---

<sup>372</sup> Neste conto percebeu-se, inclusive, a influência da literatura alemã. Os personagens carregam os mesmos nomes que os personagens do poema *Fausto*, de Johann W. Von Goethe; Henrique e Margarida. Durante o conto Moreira de Azevedo citou a obra: “O amor de Henrique era ardente. Rosseau não adorara mais a Madame de Warens, Faust[ Henrique Fausto] a Margarida, Wherther a Carlota.” AZEVEDO, Moreira de. Amor e Loucura. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>373</sup> *O Espelho*, n.º 6, 09/10/1859

<sup>374</sup> *O Espelho*, n.º 10, 06/11/1859

<sup>375</sup> *O Espelho*, n.º 11, 13/11/1859 e n.º 12, 20/11/1859. Contos, que apesar de trazerem o mesmo título, contam histórias diferentes.

<sup>376</sup> VOLOBUEF, Karin. Op. Cit.,



Os personagens, de forma equivalente, debatem-se em meio a realidades opostas, confrontados com acontecimentos insondáveis, que deixam entrever o lado escuro e soturno da existência. Assim, a ordem estabelecida do mundo entra em descompasso. Misturam-se e confundem-se luz e sombra, realidade e sonho, vivenciado e imaginado, razão e loucura.<sup>377</sup>

Neste sentido pôde-se pensar na terceira menção que se fez n' *O Espelho* ao autor alemão Hofmann. O conto epistolar intitulado *Última página de um suicida*<sup>378</sup>, de autoria de Joaquim de Oliveira Catunda (*J. d'Oliveira Catunda*) lembrou, em alguns momentos, as cartas trocadas entre Natanael e Lothar no conto Hoffmanniano; *O Homem da Areia*.<sup>379</sup> No conto de Catunda, Carlos escreve a um amigo (o nome não foi citado na carta) em resposta à pergunta feita por este último, do motivo de Carlos parecer ter uma nuvem de tristeza projetada em seu semblante. Carlos, na tentativa de explicar o motivo da tristeza, conta sobre sua mudança para a corte, com a finalidade de continuar seus estudos. Ao chegar a corte tentou matricular-se na Escola Militar, mas por causa de uma moléstia grave foi impossibilitado de prosseguir com seu intento. Seu pai, que o tinha pressionado para voltar aos estudos, julga Carlos de maneira errônea e o abandona, deixando-o entregue aos seus próprios recursos. A partir deste momento Carlos começa a passar por diversas

---

<sup>377</sup> HEISE, Eloá di Pierro. HOFMANN: O irromper do mal. *Itinerários: Revista de Literatura*, Araraquara, v. 24, p.163-177, nov. 2006, p. 164. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2632/2309>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

<sup>378</sup> *O Espelho*, n.º 13, 27/11/1859.

<sup>379</sup> HOFFMANN, E.T.A. O homem da areia. In: *Contos fantásticos*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. p.113-147.

provações, “O que de feito sofri, tu sabes. [...] bem tristes minhas decepções, bem fundos os abismos em que naufragaram minhas esperanças”.<sup>380</sup>

Carlos, desprezado injustamente por aqueles a quem amava, vivendo no centro de uma grande cidade onde não tinha um semblante conhecido, segregado pelos companheiros devido a sua pobreza extrema, desesperou-se vagando a mercê das tormentas e tangenciando a loucura. Diante de todo este sofrimento fez uma crítica a sociedade de corte; “Se comparava minha situação com a dos outros, eu via homens degredados por natureza, e não por necessidade como eu, sorrindo a sociedade; que os aceitava porque eles tinham dinheiro.”<sup>381</sup> Contudo, Carlos nunca perdera o amor pelos estudos e depois de cinco anos conseguiu o grau de bacharel e um emprego lucrativo. Entretanto, mesmo com as dificuldades desaparecendo e a vida tomando uma calma aparente, as ideias permaneceram em contínuo estado de efervescência, as crenças aluídas pela dúvida nunca mais tomaram consistência.

Em uma passagem do conto, Catunda descreveu Carlos em um assombro de sua loucura; Num dia, do mês de abril, Carlos vestiu-se maquinalmente e saiu sem rumo, quando se deu conta estava no cemitério de São João Batista e foi neste momento que Hoffmann foi citado novamente:

Seguiam-me alguns homens vestidos de luto que conduziam um féretro. Lembras-te daquela passagem sentimental de Hoffmann, quando ao descer a eminência que domina a cidade de Nuremberg, avistou o cemitério em que enterraram Antônia?

---

<sup>380</sup> CATUNDA, Joaquim de Oliveira. Última página de um suicida. *O Espelho*, n.º13, 27/11/1859

<sup>381</sup> Idem. *Ibidem*.

‘parece-me que lá sepultam-se todos os prazeres da vida’ diz o fantástico alemão.<sup>382</sup> Igual foi o sentimento que de mim se apoderou. Á vista daquele sentimento, comprimiu-se-me o coração, senti na alma uma impressão dolorosa, parecia-me também que ia eu sepultar todos os prazeres da vida”.<sup>383</sup>

Carlos, ao se aproximar do caixão, percebeu que “o cadáver que ali jazia era de uma moça de quatorze a quinze anos” de idade. Sentiu um tropel de ideias confusas e sombrias rondando sua cabeça; naquele instante apaixonou-se perdidamente por ela. Carlos então vai para sua casa a fim de se recompor. Mais tarde, ao retornar ao cemitério, percebeu que a estavam enterrando. Com todas as forças de seus pulmões gritou ao coveiro para que abrisse o caixão. Percebendo que era loucura, retornou para sua casa, mas com desespero na alma. Decorrido alguns meses visitando diariamente a tumba da amada, Carlos, decidido que era tempo de unir-se á ela, suicidou-se. Assim como fez Natanael no conto *O Homem da Areia* de Hoffmann, que tomado pela loucura, jogou-se de um penhasco.

Esta divagação se fez importante para esta dissertação por tornar possível o exercício de uma reflexão sobre a leitura que se fez de Hoffmann no Brasil, no século XIX, e neste sentido, pensar os tipos sociais descritos na revista *O Espelho*. Segundo Volubuef, Hoffmann foi lido e ouvido no Brasil como uma voz dissidente, contrária ao *status quo*, tanto social quanto literário da época. Hoffmann teve uma profunda preocupação com o social, que se materializou sob a forma de uma ávida e sarcástica rejeição aos valores burgueses. Satirizou e criticou os costumes

---

<sup>382</sup> Uma alusão a Antônia que é personagem do conto Hoffmanianno; *O Conselheiro Krespel*, de 1819.

<sup>383</sup> CATUNDA, Joaquim de Oliveira. Op. Cit.,

e a ideologia dominante, que valorizava aspectos puramente materialistas e encarava a arte como um entretenimento – aprazente, mas supérfluo.<sup>384</sup>

Ao analisar a revista *O Espelho*, foi possível identificar que em muitos momentos os colaboradores da revista de Eleutério criticaram uma sociedade onde o povo vivia castigado pela miséria e à sombra de uma intensa ignorância, enquanto o estrato social mais abastado, preocupado em manter seus privilégios, rebelava-se a qualquer processo modernizador, principalmente de esclarecimento sobre o meio social e intelectual. Assim como na literatura Hoffmanianna, pôde-se observar n’*O Espelho* uma vazão de ideias e uma preocupação social e cultural, principalmente uma preocupação com o lugar do artista e da arte na sociedade. Sob uma perspectiva provocativa, através dos escritos de Machado de Assis, a revista veio ao encontro da literatura Hoffmanianna ao incitar no público leitor o senso crítico.<sup>385</sup>

A literatura Machadiana escrita n’*O Espelho* não pode ser considerada uma literatura de modalidade fantástica, como a hoffmanianna. E não foi objetivo desta dissertação fazer esta análise. O que interessou para esta discussão foi entender que a ponte de ligação entre o fantástico e a observação minuciosa da vida real autorizou a aproximação entre a obra de Hofmann e os escritos de Machado de Assis, e desse modo, a revista de Eleutério. Talvez a dificuldade maior em aproximar os escritos de Machado aos escritos de Hoffmann esteja no tipo de narrativa utilizada por ambos. Apesar de a narrativa de Machado n’*O Espelho* possuir uma característica combativa, o literato não escreveu contos para a revista, mas sim crônicas. Neste tipo de narrativa a utilização de elementos fantásticos ou sobrenaturais

---

<sup>384</sup> VOLOBUEF, Karin. Op. Cit.,

<sup>385</sup> Idem. Ibidem.

como recursos para falar de certos assuntos proibidos na sociedade é mais impraticável, por exemplo, do que no conto. Mas ainda assim, além de uma narrativa golpeante, os tipos sociais criticados por Machado de Assis possuíram o elemento insólito que foi também tão presente na narrativa de Hoffmann. Ora! Pensemos no parasita social de Machado de Assis; homem que possuiu características de planta, “e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou de nome.”<sup>386</sup> Além disso, Hoffmann explorou o riso mais próximo da ironia e do humor do século XIX,<sup>387</sup> o que também autorizou esta aproximação.

Os parasitas sociais apareceram n’*As Aquarelas*; um conjunto de três crônicas e um artigo, publicados entre 11 de setembro e 23 de outubro de 1859 n’*O Espelho*. Nelas foram explorados assuntos relacionados à literatura, imprensa, religião, política, cargos públicos, entre outros. Um dos primeiros parasitas apresentados ao leitor d’*O Espelho* foi o *parasita da mesa*, “O mais vulgar e o mais conhecido”:

Sabem de uma certa erva que desdenha a terra para enroscar-se, identificar-se com as altas árvores? É a parasita.

Ora, a sociedade que tem mais de uma afinidade com as florestas, não podia deixar de ter em si uma porção, ainda que pequena, da parasita. Pois tem, e tão perfeita, tão igual, que nem mesmo mudou o nome.

---

<sup>386</sup> ASSIS, Machado de. *Aquarelas; O Parasita. O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

<sup>387</sup> VOLOBUEF, Karin. E.T.A. HOFFMANN E JACQUES CALLOT: A FICÇÃO DA IMAGEM. *Alere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL*, Tangará da Serra, v. 4, n. 4, p.53-64, nov. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/124811>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

É uma longa e curiosa família a dos parasitas sociais; e fora difícil assinalar na estreita esfera das aquarelas uma relação sinótica das diferentes variedades do tipo.<sup>388</sup>

Ao entender o parasita homem tão perfeito e tão igual à parasita planta, compreendeu-se o primeiro como alguém que desdenhou a terra para identificar-se com as altas árvores, ou seja, o parasita social não se identificava com a sociedade em que estava inserido. Ele buscou, sem os pés no chão, habituar-se às altas árvores. Estas últimas poderiam estar fazendo referência às sociedades estrangeiras, que pensando no desenvolvimento econômico, social e cultural destas sociedades, poder-se-ia dizer, estavam em um plano mais organizado que a sociedade brasileira da época, que estava ainda em processo de formação. No entanto, ainda que em nível menos desenvolvido – afinal de contas o país estava se construindo – havia uma cultura de cunho nacional e o parasita social, que não estimulava esta cultura original, fazia por atravancar o progresso e o processo modernizador brasileiro.

Outrora, as parasitas, biologicamente, são plantas que se fixam em outras plantas na tentativa de obter substâncias que não conseguem adquirir sozinhas. Algumas destas plantas conseguem fazer a fotossíntese a partir de energia obtida da luz do sol, mas são incapazes de obter água e minerais do solo para realizar este processo. Afinal de contas, elas desdenham a terra. Neste sentido, se aproximam do parasita da mesa de Machado, que com “riso nos lábios, chapéu na mão, o vácuo no estômago”,<sup>389</sup> seguia de casa em casa a procura de um prato de comida. “Olfato delicado advinha a duas léguas de distância a qualidade de um bom prato; paladar suscetível – sabe absorver

---

<sup>388</sup> ASSIS, Machado de. Aquarelas; O Parasita. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859

<sup>389</sup> Idem. *Ibidem*.

com todas as regras da arte – e não educa seu estômago como qualquer aldeão. ”<sup>390</sup> Portanto, pensar a sociedade e suas semelhanças com as florestas, como incitou Machado de Assis no início de sua crônica, era entender a sociedade como um grupo de que uma parte devorava a outra.<sup>391</sup>

Entretanto, como alertou Machado de Assis, o parasita da mesa foi absorvido por outros parasitas de uma importância ainda mais alta. Este “é o parasita do corpo, os outros são os do espírito e da consciência”.<sup>392</sup> Como o parasita da igreja;

[...] toda a Idade Média o viu, transformado em papa vendeu as absolvições, mercadejou as concessões, lavrou as bulas. Mediante o ouro aplanou as dificuldades do matrimônio quando existiam: depois, levantou a abstinência alimentar, quando o crente lhe dava em troca uma bolsa.<sup>393</sup>

Em política, o parasita;

Galga, não sei como, as escadas do poder tomando uma opinião ao grado das circunstâncias, deixando-a ao paladar das situações, como uma verdadeira maromba de arlequim. Entra no parlamento com a frente levantada, votado pela fraude, e escolhido pelo escândalo.

Exíguo de luz intelectual, - toma lá o seu assento, e trata de palpar para apoiar, as

---

<sup>390</sup> Idem. Ibidem.

<sup>391</sup> Idem. Ibidem.

<sup>392</sup> Idem. Ibidem

<sup>393</sup> ASSIS, Machado de. Aquarelas; O Parasita. *O Espelho*, n.º 6, 09/10/1859

maiorias. Não pensa mal! Quem a boa árvore se encosta...

Alguns sobem assim; e todos os povos têm sentido mais ou menos o peso do domínio desses boêmios de ontem.<sup>394</sup>

Existiu também o parasita da economia: “Em economia política é um elemento para estacionar o enriquecimento social; consumidor que não produz, e que faz exatamente a mesma figura que um zangão na república das abelhas”.<sup>395</sup> Dentre todos estes parasitas citados na crônica – *Aquarelas* –, publicada na edição número seis, o mais citado foi o parasita literário. Este último, tendo os mesmos traços do parasita de mesa, talvez tivesse em sua natureza o instrumento para a diferenciação. Neste sentido, pensou-se na parasita planta *erva-de-passarinho*, chamada assim pois suas sementes grudam no bico dos pássaros quando os mesmos se alimentam de seus frutos. Quando os pássaros esfregam seus bicos nas folhas de outras plantas elas se espalham e brotam, dando origem a novas parasitas. O parasita literário também “ramifica[va]-se e enrosca[va]-se ainda por todas as vértebras da sociedade”.<sup>396</sup> No entanto, quando a planta parasita cai ao chão suas sementes não germinam, assim como o parasita literário, que era incapaz de produzir qualquer coisa original.

Não só as plantas se assemelharam aos tipos sociais d’*O Espelho*, alguns animais também possuíam suas ramificações na sociedade. Este foi o caso das *Gralhas Sociais*, crônica publicada em 18 de dezembro de 1859, no número 16 da revista. Assinada com o pseudônimo *Gil*, sua autoria foi ora atribuída a

---

<sup>394</sup> Idem. Ibidem

<sup>395</sup> Idem. Ibidem.

<sup>396</sup> Idem. Ibidem.



Machado de Assis, ora considerada de autoria duvidosa. Raimundo Magalhães Júnior atribuiu a autoria desta crônica à Machado de Assis baseando-se no fato de que o mesmo pseudônimo foi usado pelo literato nos *Comentários da Semana* do Diário do Rio de Janeiro, um ano após *O Espelho* cessar sua circulação. João Roberto Faria considerou *As Galinhas Sociais* como um texto de autoria incerta.<sup>397</sup> No entanto, é grande a possibilidade desta crônica ser de autoria de Machado de Assis se for levado em conta o posicionamento da crônica na edição d'*O Espelho* em que foi publicada; o lugar de honra – a primeira página da revista, o primeiro texto da edição. Machado de Assis teve a maior parte de seus textos abrindo a revista e *As Galinhas Sociais* abriu este número. Outrossim, *As Galinhas Sociais* seguiram a mesma estratégia e artifícios das *Aquarelas*. Tanto os parasitas sociais quanto as galinhas sociais tinham muitas coisas em comum.

Há diferentes espécies de galinha: a galinha política, a galinha literária, a galinha científica são espécies cardeais; todas as mais são raios que partem deste foco central.

As primeiras penas que a galinha política veste é o sufrágio popular; apoiada por uma ata adulterada, faz-se ser objeto de voto público e com os primeiros louros cívicos de um pavão iludido, abre vôo para as poltronas dos respectivos areópagos.

Com esta aurora da vida pública não é de esperar que a galinha política tome outra norma. Enfeitada gradualmente a cada degrau que sobe quando chega o cimo, a

---

<sup>397</sup> FARIA, João Roberto. *Machado de Assis: O Espelho*; organização, introdução e notas: João Roberto Faria. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

gralha política pode ser tudo menos o indivíduo primitivo. É um cadáver com o manto de rei.

[...]

Vivem de glória alheia, como bons inúteis que são; suspendem aos ombros um manto real, com os retalhos apanhados nesta e naquela reputação.<sup>398</sup>

*As Galhas Sociais* tinham na fábula de Esopo – *A Galha e os Pavões* – a sua inspiração; “Todos conhecem a fábula, e o despimento público das penas que o pavão reclamava e a galha tinha tomado. Sobre este fato temos um adágio muito significativo; quem o alheio veste na praça o despe. É a galha em provérbio.”<sup>399</sup> Este tema se fez muito interessante quando da crítica que alguns colaboradores fizeram à predileção pelo estrangeiro. Quando era crido que o que vinha de outros países era mais valioso do que aquilo que nascia em solo nacional. E neste ínterim pôde-se refletir sobre o título da revista *O Espelho*; por mais que os leitores e leitoras ao mirarem-se n’*O Espelho* esperassem refletir ali o semblante e o comportamento de mulheres e homens europeus, não era essa miragem que *O Espelho* mostrava. A galha ainda continuava a galhar, mesmo com as penas de pavão.

Outro viés para se compreender os escritos de Machado de Assis na revista *O Espelho*, do ponto de vista da história dos gêneros literários, é a sátira. Segundo Paulo Astor, a sátira de tradição lucílica (também denominada romana) tem por finalidade a moralização através dos textos. Nela o riso é utilizado de forma a denunciar os vícios da humanidade. Por

---

<sup>398</sup> ASSIS, Machado de. *As Galhas Sociais*. *O Espelho*, n.º 16, 18/12/1859.

<sup>399</sup> Aos leitores. *O Espelho*, n.º 16, 18/12/1859.

meio da sátira nomeia-se o objeto da crítica, a fim de ridicularizá-lo e desta maneira fazer com que o mesmo abandone o comportamento vicioso. Como mostra a citação a seguir:

Em literatura, o termo pode referir-se a qualquer obra que procure a punição ou ridicularização de um objeto através da troça e da crítica direta; ou então, a meros elementos de troça, crítica ou agressão, em obras de qualquer tipo.

A partir desse último significado, ainda bastante amplo, é que a teoria da literatura atribui um sentido mais específico para a sátira, qual seja o de representação estética e crítica daquilo que se considera errado (contrário a norma vigente). Isso implicaria, na obra, a intenção de atingir determinados objetivos sociais.<sup>400</sup>

Isso foi justamente o que Machado de Assis fez n’*O Espelho* e o simples fato de o mesmo dizer que não o fez – “Não é isto uma sátira em prosa” – torna-se uma boa indicação para entender seu universo de referência. Passemos, desta maneira, a análise dos grandes temas abordados pela revista de Eleutério de Sousa.

### 3.3. O moderno em literatura

Foram publicados n’*O Espelho* diversos gêneros literários, como poesias, crônicas, contos, romances originais e traduzidos, fábulas, lendas. Foi possível perceber na revista um projeto que objetivou impulsionar a literatura, principalmente a nacional. Consequência deste projeto foi uma crítica que se fez

---

<sup>400</sup> SOETHE, Paulo Astor. SOBRE A SÁTIRA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA LITERÁRIA ALEMÃ NA DÉCADA DE 60. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 2, n. 7, p.07-27, Jan. – Jun. 1998.

ao governo e à situação em que estava a literatura em um Brasil, considerado, “infantil”: “As empresas literárias neste país infantil são ordinariamente de pouca duração: ainda não está bem definido o gosto pela leitura”.<sup>401</sup>

E esta falta de gosto pela leitura não foi motivada, segundo a revista, pela falta de talento literário:

O Brasil – com todas as harmonias de sua natureza virgem, com todas as aspirações de seu céu anilado, recamado de estrelas cintilantes, com suas matas cheias de reminiscências e orvalhadas ainda com as lágrimas de seus verdadeiros filhos, tem dado já alguns poetas, dignos filhos de tão amena terra. No seu berço de flores tem pousado já alguns cantores meigos e doces como as suas harmonias cadentes, como o canto dos sabiás de suas selvas, harmoniosos como a natureza que os rodeia em um riso de amores.

[...] A fecundidade do talento no Brasil é reconhecida.<sup>402</sup>

Os literatos, deste modo, foram tratados como “líderes da falange do progresso”.<sup>403</sup> Constantemente tanto eles – estes talentos literários brasileiros – quanto suas obras, foram apresentados na revista. Casimiro de Abreu e sua obra *Primaveras*, por exemplo, foram, mais de uma vez, citados e recomendados pelo *Espelho*;

---

<sup>401</sup> Aos Leitores. *O Espelho*, n.º 13, 27/11/1859.

<sup>402</sup> Notícias á mão (Crônica da Semana.). *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.

<sup>403</sup> Idem. *Ibidem*.

Lidadores da falange do progresso, << *nos combates de ideias com gládios de luz* >> apresentam-se para receber os louros que a opinião pública há de ornar-lhes a frente, em uma mão a palma da glória, na outra a palma dos amores. E o amor e a glória são o seu futuro e eles fazem palpitar-lhes o coração, ardente de seiva e belezas de poesia.

Estas reflexões ocorrem-nos ao folhear o volume do nosso poeta o Sr. Casimiro de Abreu. O que fazemos não é mais do que uma simples notícia, que concluiremos com as palavras do Sr. Alexandre Castilho: Deus o fadou poeta e brilhantíssima lhe esculpiu na frente a estrela do gênio.

O futuro é da inteligência.

Esperamos com fé no talentoso poeta, um dos nossos ornamentos no porvir. Que a desesperança não venha com as suas asas negras toldar um horizonte tão lindo.<sup>404</sup>

Como foi possível observar, os literatos e a brilhante mocidade brasileiros foram tratados n’*O Espelho* como verdadeiros lutadores nacionais. Heróis que, com a caneta e o papel na mão, combateram a indiferença, desenvolvendo, desta maneira, a inteligência. Único meio, segundo a revista, de tornar risonho o futuro do país. A passagem “em uma mão a palma da glória, na outra a palma dos amores”, em muito lembrou “a taça dourada do amor e ventura” que tanto quis provar Machado de Assis.<sup>405</sup> Mesmo que bem pura, o literato, com vinte anos de idade, não a tinha ainda experimentado.

---

<sup>404</sup> Notícias á mão. *O Espelho*, n.º1, 01/09/1859.

<sup>405</sup> Vide nota 303.

Com a intenção de impulsionar a literatura e também de tornar possível um futuro de amor e glória para os literatos nacionais, foi publicada na revista uma rubrica intitulada *Boletim Bibliográfico*. Apareceu apenas três vezes, nas edições de número três, quatro e 15, todas sem menção de autor. No primeiro e no terceiro boletim citou duas obras de um dos colaboradores da revista; *Bruno Seabra*. Num primeiro momento os apresentou, sem muitas delongas: “Acaba de ser publicado [...] um folheto sob o título *Tipos Burlescos*. O seu autor, o Sr. Bruno Seabra [...]. Pela leitura que deles fizemos vimos que [...] tem vocação para o estilo faceto.”<sup>406</sup> No terceiro boletim, através de um texto mais instigante, o autor citou a obra; *As cinzas de um livro*.

Publicou-se um livrinho, ou antes um folheto sobre este título, produção em verso do Sr. Bruno Seabra.

A história aí contada e segundo informações que tenho é exata, pelo que toca a justificação do título. O poeta tinha um livro, e um dia queimou-o. O que levou a esse auto de fé? Não sei. *Tinha frio*, disse o poeta, *e eu queria aquecer-me*.<sup>407</sup>

No boletim, o autor seguiu tentando chegar a uma conclusão se o poema de Seabra era um pretexto ou uma verdade. A conclusão que o boletimista chegou foi inesperada, a ponto de incitar no leitor a dúvida da ironia.

*As cinzas de um livro* são uma fantasia, um panfleto, mais nada. Não apreciarei o livrinho como obra literária; o poeta se mostra tão doente d'alma que a crítica

---

<sup>406</sup> Boletim Bibliográfico. *O Espelho*, n° 3, 18/09/1859.

<sup>407</sup> Idem. *O Espelho*. n° 15, 11/12/1859.

emudece, e vai estudar a enfermidade moral de um espírito de vinte anos.

Não comungo com as invectivas deitadas à sociedade nesses ligeiros versos. Mereceu-as ela? Eis o ponto negro.<sup>408</sup>

Levando em consideração a situação da maior parte dos homens de letras, principalmente os ainda desconhecidos, como, a princípio, foi o caso de Bruno Seabra, não poder-se-ia dizer que os mesmos usufruíram de uma situação privilegiada. Muitos deles passaram grandes dificuldades, inclusive financeira. Morrendo, muitas vezes, soterrados na miséria. No entanto, o autor do boletim bibliográfico caracterizou Seabra como um daqueles poetas que viviam nas sombras, rolados pelas últimas camadas sociais. Poetas que foram ultrajados e por isso secos de felicidade. Para eles existiam poucas escolhas; Ou morriam mártires da noite, ou riam de Deus. Bruno Seabra, segundo o boletínista, escolheu o riso: “Queimou primeiro o livro, e chorou por ele: *Meu pobre livro!...mas eu tinha frio! Tinha gelo nas medulas dos ossos.*”<sup>409</sup> Depois riu, riu demais... O boletínista concluiu o texto com uma pergunta: “É doloroso escrever estas frases extravagantes e repassadas de uma descrença cínica, mas como lhe inspiraram estes versos?”<sup>410</sup>

A discussão sobre esta obra não apareceu mais nos outros números. No entanto, foi possível inquirir sobre as inspirações que causaram estes versos em Machado de Assis. No *Diário de Rio de Janeiro*, publicado no dia 30 de junho de 1862, Machado fez uma crítica à obra de Bruno Seabra. Na verdade, ele fez uma crítica ao livro, intitulado *Flores e Frutos*, que é uma compilação

---

<sup>408</sup> Idem. Ibidem.

<sup>409</sup> Idem. Ibidem.

<sup>410</sup> Boletim Bibliográfico. *O Espelho*. n.º 15, 11/12/1859.

de vários poemas de Seabra e entre eles está *As cinzas de um livro*. O poema pareceu não ter agradado muito a Machado de Assis:

As Cinzas de um livro, com que o poeta pôs fecho ao livro, revela as qualidades de forma de todos os versos, mas não me merece a menção das páginas antecedentes: Cinzas de um livro é o contraste de Aninhas; Aninhas me agradam mais, pelo sentimento que inspiram e pelas impressões que deixam no espírito de quem as lê.<sup>411</sup>

Uma obra que pareceu ter agradado mais aos críticos literários d'*O Espelho* foi o livro de poesias *Harmonias Brasileiras*, escrito pelo poeta Antônio Joaquim de Macedo Soares. Sobre a obra, escreveu o autor: “uma poesia de belas composições de nossos poetas brasileiros, mas tudo puramente nacional”.<sup>412</sup> Ser puramente nacional era importante para os colaboradores da revista. Aquilo que demonstrou grande influência de estrangeirismos foi reprovado. Como foi a literatura dramática intitulada *Miguel Torneiro*, que para a crítica da revista era “uma imitação do francês, escrita pelo senhor José Romano. Não era preciso a explicação; alguns galicismos de vocábulo e de frase indicam à primeira vista que ali não há originalidade”.<sup>413</sup>

Outro romance nacional, recomendado pelo *Espelho*, foi *A filha da vizinha*, de José Fernandes dos Reis. Neste mesmo texto, o crítico, que não assinou, escreveu sobre a situação do romance nacional; “A falta de romances originais brasileiros é

---

<sup>411</sup> ASSIS, Machado de. *Diário de Rio de Janeiro*, nº 178, 30/06/1862.

<sup>412</sup> Boletim Bibliográfico. *O Espelho*, n.º 4, 18/09/1859.

<sup>413</sup> ASSIS, Machado de. *Revista de Teatros. O Espelho*, n.º 13, 27/11/1859.



geralmente reconhecida, e assim cumprimos um dever aplaudindo todo o escritor que se propõe com a arte a desenvolver tantas cenas curiosas que em família passam entre nós despercebidas.”<sup>414</sup> Estas cenas passaram despercebidas, pois grande parte dos impressos, bem como os teatros da corte, estavam abarrotados de traduções da literatura estrangeira, principalmente a francesa. Alexandre Dumas, bem como Eugène Sue, foram os autores que mais tiveram obras traduzidas para o português. Neste sentido, o parasita da mesa, descrito por Machado de Assis, pode também fazer referência ao papel do tradutor na sociedade da época. Sempre em busca do prato pronto, não era capaz de produzir nada original. Andava de casa em casa em busca de um bom prato de comida, que o olfato aguçado descobria “a duas léguas de distância”. Sabia identificar a qualidade de uma boa refeição, pois, segundo Machado, não tinha outro cuidado na vida a não ser este. Talvez o bom prato pronto que o parasita da mesa, com facilidade, encontrava, seria nada menos que os romances estrangeiros que traduzidos eram garantia de sucesso entre os leitores da época.

É sabido que Machado de Assis traduziu diversos textos estrangeiros. É sabido também que foi publicado n’*O Espelho* a tradução de um romance francês, de Alexandre Dumas; *O Testamento do Sr. Chauvelin*. E que foram feitas diversas menções á escritores e personagens estrangeiros, como *André Chénier*, *Audrea del Sarto*, *Camões*, *Dante Alighieri* e sua *Beatriz*, *Daguerre Eugène Pelletan*, *E.T.A Hoffmann*, *Georges Frederic Cuvier*, *George-Louis Leclerc*, *Louis Daguerre*, *Michel de Montaigne*, *Molière*, *Théodore Barrière*, *Rosseau*, *Torquato Tasso*, *Van-Deck*, *Vitor Hugo* entre tantos outros.<sup>415</sup>

---

<sup>414</sup> A Filha da Vizinha. *O Espelho*, n.º 15, 11/12/1859.

<sup>415</sup> Marisa Deaecto Midori, em sua obra *O Império dos Livros*, discorreu sobre o mar de citações que podemos encontrar nos periódicos dos séculos XIX e XX. Estas citações apareciam em forma de epígrafes, notas, traduções, comparações, comentários e críticas que concorriam para certa

Contudo, houve em maior número um apelo à e para a literatura nacional. Ou, poder-se-ia dizer, uma tentativa de demarcar as especificidades da literatura nacional, com temas/assuntos e autores brasileiros.

O fato de o primeiro *romance-folhetim* publicado n’*O Espelho* ter sido um romance nacional – *Amor de mãe* (*Romance original por M. de Azevedo*) – reforçou este argumento, sobretudo quando analisada uma das *Aquarelas* escritas por Machado de Assis, intitulada *O Folhetinista*:

Em geral o folhetinista aqui é todo parisiense: torce-se a um estilo estranho, e esquece-se nas suas divagações sobre o *boulevard* e *Café Tortoni* [um dos cafés mais famosos da Paris do século XIX], de que estão sobre *mac-adam* lamacento e com uma grossa tenda lírica no meio do deserto.

Alguns vão até Paris estudar a parte fisiológica dos colegas de lá: é inútil dizer que degeneram no físico como no moral.

---

cosmopolitização do meio intelectual. No entanto, a autora cita Brito Broca, que viu nestas inúmeras citações uma forma de afetação da juventude acadêmica. O que corroborava para o disfarce da pouca frequência de leitura dos alunos. “Por hábito [vão] à casa do livreiro [...] pega-se em um volume, abre-se a primeira página, lê-se o título de uma obra, vê-se como o autor concluiu, decora-se o vocábulo final, deixa-se o livro sobre o mostrador, acende-se um charuto e volta-se para a república. Na hora da refeição diz-se aos colegas: Li muito hoje! Isto que sempre acontece, é o que exatamente prejudica alguns estudiosos. São estes os homens de letras que primeiro condenam as publicações de seus colegas. (Cf. DEAECTO. Apud Brito Broca, “O que Liam os Românticos?”) Cf. DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros*. Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011, p. 132.

Força é dizê-lo: a cor nacional, em raríssimas exceções tem tomado o folhetinista entre nós. Escrever folhetim e ficar brasileiro é na verdade difícil.

Entretanto como todas as dificuldades se aplanam, ele podia bem tomar mais cor local, mais feição americana. Faria assim menos mal á independência do espírito nacional, tão preso a essas imitações, a esses arremedos, a esse suicido de originalidade e iniciativa.<sup>416</sup>

O folhetim, e principalmente o folhetinista, aos olhos de Machado de Assis, faltou com os traços nacionais. Pecou por ajudar no entrave da independência do espírito nacional que até então esteve tão preso às imitações estrangeiras que, por consequência, levou ao suicídio a originalidade e a iniciativa brasileira. O folhetinista no Brasil, segundo o literato, foi mais parisiense que brasileiro. Vestiu a aparência e os trejeitos do folhetinista francês, esquecendo-se de sua cor local e feição americana. Levando em conta que em meados do século os romances franceses predominaram nos anúncios das livrarias cariocas e imperaram nos rodapés da maior parte dos jornais e revistas, além de ganharem também adaptações no teatro.<sup>417</sup> Sendo também que este gênero literário e de escritor foi a expressão europeia do moderno da época. Conjecturou-se a hipótese de que não foi uma escolha aleatória o fato de o primeiro *romance-folhetim* publicado n’*O Espelho* ter sido um romance nacional. De certa maneira, esta escolha representou o

---

<sup>416</sup> ASSIS, Machado de. O Folhetinista. *O Espelho*, n.º 9, 30/10/1859.

<sup>417</sup> MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. *De romance imoral a obra-prima: trajetórias de Madame Bovary*. 2012. 346 f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

esforço de seus redatores chefes e proprietário em valorizar a produção literária nacional em processo de formação e afirmação.

### 3.3.1 O fanqueiro literário

Como argumentado anteriormente, um dos pontos utilizados nesta dissertação para se entender o moderno disseminado pelo *Espelho*, foi refletir sobre os dilemas experimentados pelos sujeitos na ambiguidade do processo modernizador. E neste ínterim fazer uma reflexão sobre os tipos sociais engendrados pelo mesmo. Ao refletir sobre uma das críticas que se fez na revista, sobre o lugar do artista e da arte em uma sociedade pautada em valores materiais, Machado de Assis deu vida, a partir de seus escritos e em seu “falar seco de prosador novato”, ao personagem que chamou de *fanqueiro literário*.

A começar pelo vocábulo; fanqueiro – que significa comerciante de lençarias,<sup>418</sup> ou aquele que faz obras de fancaria, ou seja, de qualidade inferior, sem autenticidade. O fanqueiro literário de Machado de Assis era o indivíduo que vendia sua literatura de pouca qualidade, transformando-a em mercadoria. Foi, nas palavras do literato, o “adelo ambulante da inteligência, que ia *farto como um ovo*, de feira em feira, trocar pela azinhavrada moeda o frutinho enfezado de suas lucubrações literárias”.<sup>419</sup> Instruir e moralizar, através de seus escritos, ilustrando os sujeitos, na tentativa de fazer com que os mesmos criticassem e refletissem sobre o processo modernizador que estavam experimentando, não era objetivo do fanqueiro literário. O lucro era o seu interesse principal.

---

<sup>418</sup> PINTO, Luiz Maria da Silva. *Op. Cit.*,

<sup>419</sup> ASSIS, Machado de. Os fanqueiros literários. *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859

Para vender sua literatura, de qualidade inferior, o fanqueiro utilizava da bajulação. Era preciso adular suas vítimas para encher sua algibeira; “O entusiasmo da ode mede-o ele pelas probabilidades econômicas do elogiado. Os banqueiros são então os arquétipos da virtude sobre a terra; tese difícil de provar”.<sup>420</sup> Além desta estratégia, usava de extrema cortesia para conseguir o que almejava – “não há homem de cabeça mais móbil, e espinha dorsal mais flexível” – que o fanqueiro literário e sempre lhe caía um freguês nestas cortesias. O fanqueiro literário, portanto, foi descrito por Machado de Assis como “uma individualidade social” que marcou “uma das aberrações do tempo moderno”.<sup>421</sup>

No entanto, fatalidade! Uma parte da sociedade aceitou e sorriu para esta calamidade literária. Ora! Ninguém se negaria a um homem bem vestido, polido, com o discurso na ponta dos lábios. O termômetro das alterações financeiras de um fanqueiro estava na elegância da roupa que usava. Era um “dândi apavoneado”. Este dândi, figura tão característica da sociedade moderna e que marcou o advento da modernidade baudelariana nos leva a seguir para o próximo tópico. Mas antes uma ressalva; Ao que parece, estes fanqueiros da literatura brasileira de que falou Machado de Assis não estão entre os panteonizados pelas instâncias de consagração e suas obras não foram canonizadas pela crítica literária, quicá foram antologizados. Talvez porque os mesmos, como tentou classificar Machado de Assis, não eram dignos do nome de poetas.

### 3.4. O moderno na moda

Foi possível perceber n’*O Espelho* algumas características herdadas dos jornais de moda franceses do século XVIII - que

---

<sup>420</sup> Idem. Ibidem.

<sup>421</sup> Idem. Ibidem.

adquiriram práticas legadas por autores galantes, *satíricos* e literários. Segundo Daniel Roche, o gênero compreendeu jornais mais literários, destinados a um público amplo, porém mais focado na mulher. Diferenciou-se pelas diversas maneiras de fornecer informações sobre a roupa e a melhor forma de usá-las, a melhor maneira de comportar-se diante das situações e até mesmo de pensar. Neste sentido foi possível refletir sobre a incorporação do assunto moda nos impressos do Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX, que apareceu como o símbolo do moderno, do novo e civilizado. Portanto, o assunto moda passou a ser abordado através de discursos que tinham como objetivo explicar a importância deste fenômeno bem como mostrar a forma “correta” de fazer uso das *toilettes*, casacas e acessórios da moda. “A moda transforma[va]-se num objeto a ser registrado, analisado e discutido”.<sup>422</sup> Desta maneira, o espaço reservado a moda contribuiu também para o êxito das diretrizes que guiavam estes periódicos; de *divertir*, agradar, mas também *instruir* e estimular a reflexão; civilizar.

A origem da moda e do moderno esteve estritamente ligada ao processo modernizador da cidade do Rio de Janeiro do século XIX. O assunto moda passou a ser abordado na imprensa brasileira concomitantemente às discussões sobre o início das transformações modernizantes que a cidade e seus habitantes experimentavam. O primeiro jornal dedicado à moda que surgiu no Rio de Janeiro foi *O Espelho Diamantino*, que começou a circular em 1827. Foi nesta mesma época e neste mesmo jornal que despontou *O Ginja*, o conto e a representação da personagem também tão intrínseca ao processo modernizador. No entanto, foi na década de 1850 o momento em que apareceu na cidade do Rio de Janeiro o maior número de periódicos

---

<sup>422</sup>RAINHO. Maria do Carmo Teixeira. *Op. Cit.*, 2002.p. 67.

dedicados à moda, ou mesmo que tinham um espaço dedicado ao tema.<sup>423</sup>

Este foi o caso em que se enquadrou *O Espelho*, uma revista que concedeu grande espaço ao assunto moda. A descrição de roupas, tanto as femininas quanto as masculinas, refletiram também n’*O Espelho* as mudanças de sensibilidade e de comportamento que acompanhou as transformações modernizantes. Na revista, o assunto foi considerado importante às mulheres – seguindo a lógica patriarcal brasileira – mas também, em alguns momentos, o cronista referiu-se aos homens;

Quanto aos leitores, se quiserem também saber o que há de novo, vão visitar o Blachon e o Curvello. Mas, ah!... esperem... não fiquem de todo descontentes. O que de novo há é a calça balão ou a calça a machambomba, como dizem os petalógicos.<sup>424</sup>

A descrição dos figurinos, principalmente o feminino, era minuciosa e acompanhada de conselhos que indicavam a melhor ocasião em que as roupas poderiam ser usadas; “Os vestidos de seda, mais próprios para visitas de cerimoniais”; “os *toilettes* mais usados nos passeios campestres e mais próprios para a estação calma”;<sup>425</sup> “Para a visita tudo deve ser bonito. Pois as principais conquistas colhem-se nas visitas. São, portanto, esses *toilettes* muito lindos. São simples, porém tem a cor da alegria e da vida.”<sup>426</sup> Esta prática da imprensa de

---

<sup>423</sup> Idem, p. 77.

<sup>424</sup> MACEDO Jr., José Joaquim Cândido. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>425</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

<sup>426</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859.

descrever figurinos acompanhados de conselhos de uso, como apontou Rosane Feijão, foi um procedimento coerente quando fez referência a um grupo que sedento de modelos de prestígio, estava ainda inseguro de suas escolhas estéticas. Existiu ainda na época uma dependência ou mesmo a necessidade de um aval de um personagem credenciado, no caso o parisiense e a parisiense, para avaliar se as escolhas pelas vestimentas brasileiras haviam ou não sido de bom gosto.<sup>427</sup> Os brasileiros tendiam a se ver como atrasados.<sup>428</sup>

O tema moda apareceu em mais de uma rubrica n' *O Espelho*, mas foi a intitulada *Crônica Elegante* que configurou o espaço dedicado ao assunto. Nestas crônicas, o observador dos costumes registrou aquilo que ao mesmo tempo viu e ouviu nas ruas da cidade, mas sobretudo, o que de novo era trazido pelo pacote inglês. “Devemos esperar pela chegada do pacote inglês”, escreveu o cronista e responsável pelas crônicas elegantes; Joaquim Cândido de Macedo Júnior, o Macedinho. Mas houve momentos em que o pacote não apareceu e então, para não faltar a um dos fins que a revista havia se proposto, Macedinho escreveu: “não há outro remédio senão irmos até a Rua do Ouvidor, que sem mais nem menos é a Rua Rivoli de Paris.”<sup>429</sup>

Além da menção às ruas, bem como às lojas de Paris, a mulher parisiense também ganhou espaço nas crônicas;

---

<sup>427</sup> FEIJÓ, Rosane. *Moda e Modernidade na Belle époque carioca*. São Paulo: Estação das Letras, 2011.

<sup>428</sup> NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>429</sup> MACEDO Jr., José Joaquim Cândido. *Crônica Elegante. O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.



Em Paris a mulher tem suas glórias como as tem o homem: este pelas armas, pelas letras, pelas artes consegue elevar-se até a altura de um semideus; aquela pelas graças (e quantas também pelas letras e pelas artes?) elevam-se a altura das antigas sacerdotisas ou das sibilas dos tempos profanos.<sup>430</sup>

Todavia, os olhos negros das “nossas moreninhas”, ou seja, as brasileiras, não foram esquecidos, mesmo que aparecendo em menor medida. Sendo assim, escreveu Macedinho; “vê a leitora que as brasileiras vão invadindo também o domínio do belo, até então exercido exclusivamente pelas francesas”.<sup>431</sup> As crônicas elegantes, sem sombra de dúvidas, configuraram a parte mais afrancesada da revista. O próprio cronista se justificou pela preferência; “Em Paris, como de costume, acima da política e até acima da literatura está a moda”.<sup>432</sup>

Quando o pacote inglês enfim chegava, todos comemoravam. Afinal de contas a travessia que se fazia era deveras perigosa, pois, à pena de Macedo, a moda era uma deusa caprichosa e terrível. Em tom galhofeiro, se dizia admirado que o pacote tivesse chegado são e salvo, tamanha feitiçaria possuía tal deusa. Quem sabe – se perguntou – os marinheiros com a moda poderiam virar lordes e dândis? A moda, para o cronista, era, “sem dúvida”, mais inebriante que o rum da Jamaica que os marinheiros tomavam em terra. Mas com os brilhos nos olhos, os sorrisos nas faces, eis que chegaram os marinheiros e o figurino, que era o mais importante.

---

<sup>430</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

<sup>431</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

<sup>432</sup> MACEDO Jr., José Joaquim Cândido. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859.

Os figurinos traziam junto a eles a esperança de agradar às leitoras. “Foi, pois a moda, foi a elegância que o pacote trouxe consigo, foi, portanto o pomo de *Páris* que foi transportado de Paris ao Rio de Janeiro”.<sup>433</sup> Os figurinos corresponderam “[a]o que de mais moderno se usava” em Paris. Todavia, em uma das crônicas, Macedo avisou as leitoras que seu correspondente da Europa fez uma ressalva: “os figurinos eram da última moda, e eram usados em Paris desde o ano passado”.<sup>434</sup> Esta informação não causou muita preocupação, segundo o cronista; “São da moda? São ainda do último gosto? Então venham, as belas leitoras apreciem-nos, se ainda não os viram. ”<sup>435</sup>

A moda, segundo Macedinho, também possuiu sua literatura e sua ciência. E deveria ser uma literatura bem elegante e sentida. Machado de Assis a concebeu enquanto arte, ao escrever, em suas revistas teatrais, sobre um dos símbolos da moda da época; o leque. “É uma bela invenção o leque! É uma qualidade demais que a arte consagrou a mulher. [...] é uma arte o estudo de abrir e fechar este semi-círculo dos salões e dos teatros. ”<sup>436</sup>

As flores deram também a moda um teor artístico. Era uma arte – bem como uma aplicação da arte – a ser estudada, a utilização de flores nas *toilettes* femininas. No entanto, o cronista elegante advertiu; “Não quero dizer com isto que coloquem sobre a cabeça e no vestido um jardim completo, isso

---

<sup>433</sup> Idem. Ibidem.

<sup>434</sup> MACEDO Jr., José Joaquim Cândido. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 2, 11/09/1859.

<sup>435</sup> Idem. Ibidem.

<sup>436</sup> ASSIS, Machado de. Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

não. Para tudo há meias medidas.”<sup>437</sup> Outra observação feita por Macedinho, fez referência a diferença climática entre os países;

O inverno em Paris corresponde quase ao verão no Rio: usa-se aqui de fazendas de lã quando lá deve-se começar a usar as cassas e fazendas mais ligeiras. Queria, pois que lhe mandasse a descrição desses *toilettes*? Quanto seria ridículo ver uma patrícia sua, com um tempo desses, trajar um vestido afogado, e ainda por cima dos ombros trazer um chalé de lã!<sup>438</sup>

Portanto, existiu uma preocupação por parte do cronista de informar que nem tudo o que vinha do estrangeiro, precisamente de Paris, era algo possível de ser usado no Brasil.

As crônicas elegantes funcionaram também como uma espécie de publicidade. Nelas foi possível encontrar nomes de lojas e modistas da época. “Não é só em Paris que se pode encontrar *toilettes*, pode-se dirigir até a loja de Mme. Elisa Hagé que encontrará”.<sup>439</sup> Ao falar sobre os chapéus que eram última moda em Paris; “Vimos alguns desses chapéus em casa de Mme. Hortense Lacarriere, e aconselhamos às belas leitoras que não deixem também de ir lá admirá-los”.<sup>440</sup> No mesmo número, indicou outro produto, que poderia ser encontrado também na mesma casa; “eu convido a leitora para ir ver também em casa de Mme. Hortense: são os chalés de fantasia listados,

---

<sup>437</sup> MACEDO Jr., José Joaquim Cândido. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 8, 23/10/1859.

<sup>438</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 11, 13/11/1859.

<sup>439</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859.

<sup>440</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 5, 02/10/1859.

denominados parisienses, de barege e acetinados”.<sup>441</sup> A loja de Mme. Hortense foi uma das mais citadas;

O que avisto e onde quero entrar é na loja de modas de Mme. Hortense Lacarriere, brilhantemente iluminada e mais brilhantemente adornada com as belezas da moda. Tudo o que de moderno existe apresenta-se ali a nossos olhos que não se fartam de ver tanta coisa bonita.<sup>442</sup>

Estas menções às lojas de moda da cidade poderiam ser uma estratégia para ajudar financeiramente na permanência da revista. Já que n’*O Espelho* não foi encontrado nenhum tipo de anúncio, como na Marmota, por exemplo, que cobrava das casas comerciais que quisessem ser anunciadas no jornal, 100 réis por linha.<sup>443</sup>

### 3.4.1 O *dândi*

O tipo social que coexistiu com a moda foi o *dândi*; o homem peralta, vestido elegantemente, o janota, aquele que estava na moda. O *dândi* – como pôde ser observado na descrição do fanqueiro literário por Machado de Assis – ganhou uma conotação que beirou o desagradável, a ridicularização. Para Machado, o fanqueiro literário era um *dândi* pavoneado. O que deu uma conotação de frivolidade e futilidade, tal como o pavão que quando está sendo observado empertiga o corpo, empluma as penas e começa a pavonear, ou seja, andar em pose de desfile. Entretanto, o *dândi* tornou-se – amparado em avanços

---

<sup>441</sup> Idem. Ibidem.

<sup>442</sup> Idem. Ibidem.

<sup>443</sup> SIMIONATO, Siani Juliana. Op. Cit.,

tecnológicos, científico, industrial, político e cultural – o homem onipotente, que tudo podia. Mas que ao mesmo tempo sofreu com o processo modernizador e nutriu uma consciente recusa à sociedade burguesa, que se intensificou no *fin-de-siècle*, com intelectuais como Baudelaire, Huysmans e Oscar Wilde.

O conceito de dândi não é tão preciso e possível de referenciar na íntegra. Todavia, algumas características deste tipo social são consideradas. Baudelaire descreveu o dândi como o “herói da vida moderna”, cuja característica era o contingente, o fugidio, o transitório, a instantaneidade. Daí a sua figura ser reconhecida na multidão: pela indumentária, pelos modos e pelos costumes.<sup>444</sup> Neste ínterim, esteve também o que escreveu Macedinho sobre o dandismo, que ao mesmo tempo em que denotou reflexão interior (através da filosofia de Montaigne), bem como a preocupação com a aparência, denotou também vulgaridade, ociosidade:

Li não sei onde, que Montaigne, o filósofo [Michel de] Montaigne, dignava-se às vezes escrever alguns artigos de moda; não é, pois, de admirar que eu, que sempre tive queda para *dandismo* e que não sou filósofo, me ocupe também dela. Há nisto muita conveniência, muita utilidade: a conveniência toca-me por casa, e da utilidade participam as *belas leitoras*.

Quem sabe agora, sem dúvida, que conveniências posso eu tirar de semelhante assunto; pois não ficarão ignorando.

*Todas as semanas, pelo menos uma vez, visto-me de ponto em branco, luneta no olho, bengalinha na mão, bigode torcido, e*

---

<sup>444</sup> BAUDELAIRE, Charles. Op. Cit.,

*lá sigo caminho da Rua do Ouvidor.* Entro numa e outra casa, vejo muita modista bonitinha e aproveitando-me do caráter oficial, cujas regalias dá-me a redação da crônica elegante. Converso com elas, melhor talvez do que estou agora conversando com a bela leitora.

Já veem que isto não é pouco: conversar com uma modista da rua do Ouvidor é felicidade que não cabe a todos. Decididamente não me demito do cargo que exerço nesta revista<sup>445</sup>

Este tipo social esteve totalmente atrelado à moda e à sociedade de corte em transformação. Sua presença foi frequente nos salões, cafés e bailes. Para Macedo, o dandismo fazia parte da aristocracia e do *fashionable* que se reuniu, por exemplo, no Hotel *Feres Proveceaux*, o primeiro do Rio de Janeiro;

É ai que se reúne todo o mundo *fashionable*; todo o *dandysmo*, toda a aristocracia: os deputados e senadores (alguns lá já tenho visto), é ai que gostam de prostrar e de fumar o seu charutinho comprado no Neves; o estudante, o pretensioso farçola é também ai que prefere comer no princípio do mês, para na ocasião de fazer-se pagar, sacudir do bolso um maço de bilhetes de dois ou cinco mil réis, com que julga poder atrair pelo menos um dos olhares da interessante brasileira, com quem é casado o proprietário daquele hotel.<sup>446</sup>

---

<sup>445</sup> MACEDO Jr., José Joaquim Cândido. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 3, 18/09/1859. [grifo nosso]

<sup>446</sup> Idem. Crônica Elegante. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

Este mesmo *dândi* foi também frequentador do teatro lírico, que era, por excelência, aristocrático. Foi também neste lugar aonde o madamismo da época ostentou sua seda nos camarotes. Segundo Macedinho, muitos iam ao teatro sem entender e nem se importar com os espetáculos, “é que os admiradores da arte naquele teatro são muito poucos”. Eram, deste modo, figurinhas caricatas que causavam riso, quando, sem entender bulhufas de teatro lírico, repimpavam-se nos camarotes, ouvindo o que não entendiam e aplaudindo porque viam os outros também aplaudindo.<sup>447</sup>

### 3.5 O moderno na indústria

A inauguração, em 1850, de uma linha regular de navio a vapor, entre a Inglaterra e o Rio de Janeiro, sincronizou o tempo imperial ao tempo moderno da Europa. O que determinou uma maior efusão do comércio de mercadorias estrangeiras – que vinha florescendo desde 1808 – e que, por conseguinte, mudou a atividade de consumo dos brasileiros. Logo passaram a surgir os primeiros fetiches consumistas na corte, quando produtos comprados não eram mais, única e exclusivamente, para atender as necessidades utilitárias. Comprou-se, a partir de então, por questões de *status*, ou por questões de sensibilidade às mercadorias europeias, principalmente em matéria de roupa.<sup>448</sup> O consumo aumentou uma vez que a mercadoria se tornou um meio de realização social e, desta maneira, a prática de consumir acabou se tornando símbolo do civilizado e moderno.

Muitos foram os produtos expostos e recomendados nas páginas d’*O Espelho*, dentre eles o charuto. As fábricas de charutos, na década de 1850, tinham um importante papel na

---

<sup>447</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>448</sup> NOVAES, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.

atividade econômica da corte, conforme apontado por Alencastro. Segundo o autor, deveria haver um mercado promissor para o produto, pois no ano de 1853, um fabricante de Havana anunciou na imprensa um novo tipo de charuto, feito exclusivamente para os consumidores brasileiros.<sup>449</sup> Para Gilda de Mello e Sousa, o charuto foi um dos complementos imprescindíveis do vestuário masculino. Segundo a autora “nossos poetas byronianos e os inúmeros Rubemprés locais fuma[vam] charutos de primeira qualidade, de Havana ou de Manilha.”<sup>450</sup>

A prática de fumar charutos era moda no Segundo Reinado e esteve atrelado a um nativismo econômico. O cachimbo foi o preferido dos europeus e não o charuto. Portanto, podemos observar o seu uso como um dos poucos momentos em que o brasileiro não seguiu a moda ocidental por causa do chão social do país. Este desvio da moda ocidental explicou-se, segundo Alencastro, pelo fato de que no Brasil, do século XIX, muitos negros brasileiros, seguindo costume ancestral africano, também fumavam cachimbo. Ou seja, o cachimbo no Brasil foi fumado principalmente por negros e estrangeiros. Para os brasileiros, fumar o charuto era o moderno, era estar na moda e ao mesmo tempo ser patriota (pois havia, como mencionado anteriormente, fábricas de charutos na corte).<sup>451</sup>

### 3.5.1. Os fumistas

Os tipos sociais engendrados pela indústria foram, possivelmente, os mais numerosos. O fumista foi um caso.

---

<sup>449</sup> Idem. *Ibidem*.

<sup>450</sup> SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas: A moda no Século dezenove*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987. P.79

<sup>451</sup> NOVAES, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.



Principalmente quando o fumar charutos não correspondeu às normas adequadas impostas pela sociedade e influenciou de forma ruim na moral e nos bons costumes ao considerar o uso excessivo do charuto um vício. E este último, segundo a revista de Eleutério, também teve seu espelho; “O vício também tem o seu espelho, assim como a desgraça, assim como a escravidão, assim como a velhice”.<sup>452</sup> Desta maneira, o leitorado ao ler o artigo n’*O Espelho*, intitulado *O Charuto*, instruiu-se, ilustrou-se – fumando charutos de forma adequada – e assim, modernizou-se.

Estamos na época do charuto: hoje ele impera, vê-se abraçado por todos, e chupado por muitos lábios aristocráticos.

Todos fumam. O menino e o rapaz, o moço e o velho, o pobre e o rico, o plebeu e o nobre, o vassalo e o rei, todos julgam encontrar, nesse produto do fumo, um passatempo agradável.

O charuto é o companheiro de todos; quem dele não gosta não está na moda.<sup>453</sup>

No entanto, existiu aqueles que além de fumar, faziam também os outros fumarem; “Alguns fumistas vivem em uma atmosfera de Londres. De charuto sempre aceso, cercam-se de nuvens de fumo, e parecem pequenos vulcões ambulantes!”<sup>454</sup>

---

<sup>452</sup> O Espelho. *O Espelho*, n.º 10, 6/11/1859.

<sup>453</sup> AZEVEDO, Moreira de. O Charuto. *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.

<sup>454</sup> Idem. *Ibidem*.

Eram homens que se assemelhavam – segundo Azevedo – aos barcos de vapor, pois eram movidos pelo *fumo*.

[...] Hoje todos fumam, até as crianças; e é ridículo ver um menino armado de charuto, ignorando talvez as primeiras letras, mas sabendo já um vício!

[...] Raspail diz: o fumo do tabaco entorpece o entendimento, faz o espírito preguiçoso, traz consigo a ociosidade e a inação; - e eu direi também, que tira o apetite, que estraga o gosto, e enegrece os dentes!<sup>455</sup>

Segundo Moreira de Azevedo, apesar de todos os malefícios do fumo, aquela era a época do charuto; era do fumo que se tirava a luz assim como se usava do fumo para a locomoção. “Viva o charuto!”

### 3.6 O moderno na arte

Segundo Jean-Michel Massa, uma das inovações d’*O Espelho* foi dar um lugar de destaque à crítica teatral. Na revista, o teatro possuiu um lugar de honra, com coluna particular e um colaborador especializado. Os diários da época não reservavam muito espaço à arte dramática, que, juntamente com as letras, fez figura de parente pobre durante quase um século. As revistas ajudaram a modificar este quadro. Deste modo, a tentativa d’*O Espelho* de dar um maior espaço em suas páginas ao teatro, foi interessante e original. Ademais, durante o século XIX, o teatro tornou-se um lugar de embate contra a sociedade da época. Talvez por este motivo, existiu uma reserva em relação a esta arte e também aos seus defensores.<sup>456</sup>

---

<sup>455</sup> Idem. Ibidem.

<sup>456</sup> MASSA, Jean Michel. A Juventude de Machado de Assis. *Op. Cit.*,

O palco foi um assunto sério para *O Espelho*. As *Revistas de Teatro*, escritas por Machado de Assis, foram muito constantes na revista (apareceram em 18 dos 19 números). Além destas críticas teatrais, Machado foi autor de dois artigos intitulados *Ideias sobre o Teatro I e II*. Sendo que nas duas edições em que foram publicados ocuparam a primeira página da revista, espaço considerado distinto, de honra. A análise destas críticas teatrais pode vir a ser objeto de pesquisa de muitos trabalhos, de tão fecundas e ricas de informações sobre a situação do teatro da segunda metade do século XIX no Rio de Janeiro. Não foi objetivo desta dissertação. O que foi analisado nestes textos de Machado de Assis concerniu ao entendimento do que foi entendido e disseminado como o moderno em arte para o literato e conseqüentemente para *O Espelho*.

Esta posição de cronista teatral d'*O Espelho* colocou Machado de Assis,<sup>457</sup> assim como afirmou Michel Massa, mais em contato com a sociedade que frequentou os teatros, ou seja, a aristocracia social. Foi o ir aos “salões do rico”, como se propôs a revista em seu editorial, no primeiro número. Por conseguinte, foi desta e para esta parte da sociedade que Machado de Assis se dirigiu nas suas críticas teatrais.

Existiram no Rio de Janeiro, em 1859, quatro teatros em atividade; São Pedro, São Januário, o Teatro Lírico e o “seu querido” Ginásio.<sup>458</sup> Para Machado de Assis, a casa de teatro o

---

<sup>457</sup> Jean Michel Massa apontou o teatro como preparador do Machado de Assis romancista. A faceta teatral de Machado em sua juventude foi abordada pelo autor em sua obra. Cit. MASSA, Jean-Michel, *A Juventude de Machado de Assis. Op., Cit.*,

<sup>458</sup> Querido, possivelmente pela amizade nutrida com o português Furtado Coelho, que na época instalou-se nesta casa dramática. Cf. Idem, p. 231. Bem como pelas renovações estéticas promovidas pelo Ginásio, que ofereceu peças que primaram pela descrição dos costumes e debateram questões sociais delicadas no palco. Desta maneira, distanciou-se dos dramas e

*Ginásio Dramático*, marcou uma nova era na arte. Ele a considerou um novo Jan Huss, que muitos queriam levar à fogueira da expiação.<sup>459</sup> As transformações que esta casa promoveu, que foram importantes reformas na arte, levantaram acima das vistas especulativas o dogma das concepções modernas. A arte moderna foi, na concepção do crítico teatral, a arte realista. Machado se dizia um escritor com preceitos modernos, que não tinha “a arte pela arte, mas a arte como a toma[va] Hugo, missão social, missão nacional e missão humana.”<sup>460</sup>

Machado de Assis criticou uma arte mercadoria, onde o talento prendia-se no monótono emprego de copiar formas comuns, cediças e fatigantes. Não sendo a arte um culto, entre eles, reduziu-se aos simples foros de uma secretaria de estado. E quais eram as causas desta “prostituição imoral? ”, perguntou Machado ao leitor...

Não é difícil assinalar a primeira, e talvez a única que maiores efeitos tem produzido. Entre nós não há iniciativa.

Não há iniciativa, isto é, não há mão poderosa que abra uma direção aos espíritos; há terreno, não há semente; há rebanho, não há pastor, há planetas, mas não há centros de sistema. A arte entre nós foi sempre órfã; adornou-se nos esforços

---

melodramas do teatro de São Pedro. Ver em: GODOI, Rodrigo Camargo de. *Entre comédias e contos*. Op. Cit.,

<sup>459</sup> Fazendo uma alusão a Jan Huss, padre e teólogo tcheco que criticou fortemente as doutrinas católicas e influenciou, posteriormente, as reformas protestantes do século XVI. Foi condenado por heresia em 1415 e queimado na fogueira.

<sup>460</sup> ASSIS, Machado de. Revista de Teatros. *O Espelho*, n.º 15, 11/12/1859.

impossíveis quase, de alguns caracteres de ferro, mas caminho certo, estrela em alvo, nunca os teve.

Assim basta apenas a boa vontade de um exame ligeiro sobre a nossa situação artística para reconhecer que estamos ainda na infância moral, - e que ainda tateamos para darmos com a porta da adolescência que parece escondida nas trevas do futuro.<sup>461</sup>

A falta de iniciativa na arte brasileira funcionou como um entrave no processo de modernização da sociedade. Para Machado de Assis, “a arte caminha[va] par a par com as sociedades”.<sup>462</sup> Portanto, era preciso incentivá-la. E este incentivo deveria partir do governo, mas também do povo. Era preciso um povo educado para a arte. Para Machado de Assis, a arte no Brasil esteve divorciada do público;

A plateia ainda dominada pela impressão de uma atmosfera, dissipada hoje no verdadeiro mundo da arte, - não pode sentir claramente as condições vitais de uma nova esfera que parece encerrar o espírito moderno. Ora à arte tocava a exploração dos novos mares que se lhe apresentam no horizonte, assim como o abrir gradual, mas urgente dos olhos do público. Uma iniciativa firme e fecunda é o elixir necessário à situação; um dedo que, grupando plateia e tablado, folheie a ambos a grande bíblia da arte moderna com todas

---

<sup>461</sup> ASSIS, Machado de. Ideias sobre o teatro I. *O Espelho*, n.º 4, 25/09/1859.

<sup>462</sup> Idem. *Ibidem*.

as relações sociais, é do que precisamos na atualidade.<sup>463</sup>

A iniciativa, portanto, deveria ter em mira uma dupla educação, pois, segundo Machado de Assis, a plateia e o talento andavam de mãos dadas no caminho da civilização. A arte deveria, então, acompanhar o povo, copiar o povo em seus diferentes momentos e nos seus diversos modos. Não se afastando das condições da sociedade para perder-se no mundo labiríntico das abstrações. Machado invocou para a arte um apelo democrático e igualitário. Fez uma crítica aguda aos pobres de talento, mas que ricos de algibeira, conseguiam espaço satisfatório no campo da arte, em prejuízo daqueles que eram ricos de talento, porém pobres de algibeira. Em uma de suas críticas teatrais, escreveu sobre o drama *Pedro*, de Mendes Leal, representado no Teatro de S. Januário. Nesta obra, que carregou “tendências liberais”, um ilustrado conde sai de cena para em seu lugar ingressar um talento obscuro que estava no início de sua carreira. Para Machado de Assis, este drama exprimiu um símbolo da democracia do talento que reagiu sobre a nobreza de um brasão.

Portanto, podemos concluir que o moderno em arte que foi disseminado n’*O Espelho*, pode ser considerado aquele que primou por uma democracia de talentos e que esteve ligado a uma arte de cunho nacional. Mas, sobretudo original, ou seja, com características nacionais, sem exacerbados estrangeirismos que, segundo a revista, esmaecia a cor local. A arte, bem como o público moderno foram aqueles que incentivados e educados pelo governo andaram de mãos dadas no caminho do progresso.

### 3.6.1 João Caetano

---

<sup>463</sup> Idem. *Ibidem*.

João Caetano foi o primeiro ator da cidade do Rio de Janeiro e posteriormente o principal empresário de teatro da corte. Sua companhia esteve sediada no Teatro de São Pedro. Considerado por Machado de Assis um comerciante da arte, o experiente empresário foi acusado pelo literato de explorar a arte em busca do valor material e utilitário da mesma. Subsidiado pelo governo imperial, João Caetano, segundo a pena de Machado de Assis, personificou o *Ginja* dos entraves modernizantes na arte ao manter-se sempre ao lado de um repertório de melodramas e dramas românticos. Desta maneira, não contribuiu em nada para o processo de modernização da sociedade ao encenar no palco do teatro de São Pedro apenas “composições múmias”.<sup>464</sup>

### 3.7. Uma revista bajuladora?

Uma das críticas mais constante n’*O Espelho* foi aquela voltada aos bajuladores que buscavam através da adulação e do apadrinhamento (leia-se, inclusive político) um meio para se galgar privilégios e posições de destaque na sociedade. Esta crítica aos costumes políticos que vigiam no Brasil, com relações de parentesco e compadrio que marcaram indelevelmente a sociedade brasileira e suas relações sociais, cujo resultado foi o empreguismo dos apaniguados, as sinecuras para os parentes e agregados, além do espaço na imprensa para publicação dos pretensos escritores, dos poetas bisextos, dos polemistas e dos diletantes dos mais diversos gêneros literários. Um exemplo deste tipo social foi descrito por Machado de Assis como um fanqueiro literário.

No entanto, tratando-se de aduladores, poder-se-ia identificar, em meio a imprensa da época, muitos diários que utilizaram da adulação para se manterem em circulação. O alvo e o motivo dos elogios na imprensa carioca era o imperador D. Pedro II. E existiu um forte motivo para essas posturas. Como

---

<sup>464</sup> GODOI. Rodrigo Camargo de. *Entre comédias e contos*. Op. Cit.,

foi argumentado anteriormente, e até mesmo no editorial d’*O Espelho*, criar e manter um impresso no Segundo Reinado não era uma tarefa fácil. Em meio ao indiferentismo do governo, criticado tantas vezes na revista, – associado ao analfabetismo, tão presente no século XIX no Brasil – o empreendimento de lançar uma revista e mantê-la “viva”, circulando, não era possível sem a complacência do povo e suas assinaturas, mas, sobretudo, sem o apoio de verbas concedidas pelo Imperador. Talvez tenha sido esta a causa de *O Espelho* ter parado de circular e de forma tão abrupta; a falta de incentivo e de assinaturas.

Neste ínterim, foi possível perceber que a revista de Eleutério utilizou, em alguns momentos, esta estratégia de sabujice em relação ao imperador. No primeiro número da revista, por exemplo, foram publicados dois editoriais, um destinado ao povo e outro ao imperador. Onde o artigo intitulado *4 de Setembro* exprimiu um pedido de incentivo financeiro ao Império para o empreendimento que estava sendo lançado naquele momento. Como já argumentado anteriormente, *O Espelho* foi lançado no dia em que fazia aniversário de casamento D. Pedro II e Teresa Cristina Maria de Bourbon; “o jornal da mocidade, com suas aspirações liberais, faz coincidir a sua aparição com este dia que celebra o aniversário de um consórcio imperial”.<sup>465</sup> O autor, que não assinou – possivelmente o proprietário da revista; Francisco Eleutério de Sousa – saudou em nome “das cabeças de vinte anos” e da “vanguarda da mocidade”, a coincidência do dia. Esta saudação e homenagem, segundo o autor, era a primeira intenção do artigo, no entanto, havia uma segunda;

Revelada esta intenção, não ocultaremos a segunda, por isso que a ela se prende uma das probabilidades vitais da ideia que

---

<sup>465</sup>4 de Setembro. *O Espelho*, n.º 1, 04/09/1859.



realizamos hoje. Com a nossa revista subimos a tribuna da imprensa; que um raio desse dia nos anime e nos inspire. Que sobre nós se estenda a proteção d'Aquela, cujo consórcio hoje festejamos, porque só com ela poderá viver e florescer esta empresa infantil.

O jornal, disse algures um dos nossos irmãos pelas letras, é a democracia prática pela inteligência. Nós levamo-los, pois ao seio daqueles reis altamente liberais e altamente democráticos. Eles sabem como são santas as aspirações da mocidade e estenderam a mão aos ousados peregrinos, que por caminhos tão ásperos, por tão bravias encostas lá vão galgando os Alpes da imprensa e do futuro.

Com esta convicção no espírito entramos nós na arena. De um lado a proteção pública de outro lado a proteção imperial, caminharemos embalados por estas duas afeições, ambas valiosas, legítimas ambas.

Não nos falem elas e nossa revista poderá desassombrada caminhar ao lado de todos os seus companheiros de trabalho, partilhando com eles a mesma glória. Não nos falem elas, e estamos certo que nos aguardará um próspero e lisonjeiro futuro.

[...] será doce, muito doce essa romaria se como bordão levamos a benevolência de um olhar imperial.<sup>466</sup>

---

<sup>466</sup> Idem. Ibidem.

Se o pedido da revista foi atendido pelo imperador, não foi possível aferir com exatidão. A revista, como tantas outras de sua época, possivelmente cessou sua circulação por falta de assinaturas e incentivo. Entretanto, uma biografia, publicada na edição de número dez, levantou a hipótese de que houve um incentivo financeiro do Imperador para a continuação d'*O Espelho*. Tratava-se de um *Boletim Biográfico*, que teve como biografado D. Pedro II. Esta biografia chamou a atenção na investigação por dois motivos; o primeiro foi o fato de esboçar esta questão de bajulação, da ode, do elogio gratuito, com o intuito de obter proteção, incentivo e patrocínio para a revista continuar em circulação.

Duas nobres qualidades têm o imperador, que sempre acompanharão a sua memória: a da fé evangélica e a do amor pelo seu país, que o faz nivelar-se com o mais humilde de seus cidadãos.

Além destas qualidades de um coração bem formado e educado nos são principio da moral e da religião, o monarca brasileiro presa-se de ser o cultor e amante protetor das letras pátrias. Em diversas associações entre nós fundadas todos o vêem representado no seu nome, nos donativos que faz a bem de sua prosperidade, e mesmo quando pode dispor de algumas horas de sua afadigada vida, ainda todos o veem animar com a sua presença as reuniões literárias dos nossos jovens estudiosos.

É que o imperador reconhece, e mui bem, que sobre a ilustração assenta-se a moralidade de um povo, o seu adiantamento, a sua civilização; e sendo a mocidade o esteio do futuro, cumpre prepará-la de modo que as esperanças hoje

sonhadas possam ser uma realidade nos dias que hão de vir.<sup>467</sup>

E o segundo foi o fato de que o autor desta biografia possivelmente é Machado de Assis. O argumento se sustenta da seguinte maneira; na edição número seis, publicada no dia nove de outubro, na rubrica *Notícias á mão* – sem menção de autor – uma nota informou: “Brevemente encetaremos a publicação de uma–Galeria Dramática – biografias e um retrato correspondente. O fotógrafo é o Sr. Gaspar Guimarães, e o biógrafo é o Sr. Machado de Assis”.<sup>468</sup> Em nenhum dos números posteriores (sete, oito e nove), foram publicadas biografias ou apareceu alguma menção ao retrato. Apenas no número dez apareceu este esboço biográfico de D. Pedro II. O texto, por sua vez, ocupou um espaço geográfico na revista que foi comum a publicação de textos de Machado de Assis ou Francisco Eleutério de Sousa; a primeira página e o primeiro artigo. Era o “abre alas” da revista.<sup>469</sup> Mas ainda faltava o retrato. Em nenhuma das edições d’*O Espelho* foi possível encontrar informações sobre algum retrato de D. Pedro II. No entanto, em uma das propagandas d’*O Espelho* na Marmota, eis que a menção ao retrato apareceu:

---

<sup>467</sup> ASSIS, Machado de. D. Pedro II (Esboço Biográfico). *O Espelho*, n.º 10, 06/11/1859.

<sup>468</sup> Notícias á mão. *O Espelho*, n.º 6, 09/10/1859.

<sup>469</sup> Vide nota 13.

## O ESPELHO.

Publicou-se o n. 10 com os seguintes artigos:—D. Pedro II (esboço biographico)—Romance, o testamento do Sr. Chauvelin—O charuto—O Judeu errante (lenda)—A dama dos cravos vermelhos—A hospitalidade no Brasil (uma excursão por Minas)—Poesias: Força de vontade, A Ignez—Chronica elegante.

Com este n. distribue-se o retrato de S. M. O Imperador.

Assigna-se sempre, na loja desta typographia, praça da constituição n. 64, e no escriptorio da Redacção, rua do Lavradio n. 29.

Por tres mezes..... 3\$000

Por seis..... 6\$000

Por anno..... 10\$000

(Para a corte.) \_\_\_\_\_

*Figura 13 A Marmota Fluminense, n.º 1106, 08/11/1859.*

Portanto, este texto biográfico, pode vir a ser um texto ainda desconhecido do literato tão aclamado pela crítica brasileira. Ademais, o biógrafo absteve-se de falar em política, no esboço biográfico, justificando que “As conveniências impõem-se esta falta, ou antes o cálculo impõe-nos esse silencio”<sup>470</sup> Não seria este um indício de que *O Espelho* recebeu também doação ou subsídio do imperador? Seria outra face do mecenato do Segundo Reinado, além da Academia de Belas Artes? Ou, o que na expressão da época se chamou “Imperial Bolsinho” que era a proteção do Imperador. Esta é uma probabilidade que não pode ser descartada.

---

<sup>470</sup> ASSIS, Machado de. D. Pedro II (Esboço Biográfico). *O Espelho*, n.º 10, 06/11/1859.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Machado de Assis escreveu que a imprensa, mais do que os movimentos populares, fazia estremecer a aristocracia brasileira. Com a imprensa, eram incompatíveis os parasitas da humanidade, concluiu o literato. Apesar desta visão romanceada do literato, assim procurou ser *O Espelho*; uma revista combativa e ao mesmo tempo delicada. Que usou da sutileza para informar sobre as questões duras da sociedade. Nem todos os colaboradores foram tão sutis; “Não me tomam por escritor fofo”, escreveu a pena mais abusada da revista. Refletiu-se no *Espelho* uma infinidade de tipos sociais; parasitas de mesa; da literatura; da política; da religião; da economia, ginjas que, com suas algibeiras, amaldiçoavam qualquer tipo de modernização. Gralhas sociais que tagarelavam idiomas desconhecidos, pavoneando-se com penas alheias. Uma pena! Que causou à pena boa crônica social.

*O Espelho*, ao refletir-se no vidro polido e metalizado da humanidade, viu o encantamento do pensamento democrático, a luta para modificar todo o *status quo* da ideologia dominante e da sociedade. Era a reforma pela palavra! Era o cair do brasão para dar lugar ao emergir do talento, muitas vezes de algibeira vazia, mas de cabeça cheia. Talvez por isso tantos homens de letras enxergaram-se por lá; Bruno Henrique de Almeida Seabra, Casimiro José Marques de Abreu, Ernesto de Kruger Cibrão, Francisco de Paula Brito, Francisco Eleutério de Sousa, Francisco Joaquim Bethencourt da Silva, Joaquim Maria Machado de Assis, Joaquim de Oliveira Catunda, José Joaquim Cândido de Macedo Junior, Justiniano José da Rocha, Ladislau de Souza Mello e Netto, Laurindo José da Silva Rabello (o poeta Lagartixa), Manoel Duarte Moreira de Azevedo. Neste time editorial, de primeira grandeza, não foi preciso fazer uso das

cabeleiras de Luiz XV para inculcar que tinham talento. Eram todos *cabeçudos* por si só.

*O Espelho* aclamou pelo incentivo à literatura e a arte. A crônica lida nestas folhas foi a nacional. O folhetim, mesmo embalado no modelo europeu, teve como personagem principal a mulher Alzira; doida de Copacabana, da fé e da superstição. “No nosso país também há artistas inteligentes, não é só de fora que vem as obras de mérito”. Espelhados em uma arte como missão à lá Vitor Hugo, bem como uma fantástica preocupação social hoffmaniana, os colaboradores de *O Espelho* escreveram sobre o tratamento que a sociedade dava aos mendigos; a órfã da praia do Caju que, tutelada por um homem, se empregava nos serviços mais grosseiros e impróprios para uma menina de sua idade. A miséria que assolou famílias e levou à desgraça homens e mulheres de bem, que a sociedade transformou em mal. Escreveu sobre a loucura, a ciência, o *toilette* da moda, a rolha que serviu para desarticular discussões importantes numa assembleia. Sobre a “lepra do estrangeirismo” que não havia “caído como uma luva” no idioma brasileiro, nem nas expressões populares ou na língua portuguesa.

Entre todos os tipos sociais que *O Espelho* apresentou, nenhum deles foi mais curioso do que a “cabeça de vinte anos” do “prosador novato” – Joaquim Maria Machado de Assis. Este homem de letras, “ainda imberbe”, acreditou “de coração” nas inteligências operárias e esperava que emergissem destas classes ínfimas a revolução e a transformação do país. Este literato não acreditou em destino individual, mas aceitou o destino coletivo da humanidade. Seu talento teve “asas para voar”, senso para mensurar as culpas aristocráticas e consciência cívica. *O Espelho* já não circula mais há 156 anos, mas a palavra que a revista lançou se faz ecoar ainda hoje, como germe de todas as reformas.



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. São Paulo: Fapesp, 2005.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *De amadores a desapaixonados: eruditos e intelectuais como distintas figuras de sujeito do conhecimento no Ocidente contemporâneo*. Trajetos, Fortaleza, v.9, n.19, p. 29 – 42, fev. 1990.

ALENCASTRO. Luiz Felipe de. *Vida Privada e Ordem no Império*. In: *História da Vida Privada no Brasil*.(v.2) São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Campinas, SP: Pontes, 1990. Disponível em <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>> Acesso em Abril de 2014.

ANDRADE, Debora El-jaick. *A Árvore e o Fruto: A promoção dos intelectuais no século XIX*. 2008. 342 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho. *Maçonaria, Anti-Racismo e Cidadania: Uma História de Lutas e Debates Transnacionais*. São Paulo: Annablume, 2010.p.

BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. *Jornal e Literatura: a imprensa brasileira no século XIX*. Porto Alegre: Nova Prova, 2007.

BATALHA, Maria Cristina. *A importância de E.T.A Hoffmann na cena romântica francesa*. *Alea: Estudos Neolatinos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p.257-271, dez. 2013. Disponível em:



<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-106X2003000200008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-106X2003000200008)>. Acesso em: 06 jan. 1859.

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BERGER, Paulo. *A Tipografia do Rio de Janeiro*. Impressores Bibliográficos 1808-1900. Rio de Janeiro: Cia. Ind. de Papel Pirahy, 1984.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BESSONE, Tânia Maria. *Palácios de Destinos Cruzados. Bibliotecas, Homens e Livros no Rio de Janeiro (1870-1920)*. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2014.

BOBBIO, Norberto. *Os intelectuais e o poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea*. 2. reimpr. Tradução de Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BLUTEAU, Rafael; SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da língua portuguesa*. Lisboa: Oficina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789 (2 vol.).

BOUCHER, François. *História do Vestuário no Ocidente: das origens aos nossos dias*. São Paulo: Cosacnayf, 2012.

BOURDIEU, Pierre. *As regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BURKE, Peter. *Uma história Social do Conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CALDEIRA, Adriana Alves. *Francisco de Paula Brito: política e imprensa*. Revista *Maracanan* UERJ. P 113-128 12/2013.

CAMPAGNE, E. M. *Dicionário Universal de Educação e Ensino*. Porto: Livraria Internacional de Ernesto Chardon/ Casa Editora Lugan&Genelioux, Sucessores, 1886. T. I.

CAMPOS, Raquel Machado Gonçalves. *Entre ilustres e anônimos: a concepção de história em Machado de Assis*. Dissertação (mestrado). DH/UFG. 2009. Disponível em <https://pos.historia.ufg.br/n/20875-ano-2009-dissertações> Acesso em: Jan. 2016.

CARDOSO, Rafael. Projeto gráfico e meio editorial nas revistas ilustradas do Segundo Reinado. In: *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

CAVALCANTI, Rinaldo. *A Marmota na Corte: Recreação e vereda literária no cenário cultural do século XIX*. (1849-1852). Tese Letras UNESP.

CHARTIER, Roger. *A mente do autor e a mão do editor*. São Paulo: UNESP, 2014.

COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: A história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

DEAECTO, Marisa Midori. *O Império dos Livros*. Instituições e Práticas de Leitura na São Paulo Oitocentista. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2011.

ECO, Umberto. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. Tradução de Beatriz Borges. Rio de Janeiro; Nova Fronteira, 1989.

FARIA João Roberto. *Machado de Assis: O Espelho; organização, introdução e notas: João Roberto Faria.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

FEIJÓ, Rosane. *Moda e Modernidade na Belle époque carioca.* São Paulo: Estação das Letras, 2011.

FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz et al (Org.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas.* São Paulo: Alameda, 2013.

FERREIRA, Tânia Maria Bessone da. A Presença Francesa no Mundo dos impressos no Brasil. In: *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado.* Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011. p. 41-52.

FONSECA, Gondin. *Biografia do Jornalismo Carioca. (1808 – 1908)* Rio de Janeiro: Quaresma Editora, 1941.

FONSECA, Gondim da. *Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução biográfica.* São Paulo, Editora Fulgor Limitada: 1960.

GINZBURG, Carlo. *O Fio e os rastros. Verdadeiro, falso, fictício.* São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GODOI, Rodrigo Camargo de. *Entre comédias e contos: A formação do ficcionista Machado de Assis (1856-1866).* 2010. 412 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teoria e História Literária, Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000477603>>. Acesso em: 24 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. *Um editor no Império*: Francisco de Paula Brito (1809-1861). 2014. 340 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000938000>>. Acesso em: 09 jul. 2015.

GONDIN, Eunice Ribeiro. *Vida e Obra de Paula Brito*: Iniciador do Movimento Editorial no Rio de Janeiro. (1809-1861). Rio de Janeiro: Livraria Brasileira Editora, 1965.

GONTIJO, Rebeca. GOUVÊA, Maria de Fátima; BICALHO, Maria Fernanda Baptista. *Culturas políticas*: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-284.

GRAHAN, Richard. Grã-Bretanha e o início da Modernização no Brasil. 1850 – 1914. Editora Brasiliense: São Paulo. 1963.

GRANJA, Lucia. Machado, Moutinho, um poema e algumas considerações: Homenagem aos cem anos da morte de Machado de Assis. In: GUIDIN, Marcia Lígia et al. *Machado de Assis*: Ensaio da crítica contemporânea. São Paulo: UNESP, 2008. Cap. 12. p. 225-238.

HEISE, Eloá di Pierro. HOFMANN: O irromper do mal. *Itinerários: Revista de Literatura*, Araraquara, v. 24, p.163-177, nov. 2006. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2632/2309>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

HALLEWELL, Laurence. *O Livro no Brasil*. Sua história. 2ª ed. ver. E ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

Imprimerie Française de Frédéric Arfvdeson [11, Plâce de la Carioca], 1861. 162 p.

Innocencio Francisco da Silva. Dicionario Bibliographico portuguez. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX.

JINZENJI, Mônica Yumi. *Cultura impressa e educação da mulher no século XIX*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

KOHLER, Carl. *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LEHMKUHL, Luciene; PEREIRA, Tulio Henrique. *Corpos impressos: técnicas e visualidades na imprensa ilustrada*. Trabalho apresentado no Colóquio Modernidade, Arte e Pensamento. Florianópolis. PPGH/UFSC. Out. 2015. Mesa Redonda – Revistas e artes gráficas.

LEMOS Valéria Pinto et al (Org.). *Os exames censórios do Conservatório Dramático Brasileiro: inventário analítico*. 23. ed. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2014. 400 p. Disponível em:

<[http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_manuscriptos/mss1415592/mss1415592.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_manuscriptos/mss1415592/mss1415592.pdf)>. Acesso em: 24 jul. 2015.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 111-153.

\_\_\_\_\_. *Periodismo Cultural: A trajetória da Revista do Brasil* In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. São Paulo: FAPESP, 2005. p. 293-312.

LUSTOSA, Isabel. *Insultos Impressos*. A guerra dos jornalistas na imprensa. 1821-1823. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Ligia Cristina. A Revista Popular (1859 – 1862) e a nacionalidade de seus colaboradores. In: FERREIRA, Tânia Bessone da Cruz et al (Org.). *O Oitocentos entre livros, livreiros, impressos, missivas e bibliotecas*. São Paulo: Alameda, 2013. Cap. 2. p. 119-142.

MACHADO, Ubiratan. A vida literária no Brasil durante o Romantismo. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MAGLHÃES JÚNIOR, R.. *Machado de Assis: Vida e Obra*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República, São Paulo (1890 – 1922)*. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP, 2008.

\_\_\_\_\_ ; LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Revistas na emergência da grande imprensa: Entre práticas e representações (1890 – 1930). In: ABREU, Márcia; SCHAPOCHNIK, Nelson. *Cultura Letrada no Brasil: Objetos e Práticas*. São Paulo: FAPESP, 2005. p. 247-256.

MARTINS, Bruno Guimarães. *Corpo sem cabeça: Paula Brito e a Petalogica*. 2013. 267 f. Tese (Doutorado) - Curso de Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Letras, Puc-Rio, Rio de Janeiro, 2013. P 169. Disponível em: <<http://www2.dbd.puc->

rio.br/pergamum/tesesabertas/0912682\_2013\_completo.pdf>.  
Acesso em: 25 jul. 2015.

MASCARENHAS, Nelson Lage. *Um jornalista do Império* (Firmino Rodrigues Silva). São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1961.

MASSA, Jean – Michel. *A Juventude de Machado de Assis (1839 – 1870)*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A. 1971.

\_\_\_\_\_. *Um amigo português de Machado de Assis*: Antônio Moutinho de Sousa. Tradução de Lucia Granja. *Machado de Assis linha*. Rio de Janeiro, v.5, n.10 dez.2012. Disponível em: <[scielo.br/pdf/mael/v5n10/a\)3v5n10.pdf](http://scielo.br/pdf/mael/v5n10/a)3v5n10.pdf).> Acesso em: 20/01/2016.

MATTA, Carmem. O Rio de Janeiro na Literatura: Rio de Janeiro, solo configurador da literatura nacional. *Revista Rio de Janeiro*. UERJ, v.10, n.3, p. 259-278, 05-08/2003. Disponível em: [http://www.forumrio.uerj.br/publicacoes\\_fase3\\_n10.htm](http://www.forumrio.uerj.br/publicacoes_fase3_n10.htm). Acesso em: 23 Dez. 2015.

MAURO. Frèdèric. *O Brasil no Tempo de Dom Pedro II (1831-1889)*. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978.

MICHAELIS. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Melhoramentos, 2008.

MEYER, Marlyse. *Folhetim*. Uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MÜLLER, Andréa Correa Paraíso. *De romance imoral a obra-prima*: trajetórias de Madame Bovary. 2012. 346 f. Tese

(Doutorado em Teoria e História Literária)–Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.

NEEDELL, Jeffrey D.. *Belle Époque Tropical: Sociedade e Cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

NOVAES, Fernando (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Claudia. Mulheres de Estampa. In KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

ORTIZ, Renato. *Cultura e Modernidade: A França no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

OVÍDIO. *As Metamorfoses*. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Ediouro, 1983.

PALLARES – BURKE, Maria Lúcia G. A imprensa periódica como uma empresa educativa no século XIX. *Caderno de Pesquisa*, n.104, jul. 1998.

PAIVA, Tancredo de Barros. *Diccionario de Pseudonyms: iniciaes, abreviaturas e obras anonymas de autores brasileiros e de estrangeiros, sobre o Brasil ou no mesmo impressas*. Rio de Janeiro: J. Leite & Cia., 1929.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6º Ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.



PINTO, Luiz Maria da Silva. Dicionário da Língua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Província de Goyaz. Na Typographia de Silva, 1832. Disponível em: <http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/3/moderno>. Acesso em: 27/12/2015.

PIRES, Myriam Paula Barbosa. *Impressão, sociabilidade e poder: Três faces da Tipografia do Diário na Corte do Rio de Janeiro (1821-1831)*. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://www.bdtd.uerj.br/>>. Acesso em: 19 jul. 2015.

PEDRO, Renata Lopes. A imortalidade de Helena: O corpo na Lírica de Luís Delfino. 2008. 328 f. Tese (Doutorado) – Curso de Teoria Literária, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PEREIRA, Lucia Miguel. *Machado de Assis: estudo crítico e biográfico*. 6º Ed. rev. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *A cidade e a Moda: novas pretensões, novas distinções – Rio de Janeiro, século XIX*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.

RAMOS, José de Paula; DAECTO, Marisa Midori; Filho, Plínio Martins. *Paula Brito, editor poeta e artífice das letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com Arte, 2010.

RENAULT, Delso. Rio de Janeiro. *A Vida na cidade refletida nos jornais*. São Paulo: Civilização brasileira, 1978.

ROCHA, Clara. Revistas literárias do século XX em Portugal. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 24-25.

ROQUETE, J. I; FONSECA, José da. *Diccionario dos synonymos poetico e de epithetos da LinguaPortugueza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Typ. Aillaud, Alves & Cia, 1848.

Sacramento Blake – *Diccionario Bibliographico brasileiro*. Liechtenstein, 1969.

SANT'ANNA. Mara Rúbia. *Teoria de Moda: Sociedade, Imagem e consumo*. 2ª edição rev. e atualizada. São Paulo: Estação da Letras e Cores, 2009.

SANTOS, Rinaldo Cavalcanti. *A Marmota na Corte*. Recreação e vereda literária no cenário cultural do século XIX. (1849-1852). Dissertação (Mestrado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras Assis, Universidade Estadual Paulista - UNESP. 2009.

SCHAPOCHNIK, Nelson. Malditos Tipógrafos. In: Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial, 1, 2004, Rio de Janeiro. *Anais...* . Rio de Janeiro: 2004. p. 1 - 25. Disponível em:  
<<http://ww.livroehistoriaeditorial.pro.br/pdf/nelsonschapochnik.pdf>>. Acesso em: 25 set. 2015.

SCHWARCZ, Lilia Moritz: *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SOETHE, Paulo Astor. SOBRE A SÁTIRA: CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA LITERÁRIA ALEMÃ NA DÉCADA DE 60. *Fragmentos*, Florianópolis, v. 2, n. 7, p.07-27, Jan. – Jun. 1998.

SILVA, Luciane Nunes da. *O Conservatório Dramático Brasileiro e os Ideais de Arte, Moralidade e Civilidade no século XIX*. 2006. 226 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. Disponível em:

<[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=149598](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=149598)>. Acesso em: 30 set. 2014.

SIMIONATO, Siani Juliana. *A Marmota e seu Perfil Editorial: Contribuição para Edição e Estudo dos textos Machadianos Publicados Nesse Periódico (1855-1861)*. 2009. 301 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciências da Comunicação, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em:

<[www.teses.usp.br/disoniveis/27/27152/tde-02022010-175327/pt-br.php](http://www.teses.usp.br/disoniveis/27/27152/tde-02022010-175327/pt-br.php)> Acesso em: 03 Jan. 2016.

\_\_\_\_\_. A Marmota de Paula Brito. In: RAMOS, José de Paula; DAECTO, Marisa Midori; Filho, Plínio Martins. *Paula Brito, editor poeta e artífice das letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Com Arte, 2010.

SIRINELLI, Jean-François. Os Intelectuais. In: RÉMOND, Réne. *Por uma História Política*. 2. ed. Rio de Janeiro: Fgv, 2003. p. 231-270.

SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Livro, 1955.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O Espírito das Roupas: A moda no Século dezenove*. São Paulo: Companhia Das Letras, 1987

SUSSEKIND, Flora. *As Revistas de Ano e a invenção do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira: Fundação Casa de Rui Barbosa.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à literatura fantástica. Tradução de M. Clara C. Castello. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TORAL, André Amaral de. A participação dos negros escravos na guerra do Paraguai. *Scielo: The Scientific Electronic Library Online*, São Paulo, p.287-296, maio 1995. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000200015](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200015)>. Acesso em: 22 fev. 2015.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As modernas sensibilidades brasileiras: Uma leitura das revistas literárias e de humor na Primeira República*. *Nuevo Mundo: Mundos Nuevos*, Paris, p.1-15, 28 jan. 2006. Disponível em:

<<http://nuevomundo.revues.org/1500?lang=en#quotation>>. Acesso em: 30 set. 2014.

\_\_\_\_\_. Um agitador Cultural na Corte. In KNAUSS, Paulo. *Revistas Ilustradas: modos de ler e ver no Segundo Reinado*. Paulo Knauss (et al.), organizadores. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

VOLOBUEF, Karin. E.T.A. HOFFMANN E JACQUES CALLOT: A FICÇÃO DA IMAGEM. *Alere: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários - PPGEL*, Tangará da Serra, v. 4, n. 4, p.53-64, nov. 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/124811>>. Acesso em: 06 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Mesa-Redonda: Pontos de Contato entre o Romantismo Alemão e o Romantismo Brasileiro - E. T. A. Hoffmann e o Romantismo Brasileiro (UNESP/Araraquara,

2002). Disponível em:

<http://www.apario.com.br/forumdeutsch/revistas/vol6/eta.PDF>

Acesso em: 05/12/2015.

WILLIANS, Raymond. A Fração Bloomsbury. Plural: Revista do Curso de Pós-Graduação em Sociologia, São Paulo, USP, 1º semestre de 1999, n.6, p. 139 -168.

<b>Ocupação</b>	Escritor apresentado da Tesouraria da Fazenda, poeta,	Dramaturgo, poeta.	Jornalista francês	-----	-----	1860 (Colaborador da Revista Luso- brasileira ao lado de		-----
<b>Nome/ Data de nascimento e morte</b>	José Antônio da Cunha – 1832- 1885 (27 anos).	Antônio Moutinho de Souza/ 1834 – 1898 (25 anos)	Jean – Baptiste Alphonse Karr (1808 - 1890)	-----	(Possibilidade ) Pseudônimo que fez alusão	(Possibilidades) Francisco Xavier de Azere do Souza	(Possibilidade) Bruno Henrique de Almeida Seabra.	-----
<b>Assinatura</b>	A. Cunha	A. Moutinho de Souza.	Alph. Karr.	Anônimo	Audigier	Azere do	B. Seabra.	B. F. da F.

Trabalh ou na Tipogra fia de Paula Brito. Funcion ário da		Redator da A <i>Ilustraç ão</i> <i>Lu-so- brasilei ra</i> ; colabor	Escritor , jornalist a, advoga do, profess or.	Colabor ou em vários jornais e revistas literária s,	(Possibi lidades)
Bruno Henriqu e de Almeid a Seabra. 1837 – 1876		Casimir o José Marque s de Abreu. 1839 – 1860	Justinia no José da Rocha. 1812- 1862 (47 anos).	Ernesto Cirbão (esta é a grafia que aparece	
B. Seabra/ Bruno Seabra.	C.	Cazimir o d'Abre u	Dr. J. J. da Rocha	Ernesto Cirbão (esta é a grafia que aparece	F. Hermes

<sup>471</sup>BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. Vol. 5.. p. 273-277.

<sup>472</sup> MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978.p. 192

Professor de Artes na Escola de Bellas Artes,		Proprietário da revista <i>O Espelho</i> , colaboradora da	-----		Colaborou para o <i>Jornal do Comercio</i> ; <i>Ilustração</i> ;	
Francisco Joaquim Bethencourt da Silva. 1831 –	(Possibilidades) Aparece em n.º A Marmota; F. da Rocha Fragozo	? – 1868. Brasil/Bahia	(Possibilidades) H. Gery Hasstron	(Possibilidades) Pseudônimo de Joaquim Maria Machad	Constantino José Gomes de Souza. 1825 – 1877	(Possibilidades) Joaquim Correia de Rezende Rego
F. J. Bittencourt da Silva/ Bittencourt	Fragoso / Fragozo / R. Fragozo	Francisco Eleutério de Souza (diretor	Gery	Gil	Gomes de Souza	J. A. R de Rezende

<sup>473</sup> MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., atual. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. p. 652.



Estudou com Francisco Eleutério de Sousa, Laurindo	Historiador, professor de filosofia. Sócio fundador	Sócio fundador das Associações Grêmio Literário	Matriculado na Academia Militar (1858). Entrego	
Joaquim Bento de Souza Andrade	Joaquim de Oliveira Catunda. 1834 – 1907 (25 anos).	João Dantas de Souza (1835 - ?) (Portug	José Joaquim Cândido de Macedo Junior. 1844 –	(Possibilidades) Henrique e Jorge Cussen; Jorge Henrique
J. B. de Souza Andrade	J. d'Oliveira Catunda	J. Dantas de Souza	J.J.C. de Macedo Junior /M.J/M acedo	Jorge Cussen

<sup>474</sup>BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. Vol. 4,p. 218.

<sup>475</sup>Innocencio Francisco da Silva. *Diccionario Bibliographico portuguez*. Lisboa: Imprensa Nacional, MDCCCLIX. p. 361

<sup>476</sup> MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. 389p

Brasil/ Alagoas /Maceió	Poeta, Historia dor. Colabor ador da Semana Ilustrad a 1868-		Trabalh ou na livraria de Paula Brito. Colabor ou para	-----
Doutor em Ciência s				
Ladislau de Souza Mello e Netto. 1838- 1894 (21	(Possibi lidades) Luís Antônio de Alvaren ga da Silva	(Possibi lidades) Moreira de Azeved o	Joaqui m Maria Machad o de Assis 1839- 1908.	(Possibi lidades) Joaqui m Maria Machad o de Assis;
Ladislau Netto	Luiz Peixoto	M.	M. - as M. de Assis Machad o	M.A

<sup>477</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. Vol. 5 p. 281-186

<sup>478</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. Vol. 5. p. 348

<sup>479</sup> MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. p. 67-68.

Colégio Pedro II (bacharel em Letra). Faculdade de do Rio de	-----	-----		Tipógrafa fo, editor, proprietário de Tipografia e livraria.	-----	Tentou a escola militar, mas teve que deixá-la porque escreve	Revisor do <i>Jornal do Comercio</i> , tenente coronel
Manuel Duarte Moreira de Azevedo 1832 – 1903. (27)	-----	-----	(Possibilidades) Francisco Eleutério de Sousa; Machad	Francisco de Paula Brito 1809 – 1861. (50 anos)	(Possibilidades) Foi encontrado um J.N.R. Luz na Marnot	Laurindo José da Silva Rabelo. 1826 – 1864 (33 anos).	Sotero de Castro e Silva. +- 1843 – 1840. (16 anos)
M. de Azevedo/M, Azevedo /Moreir	M.B	Nicolau Vicente Pereira	Ophir	Paula Brito	R. Luz/Ramalh o Luz	S. Rabello /S.R	Sotero de Castro e Silva

-----	-----	Colaborador da <i>Revista luso brasileira</i> em 1860.	
-----	-----	(Possibilidades) Veríssimo José do Bomsucesso Junior	(Possibilidades) Pseudônimo de Machado de Assis.
V.C	Ver. De R.	Ver/ Vers	Victor de PARM A

<sup>480</sup> MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. 803p.

<sup>481</sup> MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. 132p

<sup>482</sup> MENEZES, Raimundo de. Dicionário literário brasileiro. 2 ed. rev., aum. e atual. Rio de Janeiro LTC, 1978. 558p

<sup>483</sup> Sacramento Blake – Dicionario Bibliographico brasileiro. Liechtenstein, 1969. Vol. 4 p. 291, Vol. 7. P. 239

## Anexo 2 – Tabela número de artigos por colaborador

*Tabela 1 Número de artigos por colaborador/Assinatura/rubricas/pseudônimos.*

<b>Total de Artigos</b>	<b>Por Edição (1 ao 19)</b>	<b>Assinatura</b>
1	(18) 1.	A. Cunha
1	(10) 1.	A. Moutinho de Sousa
1	(19) 1.	Alph. Karr.
2	(10) 1; (11) 1.	Anonymo
1	(11) 1.	Audigier
1	(6) 1.	Azereido

7 (continua ção I- VI)	1	3	2	1	3	1	8
(4) 1; (5) 1; (6) 1; (7) 1; (8) 1; (9) 1; 10) 1;	(16) 1.	(5) 1; (7) 1; (18) 1;	(4) 1. (8) 1.	(5) 1.	(13) 1; (16) 1. (18) 1.	(7) 1	(8) 1; (9) 1; (12) 1; (13) 1; (14) 1;
<b>B.</b>	<b>B. F. DA. F</b>	<b>B. Seabra</b>	<b>Cazimiro d' Abreu /C.</b>	<b>Dr. J. J. da Rocha</b>	<b>Ernesto Cibirão</b>	<b>F. Hermes</b>	<b>F. J. Bittencou rt da Silva</b>

	1	2	2	2	1	1	2	2
	(12) 1.	(14) 1; (16) 1.	(6) 1; (12) 1.	(12) 2.	(18) 1.	(13) 1.	(1) 1; (8) 1.	(1) 1; (4) 1.
<b>Gery.</b>	<b>Gil</b>	<b>Gomes de Souza</b>	<b>J. A. R. de Rezende; R. de Rezende (Tradução o)</b>	<b>J. B. De Souza Andrade</b>	<b>J. d'Oliveir a Catunda</b>	<b>J. Dantas de Souza</b>	<b>J.C</b>	

3	1	1	1	4	2	1	1
(2) 2; (3) 1;	(15) 1.	(8) 1.	(9) 1.	(3) 1; (5) 1; (13) 1; (19) 1.	(3) 1; (4) 1.	(15) 1.	(2) 1.
<b>J.J.C. DE MACEDO JUNIOR ; MACEDO JUNIOR</b>	<b>Jorge Cussen.</b>	<b>Ladislao Netto</b>	<b>Luiz Peixoto</b>	<b>M.</b>	<b>M. A</b>	<b>M. B.</b>	<b>M. J.</b>
					(continuação) (gão)		1 (Macedinho)



36	21	1	1	3	3	3
Machado D' Assis; M. – as; Machado de Assis; M. de Assis	Moreira de Azevedo	Nicolao Vicente Pereira	Ophir	Paula Brito	R. Fragoso; FRAGOZO; Fragoso	Ramalho Luz
(1) 1; (2) 2; (3) 3; (4) 2; (5) 2; (6) 2;	(1) 2; (2) 2; (3) 1; (4) 2; (5) 2; (7) 1;	(14) 1.	(18) 1.	(1) 1; (3) 1; (9) 1.	(12) 1; (15) 1; (16) 1.	(7) 1; (9) 1; (10) 1

<sup>484</sup> Este artigo vem sem assinatura, no entanto todas as outras críticas teatrais, intituladas *Revista de Teatros*, foram assinadas por Machado de Assis. Desta maneira foi atribuído á Machado de Assis a autoria do mesmo.

2	1	1	2 (I-II)	11	1
(3) 1; (6) 1	(15) 1.	(16) 1.	(8) 1; (9) 1.	(6) 1; (8) 1; (12) 2; (14) 2; (15) 1; (16) 1.	(15) 1.
<b>S. Rabello</b>	<b>S.R (Poesia de S. Rabello)</b>	<b>Sotero de Castro e Silva</b>	<b>V.C</b>	<b>Ver. de R.; Ver; VERS, Ver; Vrs.</b>	<b>VICTOR DEPAR MA</b>

## Anexo 3 – Tipografias d'O Espelho

Tabela 2 Tipografias onde O Espelho foi impresso

Tipografias	Tipografia de Francisco de Paula Brito, na Praça da Constituição, n.º 64	Tipografia Comercial de F. O. Queiroz Regadas, na Praça da Constituição, n.º 9	Tipografia de B.X. Pinto de Sousa, localizada na Rua dos Ciganos, números 43 e 45	Tipografia Americana de José Soares de Pinho, fixada na Rua da Alfândega n.º 197	Comercial de F. O. Queiroz Regadas, na Praça da Constituição, n.º 9
Números	1, 2, 3, 4	5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12	13	14, 15, 16, 17	18 e 19